Francisco Klörs Werneck
(da Ordem dos Advogados do Brasil,
do Instituto Genealógico Brasileiro, etc.)

História e Genealogia Fluminense

EDIÇÃO DO AUTOR

Rio de Janeiro — Brasil
1947

F-1

ARQUIVO IAHGP ORLANDO CAVALCANTI

I

ORIGEM DA FAMILIA WERNECK

A meus irmãos Gilberto, José, Julieta e Lucia

Ao ouvir, mais de uma vez, da boca de um genuino Werneck que o sobrenome de nossa familia não é legitimo, não pude deixar de sorrir, o mesmo acontecendo quando li na «Memoria da Fundação de Vassouras», do Sr. José Mattoso Maia Forte, que, antigamente, se grafava Vernek e que, depois, não se sabe como, se passou a escrever Werneck.

Tal lenda surgiu em vista da falta, até certo tempo, do conhecimento dos legitimos antepassados de Inácio de Souza Werneck, o grande tronco da familia, chegando-se a dizer que os seus sobrenomes foram adotados de um capitão holandês que esteve no Brasil. Ora, o capitão holandês, Gaspar Werneck, de facto existiu, mas era um ancestral dele. Assim, constitue, para mim, evidente prazer o determinar, de uma vez para sempre, a verdadeira origem da nossa familia, com a revelação de documentos de meu arquivo particular, documentos até hoje não descobertos ou obtidos por qualquer membro da familia.

Os primeiros Wernecks brasileiros foram todos fluminenses, filhos legitimos de João Werneck e de D. Isabel de Souza, casados possivelmente no Rio de Janeiro. Foram eles: Inácio, Francisco, Lourenço, Angela, Antônia e Plácido, conforme os respectivos assentos de batismos, adiante transcritos:

> Ignacio — Aos vinte e seis de Fevereiro de mil setecentos e nove batizou e pos os santos oleos com licença minha o Reverendo Mestre Eschola da Sé Manoel Alvares Corrêa a Ignacio, filho de João Berneck e de sua mulher Izabel de Souza; foram padrinhos o Capitão Gaspar Soares e Izabel de Souza, viuva de Chrispim dos Santos. a) Cura Manoel Boucan do Cantos (Livro 6.º, Igreja da Sé, fls. 30 verso).

Faleceu Inácio Werneck solteiro e como sargento da pra-

Ana — 17-2-1738 — Faleceu solteira, na freguesia de N. S. da Conceição do Alferes, com o nome de Ana Ribeira de Jesus.

Inácio — 25-7-1742 — Casou-se com Francisca das Chagas Monteiro, com o nome de Inácio de Souza Vernek.

Manuel — 29-4-1745 — Casou-se com a sua prima Ana Maria Vernek, com o nome de Manuel de Azevedo Ramos.

Antonia Ribeira faleceu, por volta de 1765, na referida freguesia da Paraíba. Manuel de Azevedo Mattos fundou, à margem do rio Sant'Ana, a fazenda da Piedade e construíu a estrada chamada do Azevedo. Possuíu ainda outras terras, pois, por sua morte, recebeu Inácio a sesmaria denominada «sesmaria do Padre Vernek», Manuel a sesmaria do Saco e Ana as terras de Monsores.

Placido — Aos vinte e nove dias do mez de Outubro de 1718, por comisão e licença que tive do Reverendo Padre João Alvares de Barros, Vigario desta freguezia, batizei e puz os Santos Oleos a Placido, filho de João Berneque e de sua mulher Izabel de Souza foi madrinha Izabel da Silva veuva e por verdade fiz este assento dia, mez, era ut supra. a) Padre Francisco Ferreira (Livro 2.º, freguesia de N. S. do Pilar de Iguassú, folhas 28)

Não descobri traços deste 5.º filho de João Werneck e Isabel de Souza, como também de seus irmãos Francisco e Lourenço, pois os livros de óbitos da freguesia do Pilar, justamente os mais antigos, se acham perdidos. Manuseei livros de batismos a partir de 1696, de casamentos a começar de 1715, porém os mais antigos de óbitos são de 1750 em diante. Assim, por uma coisa do Destino, todos os Wernecks, com exceção dos chamados Wernecks de Leopoldina, como veremos a seguír, descendem das filhas, Angela de Souza e Antonia Ribeiro, ou Ribeira, como escreviam.

Quem era, porém, João Werneck, cujo apelido de família era escrito Berneque, Verneque, Vernek e Varneque, pelos vários vigários que o grafaram ? Vamos chegar assim às remotas origens da família Werneck do Brasil, aquí radicada há 250 anos.

Em 1930, preparava-me para o exame vestibular da Faculdade de Direito de Niterói e entre outros estudos, eu fazia o estudo da literatura portuguêsa na «História da Literatura Portuguêsa», de J. Simões Dias, e, na página 268, encontrei uma referência a um poeta Baltazar Werneck Ribeiro de Aguilar, cujos

versos apareceram numa coletânea poética publicada no Rio de Janeiro, em 1848, sob o título «Lísia Poética».

De uma feita, referindo-me a esta «descoberta» em casa de um parente, um tio afim do mesmo, um senhor português idoso, me disse que ouvira falar de uns fidalgos de sobrenome Werneck, em Viana do Castelo, Portugal. Passei então a procurar um português dessa cidade lusa e, por intermédio de um amigo, conheci um senhor, diretor de um jornal português, que me disse que conhecêra essa família e que se eu escrevesse ao Dr. Werneck, de Viana, por certo receberia uma resposta. Escrevi, pois, longa e minuciosa carta a êsse Dr. Werneck e recebi atenciosa e delicada missiva do Dr. Amadeu Werneck Ribeiro de Aguilar, acompanhada de curiosos e interessantes papeis sôbre a remota origem da nossa família.

O Dr. Amadeu me enviou uma bela Tábua Genealógica da família Werneck Ribeiro de Aguilar, de Viana do Castelo, feita de acôrdo com o arquivo da Casa Werneck, o velho solar do ramo português, que ostenta, porém em sua fachada, o brazão dos Ribeiro de Aguilar. Remonta ao século XV a árvo-genealógica dessa família, que passa de Ribeiro a Ribeiro de Aguilar e de Ribeiro de Aguilar a Werneck Ribeiro de Aguilar, por volta de 1660.

Originou-se ela do casamento de Manuel Ribeiro de Aguilar, nascido em 1636, em Viana do Castelo, com Ana Dorotéia Werneck, nascida mais ou menos em 1640 em Lisboa, filha esta de Gaspar Werneck e de sua mulher Mariana de Magalhães, filha legitima de Antonio Rodriguez Coeva, major da praça d'armas de Antuerpia, e Ana Vaz de Magalhães. Gaspar Verneck e Mariana de Magalhães, segundo me informou o Dr. Amadeu, se casaram, em 1639, em Antuerpia, viveram mais porém em Lisboa e Viana.

Nessa sua primeira carta, datada de 11-1-1933, o Dr. Amadeu me agradece o facto de tê-lo posto ao conhecimento do ramo brasileiro da família Werneck, a cujo exato conhecimento sempre aspirára.

Antes, porém, de receber tal carta, o meu saudoso parente, Prof. José Inácio de Lacerda Werneck, em data de 6-1-1932, um ano antes, me informava o seguinte :

«À obsequiosidade de um amigo português, devi o recebimento de um jornal que, falando sôbre Viana do Castelo, fez referências a um certo Gaspar Werneck, que se casára com uma senhora Mariana de Magalhães, no século

XVII. Comunicando êsse achado ao meu saudoso irmão André, êle me disse que lera em Varnhagem que, nêsse século, fôra dado, pelo governo da metropole portuguesa, autorização para Gaspar Werneck armar um navio com 30 bocas de fogo (canhões) e explorar o rio Amazonas».

O trecho de Varnhagen, ou seja, da «História Geral do Brasil», do Visconde de Porto Seguro, é o seguinte, que se acha no tomo III, pag. 283:

«O pôrto do Maranhão, pela grande altura das suas marés, se havia já recomendado como oferecendo estaleiro natural para a querena e construção de navios e, em 1674, um alemão Gaspar Verneque aí fez construír um barco de trezentas e cincoenta toneladas e capaz de receber trinta peças de artilharia (27).

O n.º 27 refere que «Simão Ferreira Coimbra e Gaspar Verneque queixaram-se ao Rei de que o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho lhes havia tomado por duas vezes a gente que trabalhava em uma fragata que construiam, ocupando-a na fábrica de um patacho do próprio governador, destinado ao transporte de cravo do sertão. O Rei, em carta de 4 de Fevereiro de 1669, estranhou ao seu governador êsse procedimento, porquanto não devia divertir a fábrica da mesma fragata, impossibilitando assim aos homens de negócio o seu comercio; antes lhes devia dar toda a ajuda e favor para que se conseguisse a obra começada, pois era em beneficio do bem comum e dos direitos da fazenda real. (Anais da Bibliotéca e Arquívo Público do Pará, I, 58/9, onde se lê Bernique por Verneque, nome ainda estropiado).

A construção foi levada a efeito, porque uma carta régia de 2 de Março de 1674 concedeu a Gaspar Verneque, alemão, o privilégio de poder navegar fóra da fróta um navio que fabricára no Maranhão e capaz de jogar trinta peças de artilharia, e recomendou ao governador que o favorecesse, acomodando-lhe a carga, etc. Conf. F. J. Lisboa, Obras, 3, 417.»

João Francisco Lisboa escreve Varneque em vez de Verneque. Nos «Anais», n.º 7 — «Estranha-se ao Governador o intrometer-se na fábrica de navios dos homens de negócios, indústria que redundando em benefício do bem comum e dos direitos da Fazenda Real, convém muito seja favorecida»—, a carta supra citada, que transcrevo a seguir, respeitando a grafia da época:

«Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Eu o Principe vos envio muito saudar. Da copia da petição que com esta carta vos mando remeter entendereis a queicha, que aqui me fizeram Simão Ferreira Coimbra e Gaspar Bernique moradores nesta cidade, de lhe averdes thomado por duas vezes agente que trabalhava em huma Fragata, que ahy mandarão fazer por sua conta para o ocupardes na Fabrica de hum Patacho vosso em hir tirar Cravo ao Certão, e porque não posso deichar de vos extranhar este vosso procedimento, me pareceo dizer-volo por esta, e que não devereis devertir a Fabrica da dita Fragata, impossibiltando por esta maneira aos homens de negocio seu comersio estrovandolhe a Fabrica de sua embarcação, antes lhes devereis dar toda ajuda e favor, para que concigão a obra comessada, pois he em beneficio do bem comum, e dos direytos da fazenda Real: e o mesmo favor se deve dar a todos os que quizerem fabricar Navios, e medareis conta de como dais a execussam esta minha ordem Escrita em Lixa a 4 de Fevereyro de 1669. O Principe».

Com refêrencia a Gaspar Werneck, há as seguintes informações prestadas pelo Dr. Amadeu ao lado da tábua genealógica do ramo português:

«Além da tradição que diz o Gaspar Werneck procedente de Holanda, existe outra que o faz descender de Brunswick-Hannover, filho de Diniz Werneck, Conselheiro do Duque daquele Estado. Pesquisas por mim ordenadas, nos arquivos de Wolfenbuttel, deram, porém, resultados negativos».

Pinho Leal, em «Portugal Antigo e Moderno», Lisboa 1880, tratando das familias nobres de Viana de Castelo, no titulo Wernecks, diz o seguinte:

«Deu origem a esta familia, em Viana, o holandês Gaspar Werneck, que casou com D. Mariana de Magalhães. Teve esta familia morgado com capela na Misericordia de Viana, do qual foi último administrador seu 5.º neto Baltazar Werneck Ribeiro de Aguilar e Vasconcelos, viúvo de D. Mariana Rita de Noronha Menezes Pita, que faleceu sem geração em 1879 e deixou o seu palacete da rua da Carreira a suas três irmãs solteiras, D. Luiza, D. Inácia e D. Ana».

O último Werneck português, o Dr. Amadeu Werneck, nasceu em 1863 em Viena d'Austria, sendo filho do Dr. José Pedro Werneck Ribeiro de Aguilar, consul português naquela cidade, e de sua mulher Albertina Hrdlicza, natural de Rokitnitz, na Boêmia, e estudou em universidades alemãs, formando-se em medicina pela Universidade de Tuebingen e depois em Coimbra, quando passou a residir em Viana do Castelo, terra de seus antepassados, em 1895.

Manteve ele correspondencia com um Francisco Werneck, funcionário do Real Arquívo de Munich, Baviera, e, anexo à sua carta de 11-1-1933, enviou-me um papel com os seguintes dizeres:

«Existe na Alemanha do Sul a estirpe nobilissima dos Barões de Werneck, ainda florescente em sua varonia, os quais deduzem a sua origem no ducado da Carniola, no vale do rio Save; têm brazão de armas mui diferente do nosso. Um membro dessa família tem um monumento no parque público de Munich. Também há na Baixa Franconia o grande e suntuoso Castelo Werneck, que visitei quando estudava na Universidade de Wurtzburg. Foi, desde 1806 a 1828, residência do ex-grão duque Fernando da Toscana, grão duque de Wurtzburg.

Derivação da palavra em questão: WERN, pequeno afluente do Meno, que banha o referido castelo: ECK, forma antiquada de castelo, principalmente roqueiro. Desde o século XVII os membros da ramificada estirpe, que se tinham estabelecido na Alemanha do Norte, escreviam erradamente Wernicke».

Junto dessas informações, remeteu-me o Dr. Amadeu uma fotografia da Casa Werneck, de Viana, tirada em 1865, vendo-se, em sua sacada, o já referido poeta Baltazar Werneck, com duas irmãs suas. Esse Baltazar, segundo se vê da árvore de costado do ramo português, era filho de Gaspar Miguel Francisco Werneck Ribeiro de Aguilar e de sua mulher Maria Rita Lobo de Abreu Brandão.

Pinho Leal, em sua citada obra, referindo-se a Baltazar Werneck, diz que «faleceu a 16 de janeiro de 1879, deixando Viana inteira coberta de luto e na nossa primeira sociedade um vácuo difícil de preencher» (pag. 431).

Do ramo português morreram no Brasil: José Francisco Werneck Ribeiro de Aguilar (avô do Dr. Amadeu), nascido em

1777 e falecido em 31-10-1854 no Rio de Janeiro, como Juiz aposentado do Supremo Tribunal Federal, e Francisco de Sales Werneck Ribeiro de Aguilar (tio do Dr. Amadeu), nascido em 1841 e falecido em 1867 como 1.º Tenente da Marinha de Guerra do Brasil, na guerra do Paraguái.

O Dr. Amadeu é hoje morto. A carta que lhe escrevi com data de 10-10-1941, foi devolvida com a laconica nota: «Faleceu o destinatário».

Obtive diretamente em Werneck uma fotografia do belo e suntuoso Castelo Werneck (Schloss Werneck), situado nas margens do pequeno e tranquilo rio Wern, o qual está transformado em um estabelecimento de cura e repouso.

Em outra carta, datada de 28-11-1933, êsse ilustre parente português me dava mais as seguintes informações sôbre os Wernecks da Alemanha:

«Como me foi revelado pelo Sr. Francisco Werneck, funcionário do Real Arquivo de Munich, com o qual me correspondi há muitos anos, as armas da família dos Barões de Werneck, cuja casa solarenga no vale do rio Save, na Carniola, já em 1237 era conhecida e nomeada, são: dos braços arnezados, dispostos em cruz, cujas mãos descobertas, viradas para a frente, seguram cada uma um trêvo trifólio; entre os dois antebraços está um coração do qual brota, outrossim, um trifólio. Estas armas foram acrescentadas pelos meiados do século XVII. Mais me disse que realmente existira uma linhagem de Werneck em Brunswick-Lueneburg como consta de um documento autêntico do Real Arquivo de Magdenburg, do teor seguinte: «Os Condes de Hoym outorgaram a Henrique Werneck, mestre da Câmara Ducal de Brunswick, em Wolfenbuttel, um título de eufiteuse comportando 4 1/2 feiras em Eislentedt. Data 6-12-1614.»

Ainda em outra carta, de 10-12-1937, fornecia-me êstes informes:

«O nome Werneck também se nomeia nos documentos do convento brunswiguês de Helmstedt. O Arquivo do Estado em Berlim çonsagra um documento de 20-10-1531, em que figura André Werneck como *Haloe* do convento de Helmstedt. Existem documentos no Arquivo do Estado de Magdenburg que apresentam o nome Wernecke».

O conhecimento regular de cinco linguas estrangeiras me

O último Werneck português, o Dr. Amadeu Werneck, nasceu em 1863 em Viena d'Austria, sendo filho do Dr. José Pedro Werneck Ribeiro de Aguilar, consul português naquela cidade, e de sua mulher Albertina Hrdlicza, natural de Rokitnitz, na Boêmia, e estudou em universidades alemãs, formando-se em medicina pela Universidade de Tuebingen e depois em Coimbra, quando passou a residir em Viana do Castelo, terra de seus antepassados, em 1895.

Manteve ele correspondencia com um Francisco Werneck, funcionário do Real Arquívo de Munich, Baviera, e, anexo à sua carta de 11-1-1933, enviou-me um papel com os seguintes dizeres:

«Existe na Alemanha do Sul a estirpe nobilissima dos Barões de Werneck, ainda florescente em sua varonia, os quais deduzem a sua origem no ducado da Carniola, no vale do rio Save; têm brazão de armas mui diferente do nosso. Um membro dessa família tem um monumento no parque público de Munich. Também há na Baixa Franconia o grande e suntuoso Castelo Werneck, que visitei quando estudava na Universidade de Wurtzburg. Foi, desde 1806 a 1828, residência do ex-grão duque Fernando da Toscana, grão duque de Wurtzburg.

Derivação da palavra em questão: WERN, pequeno afluente do Meno, que banha o referido castelo: ECK, forma antiquada de castelo, principalmente roqueiro. Desde o século XVII os membros da ramificada estirpe, que se tinham estabelecido na Alemanha do Norte, escreviam erradamente Wernicke».

Junto dessas informações, remeteu-me o Dr. Amadeu uma fotografia da Casa Werneck, de Viana, tirada em 1865, vendo-se, em sua sacada, o já referido poeta Baltazar Werneck, com duas irmãs suas. Esse Baltazar, segundo se vê da árvore de costado do ramo português, era filho de Gaspar Miguel Francisco Werneck Ribeiro de Aguilar e de sua mulher Maria Rita Lobo de Abreu Brandão.

Pinho Leal, em sua citada obra, referindo-se a Baltazar Werneck, diz que «faleceu a 16 de janeiro de 1879, deixando Viana inteira coberta de luto e na nossa primeira sociedade um vácuo difícil de preencher» (pag. 431).

Do ramo português morreram no Brasil: José Francisco Werneck Ribeiro de Aguilar (avô do Dr. Amadeu), nascido em

1777 e falecido em 31-10-1854 no Rio de Janeiro, como Juiz aposentado do Supremo Tribunal Federal, e Francisco de Sales Werneck Ribeiro de Aguilar (tio do Dr. Amadeu), nascido em 1841 e falecido em 1867 como 1.º Tenente da Marinha de Guerra do Brasil, na guerra do Paraguái.

O Dr. Amadeu é hoje morto. A carta que lhe escrevi com data de 10-10-1941, foi devolvida com a laconica nota: «Faleceu o destinatário».

Obtive diretamente em Werneck uma fotografia do belo e suntuoso Castelo Werneck (Schloss Werneck), situado nas margens do pequeno e tranquilo rio Wern, o qual está transformado em um estabelecimento de cura e repouso.

Em outra carta, datada de 28-11-1933, êsse ilustre parente português me dava mais as seguintes informações sôbre os Wernecks da Alemanha:

«Como me foi revelado pelo Sr. Francisco Werneck, funcionário do Real Arquivo de Munich, com o qual me correspondi há muitos anos, as armas da família dos Barões de Werneck, cuja casa solarenga no vale do rio Save, na Carniola, já em 1237 era conhecida e nomeada, são: dos braços arnezados, dispostos em cruz, cujas mãos descobertas, viradas para a frente, seguram cada uma um trêvo trifólio; entre os dois antebraços está um coração do qual brota, outrossim, um trifólio. Estas armas foram acrescentadas pelos meiados do século XVII. Mais me disse que realmente existira uma linhagem de Werneck em Brunswick-Lueneburg como consta de um documento autêntico do Real Arquivo de Magdenburg, do teor seguinte: «Os Condes de Hoym outorgaram a Henrique Werneck, mestre da Câmara Ducal de Brunswick, em Wolfenbuttel, um título de eufiteuse comportando 4 1/2 feiras em Eislentedt. Data 6-12-1614.»

Ainda em outra carta, de 10-12-1937, fornecia-me êstes informes:

«O nome Werneck também se nomeia nos documentos do convento brunswiguês de Helmstedt. O Arquivo do Estado em Berlim çonsagra um documento de 20-10-1531, em que figura André Werneck como *Haloe* do convento de Helmstedt. Existem documentos no Arquivo do Estado de Magdenburg que apresentam o nome Wernecke».

O conhecimento regular de cinco linguas estrangeiras me

tem proporcionado a leitura de inumeras obras históricas, todavia, até hoje, só encontrei nomeado o nome Werneck (tal qual o escrevemos hoje) n.º 3.º volume da versão francesa da obra «Histoire de l'Europe pendant la Revolution Française», de H. de Sybel, diretor dos Arquivos Reais e membro da Câmara dos Deputados da Prussia e da Academia de Ciências de Berlim, edição de 1876, pag. 137, onde se lê em tradução por mim aquí feita o seguinte: «Era, então, oito horas da manhã e já Jourdain considerava a jornada ganha pelos republicanos. Nêsse momento, porém, Orange reuniu ainda uma vez todas as suas forças para tentar um último esforço. Êle próprio correu em socorro de Latour com os generais imperiais Alvinzy e Werneck...» e na pag. 138 «imediatamente êle chamou Morlot e Championet, que estavam em Milliet e em Gosselies e os colocou na colina de Jumet, mas, apenas eles alí tomaram posição, quando Werneck e Beaulieu os atingiram, e, com um último assalto, os forçaram também a repassar prontamente o Sambre, com as suas divisões».

Supús a princípio que êsse Werneck fôsse holandês, mas esta sua biografia por mim achada no «Diocionário Biográfico», de Pinheiro Chagas e outros, diz de quem se trata.

«Barão de Werneck — General austriaco nascido em Luizburgo em 1748 e morto em 1806. Fez várias campanhas contra os turcos, comandou um corpo de exercito às ordens do principe de Coburgo, distinguiu-se no cerco de Valenciennes e de Dunkerque, na ação de Chateau Cambresis a 31 de maio de 1794, deixou-se vencer na batalha de Wetzlar, onde dirigia a ala direita do arquiduque Carlos, mas tomou a desforra na batalha de Wurzzburgo, rompendo a linha dos franceses, com a reserva.

Em 1797, tomou o comando em chefe do exercito do Baixo Rheno e, tendo de combater ao mesmo tempo Hoche e Championet, sofreu grandes revezes aos quais pôs têrmo o tratado de Leoben. Deixou então o serviço ativo, mas reapareceu novamente para tomar parte na desforra de Ulm e dispunha-se a partir para a Boêmia com um corpo de dez mil homens quando foi atacado por Murat, que o fez depor as armas.

O arquiduque Carlos nos seus «Principios de estrategia» censura muito Werneck, mas o General Jonini, juiz mais abalizado, aprecia melhor as qualidades militares dêste general.»

Paro aquí na citação de Wernecks estrangeiros, feita mais para determinar a posição da família na Idade Média, voltando a João Werneck, que deu origem à família Werneck do Brasil.

Como vimos acima, viveu ele no Rio de Janeiro, mudando-se depois para Pilar do Iguassú, onde o Dr. André Werneck acha que faleceu antes de 1722, talvez por encontrar uma D. Isabel de Souza, casada com José da Silva Campelo e com filhos a partir do ano de 1723. A prova disto seria dada pelos livros de òbitos mais antigos daquela freguesia, que, como disse, não existem, a não ser a partir de 1750. Para mim, porém, se internou ele no sertão e perdeu o contato com a familia. Aliás, os assentos dos batismos dos seus netos, a partir de 1738, não diz se ele e Isabel de Souza eram mortos.

Em apoio da minha afirmativa de que êle andou pelo sertão, em bandeiras, cito os seguintes trechos de obras bem conhecidas:

«Há presunção de que a nagevação do Guaporé fosse iniciada em 1737 por mineiros que descessem o Sararé, sem dúvida atraídos pelas montanhas que avistavam ao ocidente e que ficavam do outro lado do rio. Como quer que seja, o descobrimento dessa grande arteria e a gloria de abrir um caminho da capital do Mato-Grosso à do Pará deveu-se incontestavelmente a Manuel Felix de Lima, português, que, em 1742, perseguido pela sorte nos trabalhos de mineração nas jazidas de Parecis, dispôs-se a tentar novos azares, descendo do Sararé áquele formoso e grande rio. Aí, no pôrto que chamavam da Pescaria, refez-se de canoas e desceu em busca dos povoados castelhanos dos quais havia noticias vagas para neles tentar negócio. Facilmente angariou outros companheiros sempre prontos, então para aventuras tais e igualmente receosos de volver a Cuiabá, por baldos de recursos seus e daqueles que os tinham ajudado nas minerações.

Subiram o Itononas e o Baurés, mas ainda lhes foi adversa a fortuna, que os missionarios da Madalena e da Exaltação dos Caiobás fizeram retroceder. Lima era um dos poucos companheiros de Antônio Fernandes de Abreu, o investigador das minas do Brumado, que sobreviveram à fome, peste e morticinios, apanágio fatal, desde então, de quasi todos os rios descobertos.

Seus companheiros de viagem foram os paulistas Tristão da Cunha Gago, licenciado, e seu cunhado João Manuel Borba Gato, Mateus Corrêa Leme, outro licenciado, Francisco

Leme do Prado e Dionisio Bicudo, o fluminense João dos Santos, e os europeus Joaquim Chaves, Vicente Ferreira de Assunção e *João dos Santos Werneck*. Acompanhavam-nos quarenta cativos, de todos eles. (Viagem ao redor do Brasil, do Dr. João Severiano da Fonseca, vol. I, pag. 122).

No trecho abaixo da «História do Brasil», de Robert Southey, pag. 398, há omissão do nome de João dos Santos Werneck, talvez por se fazer confusão de João dos Santos, fluminense, com João dos Santos Werneck, português. Aliás, no manuscrito ou cópia do manuscrito de José Barbosa de Sá, li eu à margem de uma página, a anotação de que João dos Santos Werneck era fluminense. E note-se que êle vivia em Pilar do Iguassú, no reconcavo fluminense. Eis o trecho em questão:

«Filho de Portugal, fôra Manuel Felix de Lima, um dos poucos companheiros de Antônio Fernandes de Abreu, que sobreviveram ás misérias do primeiro ano. Apesar de ter exercido no arraial alguns cargos honorificos, não enriquecera; cada dia mais escasso o ouro e mais altos os preços de tudo, procurou e achou êle, cançado de já vêr-se preso a um lugar e de prosseguir num empenho em que perdera os seus atrativos, aventureiros que quizessem ir tentar fortuna pelos rios abaixo. Três dos da partida eram também reinóis, como por este tempo se chamavam no Brasil os nascidos em Portugal, e seus nomes Joaquim Ferreira Chaves, Vicente Pereira de Assunção e Manuel de Freitas Machado. Paulistas eram Tristão Vaz da Cunha, licenciado que gozava da fama de bom escolar, seu cunhado João Barboza Borba Gato, Mateus Corrêa Leme, o licenciado Francisco Leme do Prado e Dionisio Bicudo. João dos Santos, outro dos do rancho, era filho do Rio de Janeiro, perfazendo todos estes com os seus escravos e índios o número de cincoenta».

O historiador Rocha Pombo, em sua «História do Brasil», tomo VI, pag. 292/3, edição do Anuário do Brasil, também se refere a essas aventuras, como segue:

«Os companheiros de Felix de Lima que, melhor inspirados ou melhor protegidos pela fortuna, preferiram retroceder do povo da Exaltação de Caiobás para o Pouso Alegre, trouxeram notícias das missões castelhanas. De Cuiabá mandou imediatamente o ouvidor Gonçalves ao Juiz Ordinário

dos povos de Mato Grosso, Domingos Gonçalves Ribeiro, que fizesse reconhecer aquelas missões e já no ano seguinte (1743) descia com destino a elas José Barbosa de Sá, advogado na vila, e o mesmo que nos deixou uma boa cronologia dos primeiros tempos da capitanía. Foram em companhia de Barbosa de Sá um dos companheiros de Lima, Werneck, e mais Alexandre Rodrigues e Manuel Dias de Castro, que tinham a fama de bons sertanistas. Visitou Barbosa S. Miguel, S. Martinho, S. Luiz, Concepción de Baurés, Madalena no Itonomas, Exaltación de Caiobás no Mamoré, S. Pedro dos Quiniquinaus e S. Roman no Machupo e a própria capital da provincia de Chiquitos, Santa Cruz de la Sierra».

Detenho-me aquí para passar à narração do próprio José Barbosa de Sá, copiada, na parte que interessa, da «Relação das povoações do Cuiabá e Mato-Grosso de seus principios até os presentes tempos», publicada nos «Anais da Biblioteca Nacional», ano de 1901, pag. 42/3, conservada a grafia da época, como segue:

«Os companheiros que haviam ficado na Missão da Exaltação de Sancta Crus do Rio Mamoré no Cuyabá, que foram João dos Santos Varneque, Matheus Correa e Francisco Leme do Prado com alguns escravos e Indios voltaram para Matto Grosso e dando noticia do que haviam visto chegou ate ao Cuyabá do que sciente o Doutor Ouvidor João Gonçalves Pereira escreveo logo ao Juiz ordinario de Matto Grosso Domingos Gonçalves Ribeiro que enviasse pessoa capaz para explorar as povoaçoens de Castelhanos que se achassem mais vizinhas forças que tinham armas gentes capacidade da navegação fizesse hua fiel relação de tudo o que visse e observasse para a inviar a Sua Magestade.

Anno de mil sette centos e quarenta e tres inviou o Juiz Ordinario no mez de Fevereiro a José Barboza de Sá a fazer a deligencia pelo Ouvidor recomendada e desceo em duas canoas com seis escravos do ditto Juiz dous seus proprios dous mossos bastardos Manoel de Crasto e Alexandre Rodrigues hum indio e João dos Santos Varneque hum dos que tinham descido na primeira função e havia dado noticias que se mandavam examinar com armas mantimentos e fazendas para prezentear e congratular as vontades tudo a custa do Juiz e do Inviado.

Teve alguns incontros dos Gentios que em canoas o sa-

hiao a dezafiar pondo em tom de guerra armados de arcos frexas e porretes a todos mitigou as furias sem pegar em armas fezendolhes offertas de couzas de poco valor e para elles de muyto a huns hum chapeo ao outro hum barrete thé faca ainda de baeta hum machado e outros semelhantes prendas.

Revistou todos aqueles distritos a povoação de S. Miguel Sancta Magdalena a de São Martinho São Luiz e a Conceyção de Baurés a Exaltação da Sancta Crus de Cuyabá São Pedro de Caniquinam São Romão théa a Cidade de Sancta Crus de Lacierra; adquerio noticias de toda a Provincia pelos Espanhoes e Indios com quem tratou conversa e prezenteou observou seus costumes tracto e negociaçoens armas e forças militares tomou conhecimento das naçoens Barbaras vizinhas distancias alturas capacidade da navegação e de tudo o mais que convinha fez hua fiel relação que entregou ao Juiz este a remeteo ao Ouvidor e este a Sua Magestade com a qual veio no seguinte ano decreto do ditto senhor em como fazia o Matto Grosso cabeça da Capitania com Governo e Juiz de Fora e previlegios a todos os seus moradores e pessoas que nelle se fossem estabelecer.

Deo este a Payagoá hum assalto no reduto do Laipe adonde estavão algumas pessoas fazendo suas pescarias mattou doze pessoas levou outo vivos escaparão cinco que trouxeram a notícia».

Parece-me lógico supor que João Werneck e o João dos Santos Werneck europeu eram uma só pessoa. Sendo ele natural de Portugal e nascido por volta de 1680, deveria ser neto do Gaspar Werneck, casado no ano de 1639, com D. Mariana de Magalhães. No ano de 1742 deveria estar com uns 60 mais ou menos e nada de admirar-se, porque, para ter-se a fama de bom sertanista, como ele, precisaria passar muitos anos no sertão, e num sertão vasto como o de Cuiabá. Em 1738, sua mulher, D. Isabel de Souza, estava ainda viva e nenhuma menção se encontra da pessoa dele.

E lógica parece ser a minha asserção, porque o seu nome ficou na família, na pessoa de um seu bisneto. Assim é que, do casamento de sua filha Angela de Souza Werneck com o português Fabião Pereira de Azevedo, se batizou, em 23-4-1743, Ana Maria Werneck, que se casou com o seu primo-irmão Manuel de Azevedo Ramos, que foram os pais de um João Werneck. Tive ocasião de verificar que o mesmo, falecido solteiro se assinava Joam Vernek, mas no assento de batismo de sua sobrinha Luiza, filha legitima de Manuel Luiz Arêa e de sua irmã Isabel Maria da Encarnação, em 2-4-1807, na freguesia do Alferes, está «... foram padrinhos João dos Santos Vernek e a viuva Ana Maria Vernek».

Viu-se, porém, dos trechos acima transcritos que havia um João dos Santos ou João dos Santos Werneck, fluminense, o qual aparece, na obra de Severiano da Fonseca, ao lado do outro João dos Santos Werneck, europeu Sempre pensando na existência de um filho de João Werneck e Isabel de Souza, com o nome João, já pronto, para imprimir este trabalho, fiz nova e rigorosa busca em livros da Sé e assim achei o seguinte assento de batismo em que o sobrenome de João, pai, está inteiramente comido pelos bichos:

João — Aos doze de Novembro de mil settecentos e sette com licença baptizou e poz os santos oleos o Reverendo Mestre Eschola Manoel Alvares Correa a João, filho de João Berneck e de sua mulher D. Izabel de Souza foram testemunhas o Capitam Crispim dos Santos e o Sr. Cura Manoel Boucan do Canto e foy madrinha D. Cecilia mulher do Capitam Antonio Correa Pimenta. a) Boucan (Livro 6.º, Igreja da Sé, fls 18 v.)

Se de facto houve dois João dos Santos Werneck, um, europeu, e outro, fluminense, pode-se supor que eram pai e filho. De qualquer forma, trata-se de membros da familia e os trechos citados aquí ficam.

Estabelecida, assim, a origem da familia Werneck do Brasil, passo ao Sargento-Mór Inácio de Souza Werneck, o grande trônco da familia, cujo assento de batismo, conforme o livro 4.º, fls. 53, da antiga freguesia de N. S. da Piedade da Borda do Campo, hoje cidade de Barbacena, é o seguinte:

Ignacio—Aos vinte e sinco dias do mes de Julho do anno de mil setecentos e quarenta e dous, nasceu Ignacio, filho legitimo de Manoel de Azevedo Mattos e neto de Lourenço de Mattos e de Maria Leal, da Freguezia de N. S. da Piedade da ilha do Pico, e de sua mulher Antonia Ribeira e neto de João Bernequé e de sua mulher Izabel de Souza do Reconcavo do Rio de Janeiro deste Bispado, e aos doze dias do mes de Agosto do dito anno, eu o Padre Jozé de Freitas, na pia bautismal desta Freguezia de N. S. da Piedade da Borda do Campo o bautizei solenemente e puz os santos oleos, fo-

ram padrinhos Duarte da Silva Moraes e madrinha Maria da Silveira, mulher de Pedro Oliveira, desta Freguezia, e por verdade fiz este assento hoje doze de Agosto, era ut supra. a) O Vigario Padre Jozé de Freitas.

Casou-se ele, na Sé do Rio de Janeiro, conforme o livro 9.º, fls. 146 v., com D. Francisca das Chagas, batizada em 24-4-1746 na Igreja da Candelária, filha legitima do Ajudante Francisco das Chagas Monteiro e D. Isabel Maria da Visitação.

Francisco das Chagas Monteiro, batizado em 17-9-1708 na Igreja da Candelária, era filho legitimo de Manuel Vieira Ribeiro e D. Luiza Monteira, casados na freguesia da Candelária em 4-8-1703.

Manuel Vieira Ribeiro, batizado em 12-7-1676 na mesma igreja, era filho legitimo de Manuel Vieira Ribeiro e Maria Barboza. Luiza Monteiro, também batizada no Rio de Janeiro em data ignorada, era filha legitima de Mateus Tavares da Costa (filho legitimo de Gaspar da Costa e Maria Tavares Ortiz) e Isabel Pereira, cujos pais não pude identificar, por não se mencionar a freguesia do batismo.

Isabel Maria da Visitação, batizada em 13-7-1712 na Igreja da Candelária, era filha legitima de Manuel da Guerra, natural de Beja, Portugal, e Antônia da Costa, casados na freguesia da Candelária em 19-4-1706.

Manuel da Guerra era filho legitimo de Antônio Rodrigues e Catarina de São Boaventura, e Antônia da Costa, batizada em 12-5-1696 na Igreja da Candelária, filha legitima de Pedro da Costa e Ana Rodrigues de Mello.

No cap. V— As grandes familias da região — da sua «Memoria da fundação de Vassouras», dá o Sr. Maia Forte a seguinte notícia sôbre Inácio de Souza Werneck, o patriarca da família :

«As zonas precedentemente referidas foram o bêrço de numerosas familias da então Capitania depois Provincia e hoje Estado do Rio de Janeiro, que dalí se espalharam pelas vilas de Patí do Alferes, Vassouras e Paraíba do Sul, especialmente e mais tarde por outro municipios fluminenses, pela Capital e outras regiões do país.

De uma delas foi patriarca Inácio de Souza Wernek, que nasceu na freguezia de N. S. da Piedade da Borda do Campo, comarca de Mariana, em Minas Gerais, indo já moço estabelecer-se com os seus pais na de Sacra Família.

Com os recursos de que dispunha a bolsa paterna, estudou em um dos seminários do Rio de Janeiro, mas não seguiu a carreira eclesiástica para casar-se com a filha do correspondente de seu pai, naquela cidade, a cujos cuidados fôra confiado. E já casado, acompanhando o pai na lavoura, foi sucessivamente alferes, tenente e capitão de um dos corpos de milicias, reformando-se no posto de sargento-mór.

Quando ainda capitão, foi designado, em 1801, por D. Fernando José de Portugal, então vice-rei do Brasil, para auxiliar o aldeiamento dos indios corôados no sertão do rio Preto, missão a que se impuzera o fazendeiro do Pau Grande e de Ubá, José Rodrigues da Cruz, com o apoio de seu sobrinho, o capitão Pereira de Almeida (visconde de Ubá). Mais tarde prestou serviços no trabalhos preparatórios para a construção, que se faria logo depois, da magnifica estrada do Comércio, que fez honra à engenharia da época, pelo seu traçado, pelas suas obras — muralhas, calçamentos, pontes e pontilhões — muitas das quais têm resistido à ação destruidora do tempo e do abandono e pela sua grande repercussão na economia rural da extensa região que ia do Iguassú até muito além das margens do rio Preto, linha divisória entre Rio e Minas.

Falecendo sua esposa, em 1811, possuido de inconsolável dor, concluiu o curso eclesiástico, professando na Ordem de Cristo. Em 1814 era presbitero e rezou a primeira missa na capela de sua fazenda, com a assistência de seus filhos, genros, nóras e netos e dos fazendeiros e familias das vizinhanças da sua fazenda.»

Com relação a esta noticia do Sr. Maia Forte, aliás, bem conhecida na familia, devo dar alguns esclarecimentos.

Seus pais, Manuel de Azevedo Mattos e Antônia Ribeira, saindo da Borda do Campo para território fluminense, não se estabeleceram na freguesia de Sacra Familia e sim na de N. S. da Conceição e S. Pedro e S. Paulo da Paraíba. Pelo menos vi os seus nomes alí citados, como padrinhos de casamentos e batismos, a partir de 1759, ao passo que, na de Sacra Familia, nenhuma referência há.

E' facto que Inácio de Souza Werneck bem como seu irmão Manuel de Azevedo Ramos estudaram no Rio de Janeiro, pois, no assento de batismo de Quitéria, filha legitima de Manuel Gomes Leal e Teresa de Jesus, em 25-1-1759, na referida freguesia da Paraíba, consta que foram padrinhos ele e seu ir-

mão Manuel, filhos de Manuel de Azevedo Mattos e fregueses da Sé do Rio de Janeiro. Essa Quitéria, aliás, Quitéria Felicia de Santa Rosa era sua parenta, pois que a mãe, Teresa de Jesus, era prima-irmã de Inácio e Manuel. Era ainda mãe do Padre Manuel Gomes Leal, vigário muitos anos da freguesia de Sacra Familia, bonissimo sacerdote que Maia Forte não cita no trecho acima e que foi companheiro de Inácio na catequese dos Indios coroados.

Natural da freguesia de N. S. do Pilar de S. João d'El-Rei, bispado de Mariana, era o Padre Manuel Gomes Leal primo duas vezes do depois Padre Werneck. Primo pelo lado do pai, Gomes Leal, da ilha do Pico, de que era natural a avó paterna de Inácio, Maria Leal, e primo pelo lado da mãe, Teresa de Jesus, que era filha de Fabião Pereira de Azevedo e Angela de Souza Werneck.

Já velhinho, residia na fazenda do então Capitão Inácio de Souza Werneck, com exercício de capelão do seu oratório.

Inácio de Souza Werneck não concluiu o curso eclesiástico para ordenar-se padre. Em 1813, quando D. José Caetano, em visita a Patí do Alferes, foi procurado por Inácio e dele conta o seguinte: «Finalmente abriu-se comigo Inácio de Souza Werneck, viúvo de 70 anos, chefe de uma vasta familia, piedosa e temente a Deus. Depois de alcançar licença do Principe, porquanto é Major de ordenanças, prometi-lhe de o ordenar brevemente só com as habilitações do exame e do patrimônio e de o fazer vigário da vara das quatro freguesias da serra acima».

Do Arquivo da Câmara Eclesiástica do Rio de Janeiro, Ordens Régias, L. S., 1809, 52, consta a seguinte:

> Havendo o Principe Regente Nosso Senhor por decreto demitido a Ignacio de Souza Vernek do posto de Sargento Mór Reformado das Ordenanças da Côrte, sou servido demiti-lo do referido posto, afim de que possa ordenar-se, como deseja, manda participar a V. Excia. para que possa ser admitido a ordens, sem embargo de se lhe não ter ainda expedido a sua provisão. Deus guarde a V. Excia. Paço, em 15 de dezembro de 1813. O Conde de Galveas ao Senhor Bispo Capelão Mór».

Recebeu ele a 1.ª tonsura e ordens menores em 18-12-1813 e se tornou presbitero em 30 dos mesmos mês e ano. Seu óbito se verificou na freguesia do Alferes, conforme o seguinte assento lançado a fls. 106 do livro:

«Aos dois dias do mes de Julho de mil oitocentos e vinte e dois annos, nesta Freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Alferes, faleceu da vida presente só com o sacramento da Extrema unção o Reverendo Ignácio de Souza Vernek, com o seu solene testamento; foi encomendado solenemente por mim e sepultado dentro da Igreja, acima das grades, do que fiz este assento e assinei. a) O Vigario Manoel Felizardo Nogueira.»

O Sargento-Mór Inácio de Souza Werneck, depois Padre, foi uma alma de escol, um espirito diamantino, que muito fez pelos nossos índios, segundo documentos que tive em mãos. O Juiz de Sesmaria da Côrte, Alexandre José dos Passos Herculano, em uma representação ao Governo, escreveu, em 3-11-1820, a seguinte comunicação, que se encontra na caixa 26 dos documentos do Arquivo Nacional «... nos sertões de Valença, onde existiam alguns índios dispersos das tribus buchamarís, parís, coroados, etc., que todavia já trilhavam vantajosamente idéias de sociedade pelos bem patentes cuidados, ou antes, gênio, prudência e filantropia de um Major Werneck, hoje ordenado e velhinho».

Seus filhos foram os seguintes:

F 1) Maria do Carmo Werneck, batizada em 17-7-1770 e casada em 6-11-1796 com José Pinheiro de Souza, filho legitimo de João Pinheiro de Souza e Paula Pereira Monteiro; ramo Souza Werneck;

F 2) Inácia Delfina, batizada em 28-11-1771 e falecida solteira;

F 3) Luiza Maria Angelica Werneck, batizada a 21-1-1773 e casada em 18-8-1793 com Antonio Luiz dos Santos, filho legitimo de José Luiz dos Santos e Inácia Maria do Rosário; ramos dos Santos Werneck;

F 4) Manuel de Azevedo Mattos, batizado em 6-9-1774 e casado em 18-8-1793 com Rosa Maria dos Santos, filha legitima de José Luiz dos Santos e Inácia Maria do Rosário; ramos com sobrenomes diversos;

F 5) Ana Matilde Werneck, batizada em 3-1-1776 e casada em 1-12-1792 com Francisco Peixoto de Lacerda, filho legitimo de André Peixoto de Lacerda e Gertrudes Mariana da Silveira Bittencourt; ramo Peixoto de Lacerda Werneck;

F 6) Francisco das Chagas Werneck, batizado em 19-1-1778 e casado em 4-2-1813 com Ana Joaquina de S. José, filha legitima de Francisco José Alves e Ana Maria de Jesus; ramo Chagas Werneck;

F 7) Cândida, batizada em 2-4-1780 e falecida solteira;
F 8) Francisca Lauriana, batizada em 11-VII-1783 e falecida solteira;
F 9) Isabel Maria da Visitação, batizada em 22-3-1785 e casada em 30-10-1809 com João Pinheiro de Souza, filho legitimo de José Pinheiro de Souza e Teresa Maria de Jesús; ramos Souza Werneck e Pinheiro Werneck;
F 10) Inácio das Chagas Werneck, batizado em 20-12-1786 e casado em 18-10-1808 com Francisca Joaquina de Jesus, filha legitima de Manuel Pinheiro de Souza e Teresa Maria de Jesus; outro ramo Souza Werneck;
F 11) Joaquina Teodora de Jesus, batizada em 24-9-1789 e casada em 17-6-1816, com João José Alves, filho legitimo de Francisco José Alves e Ana Maria de Jesus; ramos Alves Werneck e Alves de Souza Werneck;
F 12) José de Souza Werneck, batizado em 11-7-1792 e casado em 16-9-1815 com Francisca Joaquina de Jesus, viúva de seu irmão Inácio; outro ramo Souza Werneck.

Dos filhos de Inácio de Souza Werneck e Francisca das Chagas nasceram e se batizaram os três primeiros na freguesia da Sé do Rio de Janeiro e os demais na freguesia do Alferes, onde se casaram nove dos supra citados.

Do casamento de Manuel de Azevedo Ramos, irmão de Inácio, com a sua prima Ana Maria Werneck, em 7-1-1769, na freguesia da Paraíba, nasceram os seguintes filhos:

F 1) José Maria de Guadalupe, batizado em 1770 e casado em 19-8-1801 com Maria Luiza de Oliveira, filha legitima de Inácio Corrêa Tavares e Inácia Maia de Jesús;
F 2) Maria da Conceição, batizada em 20-8-1771;
F 3) Antônia Maria, batizada em 11-10-1772;
F 4) João dos Santos Werneck, batizado em 12-4-1774;
F 5) Manuel de Azevedo Ramos, batizado em 26-12-1776 e casado com Ana Joaquina de S. José;
F 6) Ana Joaquina de S. José, batizada em 11-8-1778 e casada em 4-2-1801 com José Rodrigues Manso, filho legitimo de Pedro Rodrigues Manso e Rosa Maria de Jesús;
F 7) Joaquim de Azevedo, batizado em 18-10-1779;
F 8) Isabel Maria da Encarnação, batizada em... e casada em 4-2-1801 com Manuel Luiz Arêa, filho legitimo de Franciaco Luiz Arêa e Quitéria Felicia de Santa Rosa;
F 9) Inácio de Souza Werneck, batizado em... e casado em 22-9-1805 com Mariana Francisca de Jesús, filha legitima de José Pinheiro de Souza e Teresa Maria de Jesus;

F 10) Teodoro de Azevedo, batizado em...
F 11) Felix de Azevedo Ramos, batizado em 25-5-1784 e casado em 14-4-1828 com Jesuina Francisca Manso, filha legitima de José Rodrigues Manso e Ana Joaquina de S. José;
F 12) Maria Teresa, batizada em 16-8-1785;
F 13) Quitéria, batizada em 29-1-1788.

Dos supra citados, nasceu e se batizou na freguezia da Paraíba apenas o Sargento-Mór José Maria de Guadalupe, senhor da Fazenda da Manga Larga, e os demais na freguesia do Alferes, onde se casaram. Não achei os assentos dos batismos de Isabel, Inácio e Teodoro, todos referidos como naturais da mesma freguesia do Alferes. Como tive ocasião de verificar, muitas pessoas se batizavam em capelas e não tinham os seus batismos registrados nos livros da Igreja e justificavam seu batismo quando se casavam.

Ana Ribeira de Jesús, irmã de Inácio e Manuel, dona das terras de Monsores, faleceu, solteira, na freguesia do Alferes, em 8-9-1804.

Se grandes foram as descendências de Inácio de Souza Werneck e seu irmão Manuel de Azevedo Ramos com as quais se conservou o apelido Werneck, também regular foi a do Werneck, de Leopoldina.

Tratando dêste último, escreveu o Dr. Belisário Vieira Ramos na pag. 6 do seu «Livro da Familia Werneck»:

«Este 2.º Inácio de Souza Werneck, filho de Manuel de Azevedo Ramos pode ser o patriarca dos Wernecks de Muriaé, de que adiante se fala. A pesquisa deve caber aos interessados diretos. Nós temos dificuldades em pesquisar fóra do nosso ramo e limitamos nossos trabalhos à arvore de 1879, já várias vezes citada».

Este 2.º Inácio de Souza Werneck, a que êle se refere, é o 9.º filho de Manuel Azevedo Ramos, que não é o Werneck que deu origem aos Wernecks de Leopoldina, que diz de Muriaé, por equívoco.

A pesquisa, conforme o Dr. Belisário, hoje falecido, devia caber aos interessados, mas, mesmo não interessado diréto, pesquisei a respeito. Este «nós temos dificuldades» não se entende comigo, pois tenho enfrentado duros problemas de ge-

nealogia e resolvido os casos. Emprego em meus trabalhos a primeira pessoa do singular quando se trata de pesquisas só minhas e o plural quando se refere a mais de um.

Este outro Inácio de Souza Werneck, o 4.º do mesmo nome, era filho de outro Inácio de Souza Werneck, o 3.º, o qual, por sua vez, era filho legitimo de Manuel Gomes Leal e Teresa de Jesus e, esta, filha legitima de Fabião Pereira de Azevedo e Angela de Souza Werneck.

Era o 4.º Inácio de Souza Werneck irmão do Padre Manuel Gomes Leal, de Francisco Gomes Leal, de Teresa de Jesús e de Quiteria Felicia de Santa Rosa. Inácio, Manuel e Teresa eram naturais da freguesia de N. S. do Pilar de S. João d'El-Rei e Francisco e Quitéria da freguesia da Paraíba, mineiros, pois, os três primeiros e fluminenses os dois últimos.

Para os interessados dirétos, transcrevo o asssento de batismo do 4.º Inácio de Souza Werneck, conforme copiei de um livro da freguesia de Sacra Familia do caminho novo de Tinguá:

«Ignacio—Aos vinte dias do mez de Maio de mil setecentos e oitenta e oito em a capela de Nossa Senhora de Belem, filial desta freguesia de Sacra Familia, batizei solenemente e puz os Santos Oleos a Ignacio, que nasceu aos quatorze dias do mesmo mez, filho legitimo de Ignacio de Souza Verneque, natural e batizado em a Freguezia de Nossa Senhora do Pilar da Vila de São João d'El-Rey, bispado de Mariana, e de Maria Thereza de Jesus, natural e batizada em a Freguezia de Nossa Senhora da Candelaria da Cidade do Rio de Janeiro, neto pela parte paterna de Manoel Gomes Leal e sua mulher Thereza de Jesus, aquele natural da Freguezia de Nossa Senhora da Piedade da Ponta da Ilha do Pico, Bispado de Angra, e esta natural e batizada em a Freguezia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, Bispado de Mariana, e pela materna de João Pinheiro de Souza, natural e batizado na Freguezia de Unhão do Arcebispado de Braga, e de sua mulher Paula Pereira Monteiro, natural e batizada em a Freguezia de Nossa Senhora do Pilar de Iguassú deste Bispado; foram padrinhos o Guarda Mor Geral Fernando Dias Paes Leme da Camara e sua mulher Dona Francisca Peregrina de Souza e Mello, aqui moradores e tambem os Pais do Batizado nesta Freguezia, do que fiz este assento e assignei. a) O Vigario Manoel Gomes Leal.»

Em 8-3-1790, batizou-se seu irmão Reginaldo, nascido em

24-12-1789, e, em 21-6-1791, sua irmã Luiza, falecida em 12-7-1791, com 3 semanas de vida, como diz o seu óbito.

Em apoio do que acima disse, transcrevo umas notas colhidas nos «Documentos da familia Werneck», papeis antigos reunidos pelo Dr. André Vernek (como se assinava) e encadernados, em livros, pelo Arquivo Nacional. Do pouco que dalí extraí, mal sabia que tais notas iriam servir um dia. Dizem elas:

Origem dos Wernecks de Leopoldina

São descendentes de Ignacio de Souza Werneck, de Valença, morador na Fazenda da Cachoeira no Rio das Flores. Eram dois irmãos, êste e Reginaldo de Souza Werneck, que nunca se casou, mudando-se para Natividade de Carangola.

Inácio casou-se com Albina Joaquina de Lacerda, filha legitima de Alvaro Pinheiro Correia de Lacerda e Angela de Lacerda. Em 1845, mudou-se para Feijão Crú, hoje Leopoldina. Deixou 13 filhos: 5 homen e 8 mulheres, a saber:

F 1) Alvaro de Souza Werneck; morou em Cambucí;
F 2) Casemiro;
F 3) Reginaldo, o informante;
F 4) Joaquim;
F 5) Albino;
F 6) Maria José, casada com José Tavares Pinheiro;
F 7) Ana, casada com Justino de Azevedo Ramos, do Patí, filho legitimo de José Maria Guadalupe;
F 8) Mariana, casada com José Joaquim Monteiro;
F 9) Francelina, casada com José Maria Penha;
F 10) Floriana, casada com Henrique Delfim Silva, de Valença;
F 11) Inácia, casada com João Lourenço Ferreira de Lacerda;
F 12) Elidia, casada com Pio Rafael Arcanjo da Fonseca;
F 13) Maria da Gloria, casada com Manuel Joaquim Pereira.

Reginaldo, que se mudou para Carangola, deixou filhos naturais, mas reconhecidos».

Os filhos estão aquí, não na ordem do nascimento, mas como a deu Reginaldo, o informante.

Estabelecida a origem dos Wernecks de Leopoldina, restanos falar ainda de um Werneck que encontramos, o qual devia ser irmão ou primo de João Werneck, pela época em que

viveu aqui. Transcrevo a notícia do vol. VI, pags. 113/5, edição de 1820 das «Memorias históricas do Rio de Janeiro», de Monsenhor Pizarro, cap. X, § 2:

«Manuel de Andrade Warneque, nascido na cidade de S. Salvador da Bahia de todos os Santos e Doutor Canônico pela Universidade de Coimbra, ocupou a vara de Vigario Geral, em que o provera o Bispo D. Frei Antônio de Guadalupe, quando por Apresentação de 13 de setembro de 1725 e Confirmação de 17 de dezembro do mesmo ano, se empossou na Dignidade Arcediacal a 18 seguinte, que deixou pelo acesso à de Chantre a 1.º de máio de 1728.

Sendo Vigario Geral, visitou algumas igrejas do Recôncavo, nos anos de 1728 a 1729. Por ausência daquele prelado em Minas Gerais, no ano de 1733, governou o Bispado, e, por delegação do Bispo D. Frei Antônio do Desterro, em Portaria de 4 de setembro de 1752, exerceu o mesmo cargo. Com Provisão de 1.º de dezembro dêsse ano, até o de 1762, ocupou o Reitorado do Seminário Episcopal de S. José, e a Portaria de 10 de janeiro de 1757 confiou-lhe a Visita das Igrejas Matrizes, Capelas e Oratórios da Cidade, igualmente a do Convento da Ajuda e dos Recolhimentos. Apesar de proibir a Provisão da M. C. O., de 19 de abril de 1738 o provimento de Parocos Encomendados em Capitulares ou Conegos da Sé, cuja provisão era sabida pelo Reverendissimo Bispo D. Frei Antônio do Desterro, pois que se registrou no Livro de Registros das Provisões Régias da Câmara do Bispado de Angola em 1745, que êle então ocupava; munido Warneque com as provisões do mesmo Bispo, datadas de 31 de agosto de 1762, passou a paroquiar a Igreja de Vila Nova de Goiaz e a reger a Vara daquela comarca até o ano de 1767, para que lhe delegou o Diocesano plenos poderes e subdelegou as Faculdades Pontificias.

Servindo o cargo de Fabriqueiro da Igreja Catedral, mandou fazer, de madeira de jacarandá, as cadeiras do Côro, para cuja obra concorreu o Bispo Desterro com 400 U réis, e a torre à frente da Igreja de N. S. do Rosário para se assentarem os sinos e o relógio mandado por El Rei.

Devotissimo de N. S. da Cabeça, colocada no altar último da parte do Evangelho daquele templo, contribuiu francamente com as esmolas que poude para se ornar o mesmo altar, junto ao qual determinou o séu jazigo, falecendo em idade decrépita a 22 de setembro de 1786».

Sobre o mesmo diz ainda Pizarro no Cap. III do vol. IV o seguinte:

«Entre os ministros de maior distinção, que dignos de lembrança perpétua gravaram os seus nomes nos Anais da Diocese e mereceram a veneração constante dos homens daquele século, foram singulares o Deão Gaspar Gonçalves de Araujo, o Tesoureiro-mór Lourenço de Valadares Vieira, o Chantre Doutor Manuel de Andrade Warnek e o Arcediago (depois Tesoureiro-mór Doutor José de Sousa Ribeiro de Araújo»).

Da «Correspondência do Bispo do Rio de Janeiro com o governador da Metrópole nos anos de 1754 a 1800», transcrita no vol. 63 da «Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro», colho a pags, 71/2, ano de 1768, a seguinte nota sobre o referido sacerdote:

«O Chantre Manuel de Andrade Werneck, natural da Bahia, Doutor em Canones, o qual tem servido ao Bispado há mais de cincoenta anos, vindo provido na dignidade de Arcediago da Sé, foi um dos três Governadores nomeados que regeram êste Bispado na ausência do Bispo D. Frei Antônio do Desterro, durante a sua visitação, foi Reitor do Seminário dêste Bispado e Visitador do Recôncavo e especialmente da Capitania Geral de Goiaz com todos os poderes de Vigário Geral.

Em todos êstes ministérios deu sempre boa satisfação do que se lhe encarregou e, em tantos anos que tem servido à Sé, tem feito uma residência tão assidua em seu beneficio que, ainda hoje, carregado de oitenta anos, é raridade faltar uma só hora de serviço da Igreja.

A frouxidão em que se acha fazia que seus oficios não produzissem os bons efeitos da disciplina do côro, como pús na presença de Vossa Magestade, mas as minhas diligências e recomendações particulares, de que encarreguei ao Arcediago atual, tem produzido um melhoramento em que se acha a mesma disciplina. Contudo, é um eclesiástico de merecimento e sua vida e costume são exemplares».

Terminado êste trabalho, resta-me dizer como me acho ligado a alguns dos Wernecks acima citados.

Sou neto dos Barões de Bemposta, Inácio Barbosa dos

Santos Werneck e sua prima Luiza Amélia de Oliveira Werneck.

Inácio Barboza dos Santos Werneck era filho legitimo de Antônio Luiz dos Santos Werneck e Ana Maria d'Assunção, neto paterno de Antônio Luiz dos Santos e Luiza Maria Angélica Werneck, e materno de Antônio Vieira Machado e Isabel Inácia do Nascimento.

Luiza Maria Angélica era filha do patriarca da familia, o Sargento-Mór Inácio de Souza Werneck, e de sua mulher Francisca das Chagas Monteiro.

Luiza Amélia de Oliveira Werneck era filha legitima de Fernando Luiz dos Santos Werneck e Jesuina Policena de Oliveira, neta paterna de Antônio Luiz dos Santos e Luiza Maria Angélica Werneck, e materna de José Maria de Guadalupe e Maria Luiza de Oliveira.

O Sargento-Mór José Maria de Guadalupe era filho legitimo de Manuel de Azevedo Ramos (irmão de Inácio de Souza Werneck) e sua prima-irmã Ana Maria Werneck, e Maria Luiza de Oliveira era filha legitima de Inácio Corrêa Tavares e Inácia Maria de Jesús, neta paterna de Francisco Tavares (o fundador da freguesia do Alferes) e Isabel Corrêa de Oliveira, e materna de Antônio Dias e Josefa da Conceição.

Um dos filhos do Barão, meu pai, Napoleão Werneck, engenheiro agrônomo e ex-funcionário do Ministério da Agricultura, nascido a 20-11-1860 e batizado a 16-2-1862 no oratório da fazenda de Sant'Ana do Calçado, filial da matriz de S. José do Rio Preto, bispado de São Sebastião do Rio de Janeiro, se casou, em 27-7-1889, em Angustura, Estado de Minas Gerais, com Maria Carlota Klörs, nascida a 29-8-1869 e batizada a 17-9-1869 na matriz de Vassouras, Estado do Rio, filha legitima de Matias Klörs, natural da cidade livre de Lübeck, e de Mariana Adolfina da Costa, natural e batizada em S. João d'El-Rei, Estado de Minas.

Do casamento de Napoleão Werneck e Maria Carlota Klörs nasceram 10 filhos, cinco já mortos, e mais cinco vivos, dos quais, o mais moço, nascido a 25-3-1905, em Icaraí, Bairro de Niterói, capital do Estado do Rio de Janeiro, é o rabiscador e compilador das notas constantes dos trabalhos que se vai lêr.

II

GOMES RIBEIRO — RIBEIRO DE AVELLAR

Ao Dr. José Inácio da Rocha Werneck

Sem pretender fazer trabalho completo sobre esta histórica e fidalga gente, vou dar apenas o que encontrei em minhas pesquisas de pouco mais de três anos.

O primeiro Gomes Ribeiro, de que achei rastos, foi o Capitão-Mór Francisco Gomes Ribeiro, cavaleiro do hábito de N. S. Jesús Cristo, natural do lugar de Albufeira, freguesia de Sant'Ana da Carnota, têrmo de Alenquer, patriarcado de Lisboa, filho legitimo de Manuel Fernandes e Maria Gomes.

Faleceu no Rio de Janeiro em 25 de dezembro de 1738, seu corpo foi amortalhado no hábito de S. Francisco e depositado na Igreja da Santa Casa da Misericordia, aonde foi encomendado pelo seu Reverendo Paroco e mais doze padres. Morreu, novamente viúvo, e deixou testamento de cujos fragmentos extraí estas notas. Foram seus testamenteiros, pela ordem, Francisco Gomes Ribeiro, seu sobrinho; o Capitão-Mór Domingos Francisco de Araujo e o Padre Marcos Gomes Ribeiro, também seu sobrinho.

Morava na Rua Direita, hoje Primeiro de Março, e só deixou filhas, perdendo-se, assim, os apelidos de familia. Foram elas:

Isabel de Souza, casada com João Werneck;
Inácia Gomes, » » Francisco de Lucena Montarroyos;
Cecilia da Silva, » » Antônio Correia Pimenta;
Helena da Silva, » » Gaspar Soares de Castro;
Inez da Silva, » » Miguel Gonçalves Portela.

Membro de uma das mais nobres familias do velho Portugal, desherdou sua filha Inácia «que foi casada com Fulano de Lucena, christão novo, contra meu gosto», como diz em seu testamento.

Helena da Silva foi ainda casada com Manuel Gomes de Abreu e, viúva dêste, com Vitoriano Vieira Guimarães.

Quer Alberto Lamego na sua «Terra Goitacá», quer Julio Feydit nos seus «Subsidios para a História dos Campos de Goitacazes», referem que a posse dos donatários da Capitania da Paraíba do Sul, ou seja, de Martim Corrêa de Sá, 1.º Visconde de Asseca, e João Corrêa de Sá, General dos Estreitos da India, filhos do General Salvador Corrêa de Sá e Benevides, por estarem aqueles na India, foi dada a 29 de maio de 1677, na pessôa do Capitão Francisco Gomes Ribeiro, nomeado para o cargo, por Martim Corrêa Vasqueanes, Governador da Capitania do Rio de Janeiro, presente ao áto.

O «Auto de posse da Villa de Sam Salvador de Campos», transcrito por Feydit na pag. 57 do seu trabalho, na íntegra, é bastante curioso por mostrar os hábitos da época, todavia, só transcrevo a parte final do mesmo:

«Anno do Nascimento de N. S. J. C. de 1677 aos 29 dias do mez de Maio do dito anno n'esta villa digo nesta Povoação de Sam Salvador Capitania da Parahiba do Sul aonde o Juiz Ordinário da cidade de Assumpção de Cabo Frio Geraldo Figueira da Guarda veio em virtude de huma carta de deligencia atraz escrita do Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca da repartição do Sul o Capitão Francisco Barreto de Faria e sendo em o dito dia acima declarado em o sitio de Sam Salvador pelo Capitão Francisco Gomes Ribeiro que prezente estava com o Procurador bastante do Visconde de Asseca Salvador Correa de Sá foi apresentada uma doação pela qual sua Alteza foi servido fazer mercê aos ditos Visconde e General, de uma sórte de terras que consta de trinta legoas por Costa ou as que se acharem, começando a medir-se depois de passada treze de Cabo Frio para o Norte com as condições e declarações contheudas na dita doação requerendo ao dito Juiz que em cumprimento da dita Carta de deligencia e titulo lhe desse posse da dita terra, o que visto pelo dito Juiz mandou ao Capitão Francisco Gomes Ribeiro, por não haver porteiro que apregoasse, se havia alguma pessoa que tivesse duvida ou embargo a dar a dita posse ou a que quizesse contradizer, o que o dito Capitão com o dito Procurador fez huma, duas e mais vezes, sem haver pessoa alguma que a quizesse impedir, em razão do que o dito Capitão entrou na dita e as passeou de uma parte para outra, fazendo dellas e de seus pertences corporal apegação por poimento de pés e mãos, tomando n'elas terra, ramos e ervas, arrancando e botando para o ar, pelas quaes cousas e auto de posse que assim fez dice que tomava e havia tomado em nome de seus constituintes o Visconde de Asseca e Salvador Corrêa de Sá e o General João Corrêa de Sá posse das ditas terras e seus pertences Real, Atual, Civil e Natural possessão, pedindo e requerendo ao dito Juiz lha houvesse assim por dada, e por não haver pessoa que duvida alguma pozesse, lha deo mansa e pacificamente quanto por direito devia e podia fazer por bem de seu officio o qual elle acceitou de que tudo mandou o dito Juiz, que conforme as condições contheudas na doação por que sua Alteza fizera mercê aos sobreditos seus constituintes, estavão obrigados a formar logo a villa que havião que havião offerecido, para a qual havia já grande numero de moradores os quaes estavam presentes, etc..

De tudo mandou o dito Juiz fazer um auto e nele assinou com o referido Capitão Mór, sendo testemunhas Manuel Pereira Pinto, o Capitão Antônio Coelho de Bastos, o Alferes Antônio de Freitas Palma e João de Souza e todos os mais moradores que presentes estavam.

Vimos acima que o Capitão Mór Francisco Gomes Ribeiro se referiu a dois sobrinhos seus: Francisco e Marcos.

O primeiro, chamado o Moço para se distinguir do tio do mesmo nome, faleceu na freguesia de N. S. do Pilar do Iguassú em 14 de outubro de 1763, e, pelo seu testamento feito, nesta cidade, em 19 de setembro do mesmo ano, na casa do seu sobrinho Antônio Ribeiro de Avellar, verifiquei que foram seus testamenteiros, pela ordem, os seguintes: seu sobrinho Antônio Ribeiro de Avellar; seu sobrinho Francisco Rodrigues Ribeiro (irmão do anterior); seu compadre Domingos Gonçalves, mestre ferreiro; Pedro Caetano Portela, morador no Rio de Janeiro, o Padre Francisco Pereira de Rezende, capelão de sua fazenda, e, finalmente, a Veneravel Ordem Terceira de N. S. do Carmo desta cidade.

Também natural e batizado na freguesia de Buferia (como está no seu testamento aquí feito), era filho legitimo de Sebastião Gomes e Maria da Cruz, ambos já falecidos e da mesma sorte seus avós maternos e paternos, diz ele. Morava na sua fazenda ou Engenho da Posse, na freguesia do Pilar, e deixou, de mulheres solteiras, quatro filhos: Isabel Joaquina de Sant'Ana, religiosa do convento de Sant'Ana da cidade de Lisboa;

Jacó, Luciano e Timoteo, sendo os três últimos seus herdeiros universais, uma vez que a situação da primeira fôra devidamente ajustada com o convento. Deixou aos três duas terças partes dos seus bens, reservando-se o restante, que distribuiu por vários parentes: seu irmão o Reverendo Padre Marcos Gomes Ribeiro; sua sobrinha Paula da Cruz, na Pátria; seus sobrinhos Francisco Rodrigues Ribeiro, José Rodrigues Ribeiro, Luiz Rodrigues Ribeiro, Joaquim Rodrigues da Cruz, Nicolau Rodrigues da Cruz; Joaquina, filha de sua sobrinha Paula da Cruz, e Antônio Gomes Ribeiro, que viera da Bahia e vivia no Rio de Janeiro.

Por devoção à Santa Rita, determinou que se erigisse uma capela à mesma, na sua fazenda da Posse, a qual Antônio Ribeiro de Avellar, seu sobrinho-neto, como testamenteiro, levantou, com provisão de 22 de abril de 1765, no ano seguinte, colocando nela imagens santas mui perfeitas e bem ordenadas e com paramentos para uso do Santo Sacrificio. Tinha, diz Monsenhor Pizarro no vol. I de suas «Memórias Históricas», por patrimônio, 100 braças de terra.

Não procurei rastos dos filhos que deixou, sabendo, por uma referência, que o segundo deles, Jacó, levava o sobrenome Gomes Ribeiro.

Como seu tio, Francisco Gomes Ribeiro, o Moço, também viveu muitos anos no Brasil. Em 1716 já morava na freguesia de Pilar do Iguassú e com a sua prima-irmã Helena da Silva foram os padrinhos de Antônia Ribeira, filha de outra prima-irmã sua, Isabel de Souza.

E' de Maia Forte, pag. 9 de sua «Memoria da Fundação de Vassouras», a seguinte noticia sobre as terras que ele possuiu:

> «Aparece em 1716, obtendo em 13 de fevereiro a concessão de uma sesmaria de uma legua em quadro, no mesmo caminho, Francisco Gomes Ribeiro, o moço. situando a terra pedida entre a data que fôra de Marcos da Costa e a rocinha do Governo».
>
> E mais adiante:
>
> «Em 1750, Manuel Gomes Ribeiro e Francisco Gomes Ribeiro, que se achavam estabelecidos com bastantes lavouras em Páo Grande, juntamente com Antônio da Costa Araujo, todos possuidores de uma fazenda no referido caminho e paragem, à vizinhança da propriedade do coronel Fernando da Silva, declarando haverem cultivado terras que corriam para as bandas de Inhomirim, das quais se consideravam possuidores, alargaram sua propriedade, obtendo, em 12 de setembro de 1758, nova sesmaria de uma legua em quadro, nos fundos de sua fazenda».

Mas quem seria êste Manuel Gomes Ribeiro, citado por Maia Forte e que poderia ser confundido com Marcos? Irmão não era, possivelmente primo. Manuel Gomes Ribeiro era natural e batizado na freguesia de S. Simão, termo da vila de Cadaval, bispado de Lisboa, filho legitimo de João Vieira de Abreu e Isabel Gomes. Casou-se, em 29-8-1736, na freguesia do Pilar, com Isabel de Lima, batizada nessa freguesia e exposta em casa de Francisco de Lima. Nos livros em que pesquisei, encontrei dele a seguinte descendência:

> Francisco Gomes de Lima, filho natural de Maduel Gomes Ribeiro e Joana de Lima, casado na freguesia do Pilar, em 14-9-1758, com Plácida Mariana de Jesus, natural e batizada na freguesia de S. João do Merití, filha legítima de Afonso da Costa e Maria do Rosário.
>
> Isabel Gomes, filha legitima do Cap. Manuel Gomes Ribeiro e Isabel de Lima, natural e batizada na freguesia do Pilar, onde se casou, em 24-11-1758, com Teodosio Netto, filho legitimo de Alexandre Netto e Catarina João, natural e batizado na freguezia de S. Salvador de Pena Maior, comarca de Pena fiel, bispado do Pôrto.

Quanto ao Padre Marcos Gomes Ribeiro, verifiquei que morou muitos anos na freguesia do Pilar, mas em 1743 já estava na Borda do Campo, hoje cidade de Barbacena, pois em 3 de maio daquele ano foi padrinho de Ana (Ana Maria Werneck), batizada na capela do Ribeirão e filha legitima de Fabião Pereira de Azevedo e Angela de Souza, esta irmã da supra citada Antônia Ribeira, primas, assim, do referido sacerdote.

No tomo 86, pagina 454, da Revista do Instituto Histórico e Geográfico, diz o Dr. Vieira Fazenda, que o Capitão Francisco Ribeiro era pai do rico padre Marcos Ribeiro, cujo retrato figura na galeria dos benfeitores da Misericordia. Enganou-se, pois, o ilustre autor das «Antiqualhas», já que o próprio Capitão diz que era seu sobrinho.

Vimos, no testamento de Francisco Gomes Ribeiro, o Moço, referência a vários sobrinhos seus, portadores dos apelidos Ribeiro de Avellar, Rodrigues Ribeiro e Rodrigues da Cruz.

Um deles não foi alí contemplado, talvez por ser pessoa

de largas posses. Quero referir-me a José Rodrigues da Cruz. Sim, porque êste e Antônio Ribeiro de Avellar eram irmãos, ambos naturais e batizados na já referida freguesia de Sant'Ana da Carnota e filhos legitimos de João Rodrigues e Paula da Cruz, da mesma freguesia. A origem do apelido Avellar até hoje não o descobri. Deve provir de avô, paterno ou materno.

Já que é minha intenção fazer um trabalho parte histórico, parte genealógico, fixando os principais vultos da história fluminense de antanho, vou deter-me um pouco em Antônio Ribeiro de Avellar e José Rodrigues da Cruz.

Referindo-se ao segundo, escreve Augusto de Saint-Hilaire, pag. n. 42, de sua «Viagem pelas provincias do Rio de Janeiro e Minas»:

«Não há muitos anos que essa habitação de Ubá, hoje tão bela e florescente, não existia ainda. Foi o tio do Sr. Almeida que a mandou construir. Esse tio, o Sr. José Rodrigues, possuia originariamente uma legua de terras incultas em Páu Grande; asssociou-se a dois comerciantes do Rio de Janeiro, que lhe forneceram capitais; levantou em suas terras o engenho que ainda hoje existe aí e começou a administra-lo. Ubá era então habitada por indios selvagens, e apenas dois negros de Páu Grande se aventuravam a atravessar a floresta para ir pescar às margens do Paraíba. Entretanto, o Sr. José Rodrigues vivia em boas relações com os indios; iam visitá-lo em Páu Grande; dava-lhes de comer, regalava-os com aguardente e estes acabaram por convencê-lo a se ir estabelecer entre eles. Entrementes os associados do sr. José Rodrigues faleceram; êste desgostoso pelos embaraços de uma tutoria que deveria ser muito prolongada, abandonou Páu Grande e, aproveitando-se do oferecimento dos indios, foi abrir fazenda em Ubá».

E' de Mattoso Maia Forte, pag. 10/1, de sua «Memoria da Fundação de Vassouras», o seguinte trecho com referência a Rodrigues da Cruz:

«Páu Grande e suas redondezas concentraram, durante alguns anos, a importância agrícola da região. Estavam estabelecidos aí os Gomes Ribeiro, que possuiam grandes extensões de terras e escravatura bastante para os mistéres das suas lavouras, como o disseram nas suas petições de sesmarias.

«Com uma das filhas de um dêsses Gomes Ribeiro, D. Francisca Ribeiro, casára-se José Rodrigues da Cruz, que, por morte de sua esposa e em virtude da adjudicação de bens feita no inventário para solução de dividas do casal, ficara senhor dos seguintes imóveis: duas terças partes das terras, casas de vivenda do Páu Grande e da Rocinha (também chamada Rocinha do Governo), com seus marmeleiros, bens êsses que comprára aos herdeiros do tenente Marcos Gomes Ribeiro e a Manuel Gomes Ribeiro em 1780; uma sesmaria que lhe fôra adjudicada na execução que movera contra José da Silva, seu devedor; e uma sesmaria no Páu Grande, obtida em 1786. Da outra terça parte da fazenda do Páu Grande, por compra feita a Isabel Borges Teixeira, em 1779, eram proprietários o tenente Antônio Ribeiro de Avellar e sua mulher D. Antonia Maria da Conceição e Antônio dos Santos e sua mulher D. Francisca Maria da Conceição. A ambos os casais pertenciam também todas as bemfeitorias do engenho do Páu Grande, escravos, o gado vacum, cavalar e muar aí existentes».

«Santos e Avellar são, sem dúvida, os dois comerciantes do Rio de Janeiro, aos quais, segundo Saint-Hilaire, se associára Rodrigues da Cruz, fornecendo êstes os capitais precisos».

«Morrendo um dos seus sócios ou por outro motivo, dissolveu-se a sociedade e Rodrigues da Cruz foi fundar uma outra fazenda em Ubá, a curta distancia do Paraíba, em terras dominadas pelos seus vizinhos os coroados, e dedicou-se, como o fizera em Páu Grande, à cultura da cana, que já lhe era tão conhecida tanto quanto os segredos, se é que os havia, do fabrico de açucar e da aguardente».

Saint Hilaire dá ao sobrinho de José Rodrigues o nome de J. Rodrigues de Almeida. Trata-se, na verdade, do Capitão João Rodrigues Pereira de Almeida, filho legitimo de Mateus Pereira de Almeida e Margarida Herculana Rodrigues, depois Barão de Ubá.

Pelos dados que coligi, José Rodrigues da Cruz não se casou com uma filha de um dêsses Gomes Ribeiros, D. Francisca Ribeiro. Casou-se, pela 1.a vez, com D. Francisca de Siqueira e Moraes, natural da vila de Pitanguí, filha legitima do Capitão Antônio José Leme, natural da vila de Mogí, bispado de S. Paulo, e de D. Gertrudes de Siqueira e Moraes, natural da freguezia de N. S. do Pilar da vila de Pitanguí, bispado de Mariana, ao que parece no próprio lugar do nascimento de sua mulher, onde nasceu Antônio Ribeiro da Cruz (F 1), que se casou com D. Leonarda Maria de Rezende, natural do arraial

dos Prados e filha legitima do Cel. Severiano Ribeiro, natural de Loures, patriarcado de Lisboa, e D. Josefa Maria de Rezende, natural da freguesia dos Prados.

Os demais filhos, nascidos na freguesia de N. S. da Conceição do Alferes, conforme os respectivos assentos de batismos, foram:

F 2)	Francisco	—	14-4-1773;
F 3)	Joaquim	—	21-4-1774;
F 4)	Luiz	—	6-9-1775;
F 5)	Braz	—	20-10-1777;
F 6)	Joaquim	—	11-4-1780;
F 7)	Ana	—	25-12-1781;
F 8)	Rosa	—	8-2-1784.

Foi padrinho de Francisco (F 2), Antônio Ribeiro de Avellar, solteiro, tio da creança. Identifiquei-o como o Padre Francisco Rodrigues Ribeiro de Avellar, a que Saint Hilaire, pag. 287 da sua obra citada, se refere nos seguintes termos: «Era impossivel ser alguem melhor que o falecido vigário Sr. Francisco Rodrigues Ribeiro de Avellar. Assim se chamava meu hospedador. Sua casa estava aberta a quem quer que fosse; o pobre estava certo de alí encontrar auxílio, e jamais qualquer paroquiano dêsse digno pastor foi atormentado para pagamento de taxas eclesiásticas. O Sr. Francisco Rodrigues não era homem instruído, não era, tampouco, muito espirituoso; todavia, experimentava-se prazer em sua companhia, porque sua bela alma expandia-se em tudo o que dizia, era de gênio afável e alegre, e humor constante».

Estava então o escritor e naturalista francês na Vila do Principe, capital da comarca de Serro do Frio, pelo ano de 1817.

Falecendo-lhe a mulher, em 12-11-1785, casou-se, pela 2.a vez, com D. Joaquina Maria de Rezende, natural da freguesia dos Prados e batizada na capela de N. S. da Gloria da Ressaca, filha legitima de Joaquim Ferreira da Silva, natural do termo de Rifaina do Soiza, bispado do Pôrto, e D. Ana Joaquina de Rezende, da mesma freguesia dos Prados.

Dêste casamento, nasceram os seguintes filhos, todos batizados na referida freguesia do Alferes:

F 9)	Boaventura	—	27-7-1789;
F 10)	Paula	—	4-7-1790;

F 11)	José	—	2-4-1793;
F 12)	José	—	8-9-1794;
F 13)	Maria	—	8-9-1795;
F 14)	Peregrino	—	10-5-1797;
F 15)	José	—	9-7-1798;
F 16)	João	—	8-10-1799;
F 17)	Nicolau	—	6-4-1801;
F 18)	Joaquim	—	8-9-1803.

Os dois comerciantes do Rio de Janeiro, sócios de José Rodrigues, citados por Saint Hilaire e apontados por Mattoso Maia Forte como Antônio Ribeiro de Avellar e Antônio dos Santos, assim se chamavam realmente.

Santos e Avellar eram casados na mesma familia e moravam na freguesia de Santa Rita da Côrte. Minhas notas genealógicas, ali colhidas, informam o seguinte:

Antonio dos Santos, natural da freguesia de São Mamede da Infesta, bispado do Pôrto, filho legitimo de Manuel dos Santos, natural da vila da Feira, bispado do Pôrto, e Maria dos Santos, natural da dita freguesia de S. Mamede. Casado com Francisca Maria da Conceição, natural da freguesia de Santa Rita e filha legitima de Braz Gonçalves Portugal, natural da freguesia de Santa Maria de Veade, comarca de Chaves, arcebispado de Braga, e Francisca Antônia da Conceição, natural da freguesia da Candelária.

Tiveram os seguintes filhos, todos batizados na freguesia de Santa Rita:

F 1)	Mariana	—	12-3-1774;
F 2)	José	—	16-9-1775;
F 3)	Francisca	—	12-9-1778;
F 4)	João	—	20-11-1779;
F 5)	Joaquim	—	2-6-1781;
F 6)	Maria	—	5-10-1782;
F 7)	Ana	—	24-1-1784.

Antônio Ribeiro de Avellar, natural da freguesia de Sant' Ana da Carnota, termo de Alémquer, patriarcado de Lisbôa, filho legitimo de João Rodrigues e Paula da Cruz, da mesma freguesia. Casado com Antônia Maria da Conceição, filha legitima de Braz Gonçalves Portugal e Francisca Antonia da Conceição, supra citados.

Tiveram os seguintes filhos, todos batizados na freguesia de Santa Rita:

F 1) Joaquina — 1-4-1775;
F 2) José — 13-4-1777;
F 3) Maria — 18-7-1778;
F 4) Antônio — 13-6-1780;
F 5) Maria — 16-6-1781;
F 6) João — 20-7-1782;
F 7) Rosa — 5-7-1783;
F 8) Francisco — 1788.

O último filho do casal foi Joaquim Ribeiro de Avellar, depois Barão de Capivarí, nascido em 1791, ainda no Rio de Janeiro. Mais adiante voltarei a êste fluminense, chefe de uma família de honrosas tradições.

Para os que, como eu, amam a Historia e a Genealogia, acrescento que Braz Gonçalves Portugal era filho legitimo de João Dias e Antônia Gonçalves, da mesma freguesia de Veade, e que Francisca Antonia da Conceição (ou d'Assunção, conforme alguns assentos) filha legitima de João Lopes, natural do lugar de Outeiro, termo da vila de Certã priorado de Crato, batizado na freguesia de S. Pedro da mesma vila, e de Brigida de Macedo, natural e batizada na freguesia da Candelária do Rio de Janeiro.

Chegamos à fomação da familia Gomes Ribeiro de Avellar, oriunda do casamento de Luiz Gomes Ribeiro com Joaquina Matilde d'Assunção, que trouxe o Avellar e cujo assento de batismo conforme o Livro 2.º, fls. 147, da freguesia de Santa Rita do Rio de Janeiro, é o seguinte:

«Joachina — No primeiro dia do mes de Abril de mil sette centos e setenta e cinco baptizei e pus os Santos Oleos a Joachina innocente filha legitima de Antonio Rib.º de Avellar, natural da freguezia de Santa Anna da Carnota termo de Alemquer Patriarcado de Lisboa e de sua mulher Antonia Maria da Conceição natural desta freguezia de Santa Rita, neta pela parte materna de Braz Gonçalves Portugal, natural da freguezia de Santa Maria de Veade Comarca de Chaves Arcebispado de Braga e de sua mulher Francisca Antonia da Assumpção natural da freguezia da Candelaria desta cidade e paterna de João Roiz e de sua mulher Paula da Cruz ambos da mesma freguezia de Santa Anna Carnota, foi padrinho Antônio dos Santos e madrinha a dita Francisca Antônia da Assumpção, nasceo aos quatorze dias do mes de Março proximo passado, do que fiz este assento. a) O Vigario Antonio José Corrêa

Casaram-se Luiz Gomes Ribeiro e Joaquina, em 1794, na freguezia de Santa Rita, onde se batizaram os seguintes filhos:

F 1) Cláudio Gomes Ribeiro de Avellar, Barão de Guaribú, sem descendência conhecida. Falecido em 1863.

F 2) Francisco Gomes Ribeiro de Avellar, negociante no Rio de Janeiro. Casado com Feliciana de Carvalho, faleceu sem descendência.

Em tal ocasião, já dissolvida a sociedade proprietária da magnifica fazenda do Páu Grande, foi ela ter às mãos de Luiz Gomes Ribeiro, genro de um dos sócios, Antônio Ribeiro de Avellar, o qual fez construir ali, entre 1797 e 1810, segundo calcula Maia Forte, o edificio principal, que ainda hoje pode ser visto por quem viaja pela Linha Auxiliar. Ficava a fazenda na freguesia de N. S. da Conceição do Alferes, onde se batizaram e se casaram mais os seguintes:

F 3) Luiza Inácia da Conceição, batizada em 19-5-1798 e casada com João Barboza dos Santos, natural e batizado na freguezia de Sacra Familia do Tinguá, filho legitimo do Capitão José Luiz dos Santos e Inácia Maria do Rosário.

F. 4) José Gomes Ribeiro do Avellar, batizado em 5-10-1800 e casado, em 11-6-1835, com Maria Francisca de S. José, natural e batizada na mesma freguesia, filha legitima do Sargento Mór Francisco das Chagas Werneck e Ana Francisca de S. José.

F 5) Joaquina Rosa d'Assunção, batizada em 29-11-1801 e casada, em 27-8-1815, com Joaquim José dos Santos Silva, natural e batizado na freguesia de N. S. da Piedade da vila de Pitanguí, bispado de Mariana, filho legitimo do Alferes José dos Santos Silva e Teodora Pires Monteiro.

Tendo residido algum tempo aquí, nasceu e se batizou no Rio de Janeiro o

F. 6) João Gomes Ribeiro de Avellar, Barão e Visconde de Paraíba, de quem falaremos depois.

Voltando à fazenda do Páu Grande, batizaram-se e casaram-e na freguesia do Alferes ainda os seguintes:

F. 7) Manuel Gomes Ribeiro de Avellar, batizado em 2-11-1806. Foi dono da fazenda da Glória, que eram terras de seus pais, e se casou com Carlota Francisca de Paula.

F 8) Maria Isabel de Avellar, batizada em 24-10-1807 e casada com Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, 2.º Barão de Patí do Alferes, natural e batizado na mesma freguesia, filho legitimo do Capitão Francisco Peixoto de Lacerda e Ana Matilde Werneck.

F 9) Paulo Gomes Ribeiro de Avellar, Barão de S. Luiz, batizado em 22-10-1809 e casado, em 27-1-1842, com Feliciana Carvalho de Avellar, natural de Portugal, sendo dispensados os laços de parentescos. Era viúva de seu irmão Francisco.

F 10) Margarida Emilia Herculana de Avellar, batizada em 19-10-1810 e casada, em 8-5-1825, com Braz José Rodrigues Viana, natural e batizada na vila de Viana, arcebispado de Braga, filha legitima de Angelo Bernardo Salgueiro e Maria Rodrigues. Viúva, casou-se Margarida Rodrigues Viana, em 2.as nupcias, em 31-1-1840, com José Egidio de Miranda Castro, filho legitimo de José de Miranda Castro e Clemência Candida de Miranda.

F 11) Leocadia, batizada em 17-5-1812 e falecida criança.

F 12) Felisberta Balbina da Conceição, batizada em 27-2-1814 e casada em 24-6-1826 com o seu tio Sargento-Mór Francisco Ribeiro de Avellar, natural e batizado na freguezia de Santa Rita da Côrte, filho legitimo de Antônio Ribeiro de Avellar e Antônia Maria da Conceição.

F 13) Cláudia Joaquina d'Assunção, batizada em 1817, casada em 13-2-1831 com Manuel Gomes Ribeiro, natural e batizado na cidade de Lisbôa, filho legitimo de João Gomes Leitão e Gertrudes dos Santos.

F 14) Quintiliano Gomes Ribeiro de Avellar, batizado em 14-2-1819 e casado com a sua sobrinha Emilia.

Folheando processos antigos de sesmarias, verifiquei que Luiz Gomes Ribeiro, Cavalheiro da Ordem de Cristo, requereu, em 1817, na vila de Valença, sesmarias para os seguintes filhos: João Gomes Ribeiro, Luiza Inácia, José Ribeiro de Avellar, Cláudio Gomes Ribeiro e Joaquina Rosa da Conceição.

Conta Elói de Andrade (Grandeza e decadência da provincia fluminense) que, em casa e fora dela, ostentava Luiz Gomes ares de grão-senhor. Quando viajava, ia sempre acompanhado de pagens, armados de trabucos e pistolas das então chamadas de cano de bota. Exigia que todos os saudassem e com súbido respeito.

De um administrador da grande fazenda de S. Felipe, Jaime Rodrigues dos Santos, homem sério, que, em sua mocidade em 1840, mantivera com a gente da Boa Vista íntimas relações, ouviu o autor uma anedota acerca de Luiz Gomes, bem típica do feitio dos antigos cafezistas.

Viajava certa manhã acompanhado dos indefectiveis pagens armados, quando encontrou um desconhecido bem trajado, parecendo-lhe pessoa de distinção. Vinha só, o que causou espanto ao fazendeiro. Saudou-o em tom de perfeita cortezia e cordialidade:

— Bons dias, Senhor!

Mergulhado em funda meditação, o desconhecido não respondeu. Rapidamente parou Luiz Gomes o animal em que montava e, voltando-se para os pagens, ordenou-lhes que à força apeassem o desconhecido, atirassem-lhe o chapéu ao chão, para ensiná-lo a ser mais educado. Obedeceram os escudeiros, intimando o viandante a apear-se para, de chapéu na mão, cumprimentar seu senhor. Ante os seus trabucos, aperrados, obedeceu o desconhecido.

Prometemos focalizar, embora rapidamente, nos limites deste trabalho, a pessoa de João Gomes Ribeiro de Avellar. Voltamos, pois, a êle. O assento do seu batismo, conforme o livro 3.º, fls. 134, da freguesia de Santa Rita do Rio de Janeiro, é o seguinte:

«João — Aos dezasete dias do mez de Jan.º de mil e oitocentos e cinco baptizei e pus os Santos Oleos a João inocente filho legitimo de Luis Gomes Rib.º natural do Patriarcado de Lisboa e de sua mer. Joaquina Matildes da Senção natural desta Cide foram Padrinhos João Roiz Pera de Almda e Anna Angelica da Concam Neto paterno de Antonio Rib.º de Avelar da freg.ª de Santa Anna da Carnota do mmo Patriarcado e de sua mer Joanna Francisca, e pela materna declaro que o Paterno se chama Antio Gomes e a mer Joana Francisca e materno Antio Rib.º de Avelar e sua mer Antonia Maria da Conceiçam. Naceo aos sete dias deste prezte mes e ano era ut supra. a) O Coadjutor Antonio Francisco Velloso.

A noticia biográfica que do mesmo nos dá o Barão de

Smith Vasconcelos em seu conhecido «Dicionário Nobiliárquico» é a seguinte :

«Faleceu na Paraíba do Sul, Provincia do Rio de Janeiro, em 12 de Janeiro de 1879. Filho de Luiz Gomes Ribeiro de Avellar e D. Joaquina Matilde de Assunção. Casou-se com D. Carolina de Azevedo, filha do Comendador Manuel Joaquim de Azevedo. Era irmão da 2.a Baroneza de Patí do Alferes, do Barão de São Luiz, do Barão de Guaribú e sobrinho do 1.º Barão de Capivarí.

Era Coronel da Guarda Nacional da Paraíba do Sul e de Petrópolis e importante fazendeiro nesse municipio. Era grande Império, dignatário da Imperial Ordem da Rosa e Comendador da de Cristo.

Brazão de Armas — Escudo esquartelado : no 1.º e no 4.º, de verde, um leopardo de ouro passante e um chefe de ouro com três estrelas de góles ; no 2.º e 3.º, de outro, três faixas de azul, carregadas de três bezantes de prata cada uma, e, no centro, um escudete, tendo em campo de prata um ramo de cafeeiro e uma cana de açucar ao natural, posto em aspas.

Titulo de Barão passado a 30-12-1858, registrado no Cartório da Nobreza, Liv. VI, fls. 39. Corôa — a de Conde.

Creação dos titulos : Barão em 11-10-1848, Visconde em 4-3-1876.

O assento de batismo de D. Carolina de Azevedo vem logo a seguir, no livro acima citado, e consta do seguinte teor :

«Carolina — Aos onze dias do mes de Fevereiro de mil oitocentos e sinco annos baptizei e pus os Santos oleos a Carolina innocente filha legitima do Capitam Manoel Joaquim de Azevedo, natural da cidade de Lisboa, e de Dona Rosa Thereza Caetana da Silva natural desta cidade, do que fiz este assento forão padrinhos o Capitam Lourenço Caetano da Silva e Dona Mariana Soares de Oliveira, nasceo aos onze dias do mes de Janeiro do dito ano do que mais fiz este assento. a) O Vigario José Caetano Ferreira de Aguiar.

O assento do casamento dos pais de Carolina e, portanto, dos sogros do Barão e Visconde da Paraíba, consta do livro 2.º, fls. s/n.º, da mesma freguesia e está assim concebido :

«No dia vinte e cinco do mez de Dezembro de mil oitocentos e quatro, o R. Francisco dos Santos Pinto, em observancia do despacho do muito Reverendo Doutor Provizor Francisco Gomes Villasboas, que por commissão de Sua Exa. Reverendissima despachava os requerimentos que ao mesmo Reverendissimo e Exmo. Senhor pertenciam, e dispensadas as denunciações pelo mesmo Senhor Arcebispo, recebeu em sua presença e das testemunhas o Padre Luiz de Souza Dias e Lourenço Caetano da Silva, ao Capitão Manoel Joaquim de Azevedo, natural da freguesia de Santo André do Patriarcado de Lisboa, filho legitimo do Doutor Manoel de Azevedo e de D. Maria Thereza de Jesus, e a D. Rosa Thereza Caetana da Silva, filha do Capitão e Governador da Conceição Lourenço Caetano da Silva e de Mariana Soares de Oliveira, cujos contrahentes, como me consta por hua certidão do ditto R. Francisco dos Santos Pinto, obtidas as licenças competentes, forão recebidos em matrimonio por palavras de presente em que manifestarão seus mutuos consentimentos a vista das dittas testemunhas e tambem lhes dei as bençoens nupciais e para constar fiz este assento no dia vinte e seis do mez de Dezembro de mil oitocentos e quatro. a) O Coadjutor Antonio Glz. Per[a]

Não tive oportunidade de pesquisar a descendência dos Barões e Viscondes da Paraíba, mas verifiquei que 5 foram os filhos que sobreviveram e deixaram geração : Manoel, João, Luiz, Carolina e Rosa, nascidos e batizados na freguesia da Paraíba do Sul.

Uma das duas filhas, Rosa Carolina Azevedo Ribeiro de Avellar, entrou para a familia Werneck, casando-se com Francisco Quirino da Rocha Werneck, filho do 1.º Barão de Palmeiras e irmão do Barão de Werneck e 2.º Barão de Palmeiras.

Se grande e ilustre foi a descendência da filha mais velha de Antônio Ribeiro de Avellar, Joaquina Matilde d'Assunção, não menor foi a do irmão cadete, Joaquim Ribeiro de Avellar.

Foi êle vereador da vila do Patí em 1823 e 1827, depois 1.º Barão de Capivarí, e pai de um filho do mesmo nome, que foi o Visconde de Ubá.

Este segundo Joaquim Ribeiro de Avellar se casou com Mariana Velho da Silva, filha do Conselheiro José Maria Velho da Silva, Veador da Casa Imperial, e de sua mulher D. Leonarda Maria da Motta, Dama de Honra de S. M. a Imperatriz.

Deste casal nasceram o Dr. Antonio Ribeiro Velho de Avellar, o Coronel Joaquim Ribeiro de Avellar, e D. Maria José de Avellar, que se casou com o Desembargador Manuel Vieira Tosta, Barão de Muritiba.

Sendo meu intuito só tratar das gerações mais antigas, aqui me detenho, deixando aos interessados o trabalho de ligar os seus antepassados às suas pessôas.

III

DE ROCHA A ROCHA WERNECK

Á D. Heloisa Cabral da Rocha Werneck

Sôbre Francisco Quirino da Rocha, 1.º Barão de Palmeiras, que serviu de início para êste meu trabalho, dá o Barão de Smith Vasconcelos, em seu célebre «Arquivo Nobiliarquico» a seguinte noticia:

«Casou-se com Luiza Maria de Jesus e Souza, filha de Manuel Pinheiro de Souza e de sua mulher Tereza Maria de Jesús. Era avô do 2.º Barão de Palmeiras e do Barão de Werneck e Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial e Comendador da Imperial Ordem de Cristo.

Brazão de Armas — Escudo com as armas dos Rochas: em campo de prata uma aspa de vermelho e sôbre ela cinco vieiras de ouros, bordadas de azul. Elmo de prata guarnecido de ouro.

Corôa — A de Conde.

Creação dos titulos — Barão em 26-7-1849 e Barão com grandezas em 6-11-1850.»

Uma vez que usava êle as armas dos Rocha, vamos vêr de onde eram os Rochas originários.

Sanches de Baena escreve: «Nos reinos de França, Castela, Aragão, Galiza, Napoles e na Hibernia, tem sido êste apelido de grandes senhores e ilustres casas. Da mesma maneira o achamos em Portugal, sem que se saiba se é oriundo deste reino ou se veio de alguns daqueles. José Freire Montarroyo diz que as memórias dêste apelido só se acham do tempo del'Rei D. João I para cá».

Vilas Boas e Sampaio, porém, já esclarece a sua origem em Portugal, dizendo: «São Franceses, que vieram para êste Reino e fizeram seu assento em Viana, e já no ano de 1126 se acha Arnaldo da Rocha, companheiro do Mestre do Templo, D. Galdim Paes».

Se Smith Vasconcelos nada informa sôbre a naturalidade e filiação de Francisco Quirino da Rocha, eu, porém, fui até

seus bisavós, paternos e maternos, e posso dizer que a familia Rocha, a que ele pertencia, era portuguêsa, possivelmente de origem galega.

Sua mais remota ancestral brasileira foi Teresa de Jesús, conforme o assento do teor seguinte:

Thereza — Aos vinte e quatro do mêz de Junho de mil setecentos e vinte e seis anos baptizei e puz os santos oleos a Thereza, filha de Antonio João Chaves e de sua mulher Maria do Pilar e foi padrinho Manoel Pires, do que fiz este assento. a) Coadjutor Padre Ignacio Rodrigues de Figueiredo (Livro 2.º de batismos da freguesia de N. S. do Pilar de Iguassú, Bispado do Rio de Janeiro, pag. n. 21, 1714-57).

O casamento de Teresa de Jesús, conforme o livro 5.º de casamento, pag. 68 verso da freguesia da Candelária do Rio de Janeiro, está assim concebido:

«Aos vinte e sette de Novembro de mil settecentos e corenta e hum nesta Parochial em prezença do Reverendo Coadjutor Padre Antonio Ferreira da Cruz e das testemunhas abaixo nomedas se recebeo em matrimonio por palavras de prezente feitas as diligencias necessarias na forma do Sagrado Concilio Tridentino e Constituições, Antonio da Rocha Solha natural e batizado na freguezia de Santo Ildefonso extra muros da Cidade do Porto filho legitimo de Hilário da Rocha e de sua mulher Luiza Soares com Thereza de Jesus, natural e batizada na freguesia de Pilar de Iguassú termo desta Cidade, filha legitima de Antonio João e de Maria do Pillar sua mulher e morador o contrahente nesta freguezia como tudo consta da provizão do Muito Reverendo Vigario Geral e Juiz de Cazamentos o Doutor Manoel Freire Batalha e por não constar impedimento algum canonico e tendo se confessado lhes assistio o sobredito Coadjutor e lhes deo as benções e sendo testemunhas Feliciano da Silva e Leandro Andrade Guimarães, do que fiz este assento. a) O Vigario Ignacio Manoel.

Segundo verifiquei por outro assentamento, Antonio João passou a ser Antonio João Chaves, porque era natural da cidade de Chaves, em Portugal, e Maria do Pilar, sua mulher, era natural da mesma freguesia do Pilar, de modo que o Barão de Palmeiras era um pouco mais brasileiro e Teresa de Jesus era a sua segunda ancestral brasileira.

Do casamento de Antonio da Rocha Solha (em espanhol Solla, apelido galego) com Teresa de Jesus, nasceu, entre outros, José da Rocha Chaves, pai do Barão de Palmeiras, o qual, por sua vez, veio a se casar com Josefa Maria da Camara, e assim vamos ver quais os antepassados desta.

Josefa Maria da Camara era filha de José da Camara Paim e de Catarina do Nascimento, cujo assento de batismo, conforme o livro 2.º da freguesia do Pilar, pag. 3, é o seguinte:

Catherina — «Aos vinte de Abril de mil e sete centos e dezaseis bautizei e puz os sanctos oleos a Catherina, filha de Manoel Soares e de sua mulher Antonia da Silva, foram padrinhos Ignacio Martins e Izabel Gomes que mandou hum anel seu, do que fiz este assento. a) O Vig.º João Alvares de Barros.»

No livro 4.º de casamentos da Candelária, está, em data de 17-6-1735, o de José da Camara Paim, natural e batizado na freguesia de S. Catarina da Ilha Terceira, filho legitimo de João da Camara Paim e Sebastiana do Rosario, com Catarina do Nascimento, supra citada.

Tratando de Camara Paim, não podemos deixar de evocar um dos mais belos episódios da historia da Ilha da Terceira, quiçá do próprio Portugal.

Quando da revolução de 1.º de Dezembro de 1640, estava em Liboa, o fidalgo terceirense Francisco de Ornelas da Camara Paim, um dos quarenta fidalgos da restauração portuguêsa.

D. João IV, o novo rei, chamando-o, o encarregou de levar pessoalmente ás ilhas açorianas a nova da Restauração, reduzindo à sua obediencia o inexpugnável castelo do Monte Brasil, onde D. Alvaro de Viveiros com seus soldados se aquartelára e governava por Felipe III.

Partiu ele a 21 de Dezembro de 1640 e aportou à Terceira no dia 7 de Janeiro de 1641, num domingo, dia memorável, escolhendo, para desembarque, o lugar do Pôrto Martins, perto da Vila da Praia, depois chamada Vila da Praia da Vitoria, onde tinha casas e criados.

Após um ano de apertado cêrco em que permaneciam os 500 soldados de Castela. D. Alvaro se rendeu a 4 de Março de 1642, sendo a capitulação assinada na casa do Capitão Ornelas, que, a 11 do mesmo mês, partia a levar tal noticia ao

rei, sendo cumulado de honras, honras tantas que fez perigar sua vida por causa de intriga vil.

Familia típicamente açoriana, da Camara Paim, se originou do casamento de uma «da Camara», conforme se lê na «História Insulana», do Padre Antonio Cordeiro, com um «Paim», familia que procede de Tolamim Paim, fidalgo inglês que passou a Portugal com a rainha D. Felipa.

Feita esta digressão, voltamos ás certidões, esta velha mania minha, com três assentos de óbitos de um livro da freguesia do Pilar, que as traças quasi de todo devoraram.

São eles de Antonia da Silva, de sua filha Catarina do Nascimento e de Antonio da Rocha.

Antonia da Silva — Aoz quinze dias do mez de Septembro de mil setecentos e sessenta annos faleceo da vida prezente com os Sacramentos da Penitencia e Extrema Unção Antonia da Silva, viuva de Manoel Soares, minha Parochiana. Faleceo ab intestata e depois de encomendada foi sepultada dentro desta Igreja em cova da Fabrica della, sendo amortalhada em hum lençol, de que fis este assento que assigno dia era ut supra. — O Vigario Francisco Xavier Tavares de Moraes. (pag. 29).

Catharina do Nascimento — Aos onze dias do mez de Junho de mil sete centos e oitenta e hum nesta freguezia de N. Senhora do Pilar de Iguassú faleceo da vida prezente com todos os sacramentos Catharina do Nascimento, viuva de José da Camara Paim, ab intestada, e depois de encomendada foi sepultada em hua das sepulturas da fabrica desta Igreja, do que fis este asssento que assignei. a) O Vigario Joaquim Gonçalves de Figueiredo. (pag. 162).

Antonio da Rocha — Aos quinze dias do mez de Julho de mil sete centos e sessenta e oito annos nesta freguezia de Nossa Senhora do Pilar de Iguassú, faleceo da vida prezente sem sacramentos por morrer de repente e sem testamento Antonio da Rocha cazado com Thereza de Jesus, morador nesta freguezia; foi amortalhado em hum lençol, depois encomendado por mim, foi sepultado em huma cova da fabrica desta Igreja, do que fis este assento e assignei. a) O Vigario encomendado Miguel Gomes Torres. (pag. 127).

Disse acima que José da Rocha Chaves e Josefa Maria da

Camara, cujo assento de casamento não encontrei na freguesia do Pilar, foram os pais de Francisco Quirino da Rocha, 1.º Barão de Palmeiras.

Encontrei, porém, os assentos dos batismos de ambos, conforme o livro 2.º, respectivamente, paginas 94 verso e 102, assim:

José — Aos dezoito de Março de mil sette centos e quarenta e oito nesta Igreja de Nossa Senhora do Pilar de Iguassú bautizou e pos os Santos Oleos o Reverendo Francisco Pereira Rezende, Coadjutor desta freguezia, a José, filho de Antonio da Rocha e de Thereza de Jesus sua mulher, neto pela parte paterna de Hilario da Rocha e Luiza Soares, naturais da Cidade do Porto, e pela materna de Antonio João Chaves, natural de Chaves, e de sua mulher Maria do Pilar, natural desta, foy Padrinho Antonio Barboza, do que fis este assento que assignei. a) O Padre Luiz Carvalho, vigario encom.º

(Nota ao lado: nasceo aos nove do dito mez. Foi averbado a requerimento de Thomaz Luiz da Rocha e outros a 9 de Maio de 1890. a) Silveira).

Josefa — Aos dezoito de Agosto de mil sette centos e sincoenta nesta Igreja de Nossa Senhora do Pilar de Iguassú bautizei e puz os Santos Oleos a Joseta, filha de José da Camera Paim e de Sebastiana do Rozario digo Catherina do Nascimento, neta pela parte paterna de João da Camera Paim e D. Sebastiana do Rozario, da Ilha Terceira, e pela materna de Manoel Soares dos Reis e Antonia da Sylva, naturais do Rio de Janeiro, forão padrinhos Domingos Coelho e Joseta Correa mulher de Antonio Gracia, do que fis este assento. a) O Pe. Luiz Carvalho, vig.º encom.

(Nota ao lado: nasceo aos nove do dito mez).

Como tenho o hábito da documentação, apesar de já se ter dito que meus trabalhos são sem documentação (sic), faço os seguintes esquemas para os interessados.

Antes deles, porém, a título de curiosidade, informo que Antônio da Rocha aparece, no Rio de Janeiro, como oficial de ourives, morando, já casado, na rua detraz da Candelária, que deve ser a atual Rua da Quitanda.

Quanto a José da Camara Paim, há a indicação de que vivia de suas lavouras.

Filhos de Antônio da Rocha e Teresa de Jesús, casados em 27-11-1741:

F 1)	José	—	bat.	18-3-1748
F 2)	Maria	—	»	10-8-1749
F 3)	Ana	—	»	15-4-1751
F 4)	João	—	»	6-2-1753
F 5)	Teresa	—	»	3-5-1756
F 6)	Angelica	—	»	23-3-1760
F 7)	Manuel	—	»	24-2-1762
F 8)	Luiz	—	»	31-3-1764
F 9)	Francisco	—	»	23-6-1766
F 10)	Teodora	—	fal.	16-9-1768, recem nascida

Filhos de José da Camara Paim e Catarina do Nascimento, casados em 17-6-1735:

F 1)	Manuel	—	bat.	18-6-1736
F 2)	Teresa	—	»	9-8-1738
F 3)	Francisco	—	»	26-3-1740
F 4)	Antonio	—	»	18-8-1741
F 5)	Simão	—	»	9 5-1743
F 6)	Ana	—	»	19-3-1747
F 7)	?	—	»	1-2-1749
F 8)	Josefa	—	»	18-8-1750
F 9)	Maria	—	»	4-1-1752

Do casamento do F-1 de Antonio da Rocha e do F-8 de José da Camara Paim, nasceu, possivelmente em 1780, Francisco Quirino da Rocha, 1.º Barão de Palmeiras.

A dispersão dos livros da antiga freguesia de N. S. do Pilar de Iguassú não me permitiu achar o assento de casamento dos supra citados. O livro 1.º, a partir de 1696, se acha na Curia Metropolitana; os seguintes no Convento de Petrópolis e alguns no Bispado de Barra do Piraí e na Igreja de Nova-Iguassú.

Por certidão de batismo transcrita a fls. 53 do livro de batismos da freguesia do Alferes é que fui verificar onde nasceu e se batizou o Barão. Diz ela o seguinte:

Francisco — Aos vinte e seis dias do mez de Junho de mil oitocentos e quinze, neste oratorio de Nossa Senhora da Piedade do Rio de Sancta Anna, batizei solenemente a Francisco, inocente, filho legitimo do Tenente Francisco Querino

da Rocha, natural da Freguezia do Pilar do Iguassú e batizado na Freguezia de Santa Rita, e de sua mulher Dona Luiza Maria de Jesus, natural da Freguezia de Santo Antonio do Jacutinga e batizada na mesma Freguezia de Santa Rita, neto por parte parterna de José da Rocha Chaves e de Josefa Maria da Camara, já falecidos, e pela materna de Manoel Pinheiro de Souza e de Tereza Maria de Jesus. Foram padrinhos o Capitão Manoel da Costa Valle e Francisca Joaquina de Jesus. Nasceu aos dezeseis dias de abril. O Padre Ignacio de Souza Vernek. E nada mais continha dita Certidão. a) O Vig.º Coll.º Joaqm José de Macedo.

Na falta de outros documentos, as provas acima são boas. Acrescento que Manuel Pinheiro de Souza era natural da Sé do Rio de Janeiro e sua mulher Tereza Maria de Jesus, da referida freguesia do Pilar. Ele, f. l. de João Pinheiro de Souza e Paula Pereira Monteiro; ela f. l. de Antônio da Rocha e Teresa de Jesus, acima citados.

D. Luiza Maria de Jesus faleceu, em 21-4-1821, na freguesia do Alferes, e Francisco Quirino da Rocha, seu viúvo, em data posterior.

Não tendo achado, nem na freguesia de Santa Rita, nem na de São José, o assento dos batismos dos Barões e do seu casamento, passo aos filhos que encontrei:

F 1) Francisca Luiza de Jesús, bat. a 12-8-1806, na capela do Guandú, pertencente à freguesia de Sacra Familia. Casou-se na freguesia do Alferes, em 22-7-1823, com Inácio Pinheiro de Souza Werneck, nat. e bat. na freguesia de Sacra Familia, f. l. do Tnte. José Pinheiro de Souza e D. Maria do Carmo Werneck.

F 2) Teresa de Jesús Maria, bat. a 9-7-1809, na freguesia do Alferes. Casou-se na mesma freguesia, em 13-8-1832, com Hermogenes Ferreira Goulart, nat. e bat. na freguesia de Sacra Familia, f. l. do Sargento-Mór Felipe Ferreira Goulart e D. Caetana de Sena.

F 3 e 4) Inácio e Luiz, gêmeos, batizados a 25-7-1811 na freg. do Alferes. Faleceu Inácio e sobreviveu Luiz Quirino da Rocha, que se casou na mesma freguesia, em 4-2 1834, com Francisca das Chagas Werneck, nat. e bat. na mesma, f. l. do Sargento-Mór Francisco Chagas Werneck e D. Ana Joaquina de S. José.

F 5) Francisco, bat. a 2-1815 no oratório de N. S. da Pie-

dade do Rio Sant'Ana e falecido, a 19-3-1826, na freguesia do Alferes, com 11 anos.

F 6) Maria José de Jesús, bat. a 14-9-1820, no oratório supra citado. Casou-se na freg. do Alferes, 31-8-183 , com José da Rocha Chaves, bat. na freg. de Sacra Familia, f. l. de Francisco da Rocha Chaves e D. Teodora Maria de Jesús.

Por serem os troncos de um novo ramo da familia Werneck — da Rocha Werneck — constituido de Luiz Quirino da Rocha e sua esposa D. Francisca das Chagas Werneck, transcrevo, a seguir, os assentos de batismos de ambos:

Ignacio e Luiz, gemeos — Aos vinte e cinco dias do mez de Julho de mil oito centos e onze annos nesta freguezia de N. S. da Conceição do Alferes baptizou solenemente e poz os Santos Oleos de minha licença o Reverendo Manoel Gomes Leal a Ignacio e Luiz, gemeos, filhos legitimos de Francisco Quirino da Rocha e de Dona Luiza Maria de Jesus; foram padrinhos, de Ignacio o Reverendo Manoel Gomes Leal e Dona Francisca Joaquina de Jesus, viuva, e forão padrinhos de Luiz o Sargento Mor Ignacio de Souza Vernek e sua mulher D. Francisca das Chagas, do que fiz este assento e assignei. O Vig.º Joaqm José Pereira Furtado. (fls. 3 v.)

Francisca — Aos vinte e cinco dias do mes de Janeiro do ano de mil oito centos dezaeis nesta Freguezia de N. S. da Conceição do Alferes em o Oratorio da Divisa batizou solenemente de licença minha o Rdo Pe Pedro Rodrigues Manso em virtude de hua Provizam que me apresentou de Sua Ex. Rma assignada pelo Reverendissimo Doutor Provisor Vigario Geral Antonio Rodriguez de Miranda a inocente Francisca, filha legitima do Capitam Francisco das Chagas Vernek e de sua mulher D. Ana Joaquina de Sam José, neta pela parte paterna de Ignacio de Souza Vernek, hoje Sacerdote Secular, e D. Francisca das Chagas e pela materna do Capitam Francisco José Alves e D. Anna Maria de Jesus; foram Padrinhos o Rdo Padre Ignacio de Souza Vernek, já mencionado avô paterno, e D. Eugenia Francisca Manso, o que tudo constava da Certidão pasada pelo mesmo Reverendo Pedro Rodrigues Manso, e, para constar por molestia, mandei fazer este assento que assignei. O Vig.º Joaquim José de Maecedo (fls. 59 e 59 v.)

Casaram-se, na referida freguezia do Alferes, em 24-2-1834, ás onze horas da manhã, no Oratório das Pindobas, na presença do Rev.º Padre Joaquim Cláudio Viana das Chagas e das

ARQUIVO IAHGP ORLANDO CAVALCANTI

testemunhas Manuel de Azevedo Barbosa Werneck, Inácio Pinheiro de Souza Werneck e Antonio Luiz dos Santos Werneck, conforme assento lançado a fls. 127.

Tiveram os seguintes filhos:

F 1) Francisco Quirino da Rocha Werneck, casado com D. Rosa Carolina de Azevedo Avelar, filha legitima dos Barões da Paraíba.

F 2) José Quirino da Rocha Werneck, Barão de Werneck, c. c. D. Maria Nascimento de Avelar, filha legitima dos Barões de Ribeirarão, em 1.as nupcias, e, em 2.as, com D. Maria José Diniz Cordeiro, irmã do Conde Diniz Cordeiro.

F 3) Luiz Quirino da Rocha Werneck, c. c. D. Candida Ribeiro de Avelar, filha legitima de José Gomes Ribeiro de Avelar e D. Maria Francisca Werneck.

F 4) Francisca Augusta da Rocha Werneck, c. c. o Dr. Leopoldo Nobrega, Lente da Escola de Medicina.

F 5) João Quirino da Rocha Werneck, 2.º Barão de Palmeiras, c. c. D. Carolina Peregrina Pinheiro Werneck, filha dos Viscondes de Ipiabas.

F 6) Inácio.

F 7) Tertuliano.

Os cinco primeiros filhos deixaram grande e ilustre sucessão; os dois ultimos morreram solteiros.

Francisca das Chagas Werneck faleceu na freguesia do seu nascimento, em 7-1-1844, e, em 30-7-1848, casava-se Luiz Quirino da Rocha, seu viúvo, em 2.as nupcias, com D. Emilia Henriqueta Lopes da Costa, nat. e bat. na freg. de S. José do Rio de Janeiro, f. l. de Manuel Lopes da Costa e D. Francisca Rufina Lopes da Costa.

Dos 9 filhos de Francisco Quirino da Rocha Werneck-Rosa Carolina de Azevedo Avelar, destaco José Inácio da Rocha Werneck, soldado do Batalhão Academico, que conquistou, por atos de bravura, no comando da Armação, em Niterói, o posto de Capitão honorário do Exército Nacional.

Foi ele casado com D. Regina da Costa Cabral, filha legitima de Vicente Aurélio da Costa Cabral e de sua prima Maria do Carmo da Costa Cabral. Esta, por sua vez, tinha por pais a José Cristino da Costa Cabral e D. Laurentina Felipa Franco, a qual era filha legitima de João Crispim Franco, nat. e bat. na freguesia de S. Pedro da Vila de Ericeira, patriarcado de Lisboa, f.º leg.º de Crispim Franco e Felipa da Con-

ceição, e de sua mulher Joaquina Maria do Espirito Santo, nat. e bat. na freg. da Sé do Rio de Janeiro, f.ª leg.ª de José Joaquim da Silva e Maria Eugenia do Bom Sucesso.

Embora ainda não se saiba a sua origem, ficou o nome «Quirino» na familia, como uma espécie de dinastia, daí «Quirino da Rocha» até os tempos atuais.

Nas minhas pesquisas, encontrei um José Quirino da Rocha, que suponho fosse irmão do Barão, e que aparece como testemunha de casamento em 8-2-1832, na freguesia do Alferes. E em livros de batismos da antiga freguesia de S. Antonio de Jacutinga, hoje Nova-Iguassú, encontrei os de Claudino, f. l. de Meridiano Antonio Quirino da Rocha e Antonia Quirino da Rocha, na fazenda do Livramento, em 24-8-1892, e de Quirino, f. l. de Estevão Quirino da Rocha e Maria Isabel da Conceição, na mesma fazenda, em 21-1-1894.

Disse acima que os Rocha Solha deviam ser de origem galega e assim é que, graças ao ilustre genealogista luso, Dr. Eugenio de Andrea da Cunha e Freitas, em carta de 21-1-47, já escritas estas linhas, fiquei sabendo que, em 26-11-1712, na freguesia de S. Ildefonso, se casaram Hilario da Rocha, nat. de S. Miguel de Carvalho, arcebisp. de Compostela, reino da Galiza, filho de Gregorio Solha e Clara do Valle, com Luzia Soares, nat. de S. Eulalia de Vilar dos Mouros, arcebisp. de Braga, filha de Pedro Gonçalves e Maria Afonso.

I V

CORRÊA E CASTRO

A Pedro Werneck Corrêa e Castro

Foi fundador desta grande e ilustre familia Pedro Corrêa e Castro, natural e batizado na cidade de Mariana, Minas Gerais, filho legitimo de Domingos Corrêa Rebelo e Pascoa da Ressurreição e Castro, o qual, em 28-10-1774, se casou, na freguesia de N. S. da Conceição e S. Pedro e S. Paulo da Paraíba, no caminho das Minas, com D. Mariana das Neves Corrêa, natural e batizada no arraial de Pinheiro de Sumidouro, bispado de Minas, viúva de José de Pontes França e filha legitima de João Corrêa Tavares e Ana Maria Pedrosa de Moraes.

Era Domingos Corrêa Rebelo, natural e batizado na freguesia de S. Romão, arcebispado de Braga, Portugal, f. l. de Francisco Gonçalves e Úrsula Corrêa, da mesma freguesia; e sua mulher, Pascoa da Ressurreição e Castro, natural e batizada na freg de S. Sebastião, bispado de Mariana, f. l. do Sargento-Mor Bernardo Espinola e Castro, natural e batizado na freg. de N. S. de Guadalupe, Ilha Graciosa, Açores, e sua mulher Maria de Godoy, natural e batizada na freg. de Parnaíba, bispado de S. Paulo.

João Corrêa Tavares, natural da Colonia do Sacramento e batizado na Sé do Rio de Janeiro, era filho legitimo do Alferes Francisco Tavares, natural do Alémtejo, Portugal, e Isabel Corrêa de Oliveira, nat. e bat. na freg. do Pilar da Colonia do Sacramento, e sua mulher, Ana Maria Pedrosa de Moraes, batizada na freg. de S. Antônio de Guaratinguetá, bisp. de S. Paulo, filha legitima de João Pedroso de Moraes e Ana Barboza de Lima (Gen. Paul., III 50).

Do casamento de Pedro Corrêa e Castro com Mariana das Neves Corrêa nasceram, na freguesia da Paraíba, os seguintes filhos, alí batizados:

F 1)	José	—	7-9-1775;
F 2)	Martiniana	—	24-10-1776;
F 3)	Ana	—	1778;
F 4)	Antônio	—	1782;
F 5)	Mariana	—	1-3-1785;
F 6)	Pedro	—	20-6-1786;
F 7)	Francisca	—	1788;
F 8)	Laureano	—	30-3-1790.

Trataremos, apenas, de Antônio, Pedro e Laureano Corrêa e Castro, cujos nomes, com grande brilho, entraram na história de Vassouras.

O primeiro, o Comendador Antonio Corrêa e Castro, falecido em 29-4-1864, em Vassouras, se casou em 14-6-1814, na freguesia do Alferes, com D. Maria Elísia da Conceição, alí batizada em 9-6-1793, f. l. de José Batista Guimarães e Luiza Joaquina da Conceição, casados na referida freguesia do Alferes em 15-10-1788.

José Batista Guimarães era natural da freg. de N. S. da Oliveira da vila de Guimarães, arcebisp. de Braga, f. l. de José Batista Guimarães e Josefa Maria, idem, idem; e sua mulher Luiza Joaquina da Conceição, natural da freg. do Alferes, f. l. de José Machado Teixeira, nat. da Ilha de S. Jorge, e Maria da Conceição Pedroso, bat. no arraial de Pousos Altos, bisp. de Mariana.

José Machado Teixeira, batizado na freg. do Rosário da referida ilha, era filho legitimo de Antonio Martins Gonçalves e Isabel Machado; e Maria da Conceição Pedroso, nascida na vila de Guaratinguetá, bisp. de S. Paulo, f. l. de Manuel João Vila Velha, nat. da vila de Póvoa do Varzim, bisp. do Porto, e Maria Pedrosa Leme, nat. da referida vila de Guaratinguetá.

Do casal Antônio-Maria Elísia encontrei os seguintes filhos:

F 1)	Mariana	—	3-5-1815;
F 2)	Antônio	—	18-11-1820;
F 3)	Laureano	—	5-8-1822;
F 4)	José	—	22-3-1827;
F 5)	Francisco	—	25-6-1832;
F 6)	José	—	15-8-1834.

A primeira nasceu e se batizou na freguesia do Alferes e os demais nas freguesias de Sacra Familia e Vassouras, cujos livros, em certa época, se confundem, havendo registros de ambas no mesmo livro.

O 2.º deles, Pedro Corrêa e Castro, Barão de Tinguá, não se casou. «Fundando a Casa da Misericordia, de Vassouras, diz o Dr. Jorge Pinto, não procurou conquistar condecorações, seguiu os impulsos generosos do seu coração, revelou os sentimentos da sua alma, cujo característico foi sempre — a caridade».

Ofereceu êle, então, à Câmara Municipal 10:000$000 para as obras, acabando por gastar 29:500$000, quantia elevada naquela época.

Em 2 de dezembro de 1853, seu irmão Laureano, juiz municipal, instalou a Santa Casa, sendo eleitos: provedor, o Barão de Tinguá; tesoureiro, Comendador Francisco José Teixeira Leite; escrivão, Rodrigo da Silva Araujo; mordomos, Lourenço Luiz de Ataide, Estevão José de Siqueira, Justino Xavier, Antonio Monteiro dos Reis, Antonio Moreno de Aragon e João Alves Pimenta, nomeados para organizar o regimento interno os drs. Joaquim José Teixeira Leite e Domiciano Teixeira Leite.

O 3.º dos que estamos tratando, Laureano Corrêa e Castro, foi Barão de Campo Belo. A seu respeito, transcreve o Dr. Jorge Pinto, na pag. 254/5, dos «Fastos Vassourenses», a seguinte noticia do Dr. Alberto Brandão, aparecida em «O Municipio», de 2-11-1873, de Vassouras:

«Na historia de Vassouras há uma página áurea reservada a êste homem extraordinário. Mergulhando as vistas no seu passado, encontramos Laureano Corrêa e Castro, com seus irmãos, empunhando os instrumentos do trabalho e subindo, um a um, os degráus da escada social, sem um só instante quebrar com as leis da honra.

Depois, ei-lo rico, e apart ando-se do comum dos homens, desprezar os cômodos da vida egoística, para dedicar-se exclusivamente ao engrandecimento de sua localidade. Não poupava sacrificios para servir quem o procurasse e, por isso, achou-se sempre cercado de amigos.

Morreu (8-1-1861) coberto de bençãos do povo e altamente considerado pelo govêrno do seu país. Junto dele jaz sua esposa, tipo de virtudes, e seus dignos irmãos José Corrêa e Castro, Antonio Corrêa e Castro e o Barão de Tinguá, cujos nomes são inseparáveis da história de Vassouras».

De outra transcrição, colho o seguinte e importante trecho:

«Laureano Corrêa e Castro, irmão de Pedro Corrêa e Castro, um dos homens mais notáveis do municipio de Vassouras pela sua atividade e rara sagacidade. Foi comandante superior da Guarda Nacional, com a qual despendeu grandes somas de dinheiro, organizando à sua custa excelente banda de música, montando na sua fazenda do Secretario uma oficina de alfaiate para o serviço gratuito de soldados e subalternos. Morreu Barão de Campo Belo. De sua próle teve o Cel. Antonio Batista Corrêa e Castro, Lúcio Corrêa e Castro e Dr. Cristovão Corrêa e Castro, todos já falecidos».

Foi casado com D. Eufrásia Joaquina Corrêa, nascida e batizada na mesma freguesia que êle, filha legítima de Cristovão Rodrigues de Andrade e Ana Esmeria de Pontes França, ali casados em 12-11-1789.

Era Cristovão Rodrigues de Andrade batizado na freg. de S. Pedro do lugar de Nogueira da Cota, bispado de Vizeu, f. l. de Francisco Rodrigues de Andrade e Maria Lopes, naturais da mesma freguesia, e sua mulher, Ana Esmeria de Pontes França, natural e batizada na freg. de N. S. da Conceição do Alferes, f. l. de José de Pontes França, natural de Guaratinguetá, bisp. de S. Paulo, e de Mariana das Neves Corrêa, que se casou, em 2.as nupcias, com Pedro Corrêa e Castro, pai de Laureano.

Em minhas notas, acham-se anotados os seguintes filhos de Laureano e D. Eufrásia, nascidos e batizados na freg. de N. S. da Conceição de Vassouras:

F 1) Antonio — 24-10-1825,
F 2) Ana — 14-2-1827,
F 3) Lúcio — 19-3-1829,
F 4) Maria — 12-7-1831,
F 5) Mariana — 14-1-1834,
F 6) Cristovão — 17-4-1836.

Dos outros irmãos, sei apenas que José Corrêa e Castro, grande benfeitor da Matriz de Vassouras, faleceu solteiro em 28-11-1846, bem como solteiras faleceram suas irmãs Francisca de Paula Corrêa em 27-10-1822 e Mariana da Lapa Corrêa em 9-2-1826, respectivamente com 35 e 41 anos de idade.

Quanto a Martiniana Quitéria do Monte Eliseo, casou-se em 20-7-1799, na freguesia do Alferes, com Leandro Gomes Varela, natural da freguesia de Moreira do Bispado do Porto, f. l. de André Gomes Varela e Maria Teresa de Jesus, consorciando-se em 2.as nupcias, com o Alferes Francisco José Maria de Assis, teve geração em Sacra Familia e Vassouras.

Descende o Sr. Pedro Werneck Corrêa e Castro dos irmãos Antônio e Laureano. Assim é que Antônio Batista Corrêa e Castro, filho do primeiro, se casou com a sua prima Maria da Conceição Corrêa, filha do segundo, nascendo dêsse consórcio Pedro Batista Corrêa e Castro, batizado em Vassouras em 1-9-1849.

Êste se casou em Vassouras com D. Maria Amelia de Almeida Werneck, filha legitima de Manuel de Souza Werneck, natural de Vassouras, e Mariana Guilhermina de Noronha e Almeida, natural de S. João d'El-Rei.

V

O 2.º BARÃO DE PATÍ DO ALFERES

Ao Dr. Luiz Werneck de Castro.

Nascido na fazenda da Piedade, sita na freguesia de N. S. da Conceição do Alferes, em 6 de Fevereiro de 1795, pertencia Francisco Peixoto de Larcerda Wernek, 2.º Barão de Patí do Alferes, ao mais prestigioso patriarcado fluminense, uma vez que descendia do patriarca Inácio de Souza Werneck, que, em companhia de seus pais, Manuel de Azevedo Mattos e Antônia Ribeira (filha legitima de João Werneck e Isabel de Souza), e seus irmãos, Manuel de Azevedo Ramos e Ana Ribeira de Jesus, todos vindos da freguesia de N. S. da Piedade da Borda do Campo, hoje cidade de Barbacena, Estado de Minas Gerais, passaram à região fluminense, pois, em 1750 e tantos, estavam morando na freguesia de N. S. da Conceição e S. Pedro e S. Paulo do Paraiba do caminho das Minas, em cujos livros paroquiais vi seus nomes tantas vezes citados.

Era filho único do Capitão Francisco Peixoto de Lacerda e de sua mulher Ana Matilde Werneck, cujo assento de casamento, conforme o livro s/n.º, fls. 14, da freguesia do Alferes, consta do teor seguinte :

«Ao primeiro de Dezembro de mil setecentos e noventa e dois, nesta Paroquial Igreja de N. S. da Conceição do Alferes, feitas as denunciações na forma do Sagrado Concilio Tridentino, sem se descobrir impedimento, pelas 10 horas da manhã, em minha presença e das testemunhas Antonio Roiz da Cruz e José Roiz da Cruz, se casaram em face da Igreja solenemente, por palavras de presente, Francisco Peixoto de Lacerda, filho legitimo do Capitão André Peixoto de Lacerda e de D. Gertrudes Marianna da Silveira Bitancour, natural e batizado na Freguezia de São Salvador da Ilha do Fayal, Bispado de Angra, com D. Ana Matilde Vernek, filha legitima do Capitão Ignacio de Souza Vernek e de D. Francisca das Chagas, natural da Freguezia de N. S. da Conceição do Alferes deste Bispado, por provisão do Reverendo

Conego Dr. que servia de Vigario Geral e logo lhes dei as bençãos na forma dos ritos e ceremonias da Santa Madre Igreja, do que fiz este assento que assinei com as testemunhas acima nomeadas. a) João Alvares de Barros, vigário.

Casou-se, em 1823, não sei em que freguezia, pois não vi o respectivo assentamento, com Maria Isabel d'Assunção, filha legitima de Luiz Gomes Ribeiro e Joaquina Matilde d'Assunção.

O registro de batismo do Barão, conforme o Livro 1.º, fls. 89 v., é o seguinte :

Francisco — Aos dezeseis de Fevereiro de mil setecentos e noventa e cinco, nesta Paroquial Igreja do Alferes, batizou o Reverendo Manoel Gomes Leal, de licença minha, e pos os santos oleos a Francisco, que nasceu aos seis dias de Fevereiro acima, filho legitimo do Alferes Francisco Peixoto de Lacerda, natural e batizado na Freguezia do Santissimo Salvador da Ilha do Fayal, e de D. Anna Mathilde Vernek, natural desta Freguezia do Alferes, neto pela parte paterna do Capitão André Peixoto de Lacerda, batizado na Freguezia de N. S. da Piedade dos Flamengos, e de D. Gertrudes Marianna da Silveira Bitancour, batizada na Freguezia do Santissimo Salvador da Ilha do Fayal, e pela materna do Capitão Ignacio de Souza Vernek, natural da Freguezia de N. S. da Piedade da Borda do Campo e de sua mulher Francisca das Chagas, batizada na Freguezia da Candelaria do Rio de Janeiro. Foram padrinhos o Capitão Ignacio de Souza Vernek e sua mulher Francisca das Chagas, todos desta Freguezia, do que fiz este assento e assinei. a) João Alvares de Barros, Vigário.

E o da Baroneza, segundo o Livro 2.º, fls. 24 verso :

Maria — Aos vinte e quatro dias do mez de Outubro de mil oitocentos e sete annos no oratorio da Fazenda do Pau Grande baptizou solemnemente e poz os Santos Oleos, de minha licença, o Reverendo Pedro Rodrigues Manso, a Maria nascida aos quinze do mesmo mez, filha legitima do Alferes Luiz Gomes Ribeiro e de Dona Joaquina Matilde; forão padrinhos Henrique José de Araujo, morador na cidade do Rio de Janeiro, e Dona Emerenciana Rosa, filha de D. Antonia

Maria, do que fiz este assento e assignei. a) O Vigario José Pereira Furtado.

Era irmã dos Barões de Guaribú, São Luiz e da Paraíba, êste, depois, Visconde.

Grande lavrador, culto e inteligente, foi o Barão de Patí quem, entre outros serviços ao império, prestou relevantes por ocasião da revolução mineira de 1842, mobilizando os corpos da Guarda Nacional da comarca.

Assim escreveu o Dr. Inácio Raposo, em sua «História de Vassouras», pag. 91/2, a respeito :

«Numa época em que não se tinha firmado ainda como base da tranquilidade pública o «Civis pacem para bellum», deveria ser questão de máxima importância para todos a defesa do país e por isso merecia a Guarda Nacional a maior das atenções, não só dos poderes públicos como de todos os corações que se julgassem verdadeiros patriotas. Foi sobretudo por isso que tomára grande incremento essa milicia em 1848.

Assumiu-lhe o comando Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, alguns tempos depois Barão de Patí do Alferes, tendo como auxiliares João Gomes Ribeiro de Avellar, mais tarde Visconde da Paraíba, no posto de chefe da Legião, e Paulo Gomes Ribeiro de Avellar, que mais tarde foi Barão de S. Luiz, exercendo o cargo de major de Legião.

Uma das provas mais inconcussas da utilidade dessas tropas, no interior da Provincia, é a creação do comando superior da Guarda Nacional nos municipios de Vassouras e Iguassú em 1852, compreendendo no primeiro um corpo de cavalaria e um batalhão de infantaria, com a designação de 1.º para o serviço ativo, além de uma secção de batalhão de reserva.

Durante esse tempo, baldado é dizê-lo, o brilho da Guarda Nacional estendia-se por todo o Império e uma das posições mais invejadas e, portanto, mais cubiçadas da época, era justamente a de Comandante Superior da Guarda Nacional. Mas, em parte alguma, podemos afirmá-lo, sem medo de contestação, essa milicia alcandorou-se tanto como em Vassouras, conforme se pode ainda hoje verificar dos livros que se acham conservados no arquivo da Câmara.

Os 300 vassourenses, que se bateram em Minas sob o comando de Caxias, durante a revolução de 1842, atestaram vi-

toriasomente o valor inconfundivel dessa grande força da legalidade».

Possuía grandes propriedades agrícolas nos municipios de Vassouras e Iguassú. E' de sua lavra a «Memória sobre a fundação e custeio de uma fazenda na Provincia do Rio de Janeiro», oferecida a seu filho Luiz e editada 3 vezes pela Casa Laemmert. Entre as fazendas do Barão, de herança própria ou da de sua esposa, estavam a da Piedade, onde residia e fôra de seu pai; parte da de Conceição de Palmeiras; Sant'Ana das Palmeiras, parte da de Mato Grosso; Monte Alegre, que comprou a seu filho Luiz; e Monte Libano, que coube a seu filho o Dr. Manuel Peixoto de Lacerda Werneck.

Membro da Assembléia Provincial fluminense durante várias legislaturas, comandante superior da Guarda Nacional da comarca de Vassouras, cavaleiro da Casa Imperial, foi um dos rarissimos agraciados pelas Regências, com titulos nobiliarquicos. Faleceu com 66 anos de idade, na fazenda de Monte Alegre, a 22 de Novembro de 1861.

Do seu casamento com D. Maria Isabel, houve os seguintes filhos :

F 1) Peixoto de Lacerda Werneck (Dr.) Luiz, bat. a 1-8-1824 e casado a 6-12-1845 com a sua prima Isabel Augusta das Chagas Werneck, filha do Capitão Mór Francisco das Chagas e de sua mulher Ana Joaquina de S. José. Foram pais, entre outros filhos, do Dr. André Werneck, nascido a 1-11-1854, ás 3 hs. da manhã, na Boissiére n.º 90, Comarca de Eaux-Vives, Cantão de Genebra, Suissa.

F 2) João, bat. a 2-10-1825; fal. a 24-8-1826.

F 3) Francisco, bat. a 2-10-1826; fal. a 10-3-1828.

F 4) Ana Isabel de Lacerda, bat. a . . . . . e casada a 23-6-1845, com o seu primo Francisco das Chagas Werneck, filho do Comendador Francisco das Chagas Werneck e de sua mulher Ana Joaquina de S. José.

F. 5) Carolina Isabel de Lacerda, bat. a . . . . . e casada na data acima com o seu primo José Inácio de Souza Werneck, irmão do supra citado.

F 6) Mariana Isabel de Lacerda, bat. a . . . . . e casada na data supra com o Dr. Francisco de Assis e Almeida, nat. e bat. na vila de Jaguarí, Provincia de Minas Gerais, f. l. do Cap. Manuel Furquim de Almeida e Ana Bernardina de Melo. Foram pais, entre outros filhos, do Dr. Francisco Furquim Wer-

neck de Almeida, médico de grande nomeada e Prefeito do Distrito Federal em 1897.

F 7) Maria Isabel de Lacerda, bat. a . . . . . e casada com o Dr. Joaquim Teixeira de Castro, Visconde de Arcozelo, médico português.

F 8) Manuel Peixoto de Lacerda Werneck (Dr.) bat. a . . . . . e casado com Evelina Teixeira de Macedo.

Os que desejarem conhecer a geração de cada um dos filhos dos Barões de Patí do Alferes a encontrarão no «Livro da família Werneck», do Dr. Belizario de Almeida Ramos, uma vez que me restrinjo às primeiras gerações apenas, pesquisas sempre mais dificeis pelo estado dos livros.

A seguir, transcrevo, a titulo de curiosidade, a Carta de Brazão de Armas passada ao Dr. Luiz Peixoto de Lacerda Werneck, F-1 dos Barões. Ei-la :

DOM PEDRO por Graça de Deus e Unânime Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, faço saber aos que esta Minha Carta de Brazão de Armas de Nobreza e Fidalguia virem, que Luiz Peixoto de Lacerda Werneck, Fidalgo Cavalleiro da Minha Imperial Casa, Comendador da Ordem de Christo, Consul Geral do Brasil junto á Confederação Helvetica, Baviera e outros Estados da Confederação Germânica, Doutor em Direito Civil e Canonico pela Universidade de Roma, Bacharel em Direito pela Academia de Paris, Membro do Conselho Fiscal do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, ex-Diretor da Companhia de Estrada de Ferro de Dom Pedro II, filho legitimo de Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, Barão de Paty do Alferes, com honras de Grandeza, Comendador da Imperial Ordem da Rosa, Cavalleiro da Ordem de Christo, e de sua mulher Dona Maria Isabel de Lacerda; neto, pela parte paterna, de Francisco Peixoto de Lacerda, Capitão de Cavalaria da 2.ª Linha em 1811, reformado Major da mesma Arma em 1818, Cavaleiro da Ordem de Christo em 1824, e de Dona Anna Mathilde Werneck; bisneto do Capitão André Peixoto de Lacerda, e de sua mulher Dona Gertrudes Mariana da Silveira Bittencourt; também bisneto do Sargento-Mór Ignacio de Souza Werneck e de Dona Francisca das Chagas; Me fez petição dizendo que para a memória de sua ilustre Linhagem se não perder, e tendo conservado o mesmo tratamento de seus maiores, lhe mandasse dar Minha Carta de Brazão d'Armas, para dela usar na forma que trouxe e foi

concedida ao dito Barão de Paty do Alferes, pai do supplicante, e vista por Mim a sua petição e constar de todo o referido que, a ele como descendente dos mencionados, pertence usar e gozar de suas Armas, segundo o meu Regimento e Ordenação da Armaria, lhe Mandei passar esta Minha Carta de Brazão delas, na forma por que aqui são brazonadas, iluminadas com côres e metais, conforme se achão registradas no Livro do Registro das Armas de Nobreza e Fidalguia, o qual serve neste Imperio e tem o Meu Principal Rei d'Armas, a saber: Escudo esquartelado; no primeiro, enxequetado de ouro e azul de seis peças em faca; no segundo as Armas de Castela e Leão partida com as Armas antigas de França, e assim dos contrários.

(BRAZÃO)

O qual Escudo e Armas poderá trazer tão smente o dito Luiz Peixoto de Lacerda Werneck e dela poderá usar e gozar em tudo e por tudo, quer em tempo de paz quer de guerra, e bem assim se poderá trazer em suas Casas, Capelas e mais Edificios e finalmente deixá-las em sua própria sepultura; pelo que Quero e Sou servido que hoje êle e os seus descendentes todas as honras, privilégios, isenções, liberdades, graças, mercês e franquezas que devam ter os fidalgos e nobres; nunca podendo os seus sucessores usar deste Brazão sem que a cada um deles seja novamente por mim conferido. Mando portanto aos Meus Ministros, Dezembargadores, Auditores, Promotores, Juizes de Direito do Civel e do Crime, e a todas as mais Autoridades Judiciárias do Império, e com especialidade aos Meus Reis d'Armas, Arautos e Passavantes e a quaisquer outros Oficiais e mais Pessoas a quem esta Minha Carta for mostrada e o conhecimento dela pertencer, que em tudo lhe cumprãm e guardem, e a façam inteiramente cumprir e guardar como nela se contem, sem dúvida ou embargo que nela se queira pôr, visto ser assim Minha mercê. Pagou dez mil reis de emolumentos sob o número 936 e igual quantia de direitos, sob o n. 117 conforme o conhecimento passado pela Recebedoria do Municipio da Côrte, em data de vinte e um do mez de Agosto corrente, e assignado pelo Escrivão e Thesoureiro da mesma, o qual fica archivado.

O Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil o Mandou por Aviso da Secretaria d'Estado dos Negócios do Imperio, em data de vinte dois do corrente, a Manoel

dos Santos Carramona, Seu principal Rei d'Armas, e eu Luiz Aleixo Boulanger, Escrivão dos Brazões e Armas da Nobreza do Império, a fiz, escrevi e subscrevi nesta muito Leal e Heroica Côrte o Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, aos vinte e quatro dias do mês de Agosto do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e sessenta e três.

Luiz Aleixo Boulanger, Principal Rei d'Armas.
Manoel dos Santos Carramona.

Ao ilustre genealogista e romancista faialense, Marcelino Lima, devo as notas a seguir, extraídas de seu celebre livro «Familias Faialenses».

O 2.º Barão de Patí do Alferes e sua ascendência:

1 — Felipe de Bethencourt, (a), c. c. F.,
2 — Renaud de Bethencourt, c. c. F.,
3 — Jean de Bethencourt, c. c. Isabel de Saint Martin,
4 — Jean de Bethencourt (b), c. c. Maria de Bracamonte,
5 — Renaud de Bethencourt (c), c. c. (2.ª) Felipota de Troyes,
6 — Jorge de Bethencourt (d), c. c. Elvira de Avila,
7 — João Sanches de Bethencourt, c. c. Maria Vaz Badilha,
8 — Antão Gls de Avila Bethencourt (e) c. c. Inez Gonçalves Antona,
9 — Maria Gonçalves de Avila, c. c. Antão Fernandes Leal,
10 — Felipa Vaz de Avila, c. c. Alvaro Pereira (f),
11 — Pedro Leal de Avila, (g), c. c. Inez da Silveira Peixoto,
12 — Antônio da Silveira Bethencourt, c. c. Bárbara Gularte,
13 — Francisco Peixoto da Silveira (h), c. c. Maria de Azevedo,
14 — Manuel de Avila Bitencourt, c. c. Isabel da Silveira Moniz,
15 — Antonio Francisco de Bitencourt, c. c. Francisca Inácia da Silveira,
16 — André Francisco Peixoto da Silveira Bitencourt, c. c. Gertrudes Mariana da Silveira,
17 — Francisco Peixoto de Lacerda, c. c. Ana Matilde Werneck.

—

(a) Viveu no tempo de Luiz VIII, de França.

(b) Morreu na batalha de Cocherel em 1364, combatendo com Du Guesclin.

(c) Era irmão de Jean de Bethencourt, intitulado Rei das Canarias, por ter conquistado aquelas ilhas, em 1402, com uma armada à sua custa. Senhor de Granville e Reville. Faleceu sem descendência, sendo seu herdeiro Renaud de Bethencourt.

(d) Sua esposa, filha de Domingos de Avila, senhor de Navas, era castelhana. Era irmão de Maciot de Bithencourt, lugar-tenente do tio, Rei das Canarias, de quem herdou a posse das mesmas, as quais depois vendeu ao Conde Niebla, passando a residir na Ilha da Madeira.

(e) Estabeleceu-se na Ilha Terceira, quando do domínio castelhano.

(f) Residente na Ilha do Pico.

(g) Sua esposa descendia de Jorge Peixoto de Carvalho, da nobre casa de Pousada, que se estabeleceu na Ilha do Faial, em começo do século XVI.

(h) Sua consorte descendia de João Garcia Pereira, da nobilissima casa dos condes da Feira, o qual se estabeleceu na Ilha do Faial, em princípio do século XVI.

E' de se estranhar a composição do sobrenome Peixoto de Lacerda, mas saliento que Sanches de Baena menciona um João *Peixoto* da Silveira Bittencourt e *Lacerda*, filho do Capitão-Mór Antônio Vicente Pimentel e sua mulher Rita Tomazia Peixoto Bittencourt.

VI

DESCENDENTES DE GARCIA RODRIGUES PAES, NA PARAÍBA

Ao Cel. Salvador de Moya

Silva Leme, na sua monumental «Genealogia Paulistana», vol. 2.º, titulo «Leme», por motivos que podemos calcular, dá, para Garcia Rodrigues Paes e sua mulher Maria Pinheiro da Fonseca, só os seguintes filhos:

Segundo Silva Leme:

1) Pedro Dias Paes Leme,
2) Fernão Dias Paes Leme,
3) Lucrecia Leme Paes,
4) Inácio Dias Paes Leme,
5) Luzia Paes Leme.

Segundo os livros paroquiais:

1) Pedro Dias Paes Leme,
2) Fernando Dias Paes,
3) Lucrecia Leme Borges de Cerqueira,
4) Inácio Dias Velho,
5) Luzia Paes Leme.

Diz, porém, José Mattoso Maia Forte, em sua «Memória da Fundação de Vassouras», pag. 5, que «Garcia Rodrigues Paes, como se vê do registro de Consultas da Mesa do Desembargo do Paço (Coleção 17, livro 10, fls. 28, do Arquivo Público Nacional), obteve para si quatro sesmarias e uma para cada um de seus doze filhos». Ora, logo os filhos de Garcia Rodrigues Paes seriam, ao todo, doze e não apenas cinco, e, nada de admirar, pois os paes quasi sempre eram sempre pais de muitos filhos. Os sete restantes seriam, assim, do mesmo e de um casamento anterior, ou ilegitimos, o que não era de espantar naquela época.

Segundo pude deduzir, manuseando os livros ns. 1 e 2, da

freguesia de N. S. da Conceição e S. Pedro e S. Paulo da Paraíba caminho das Minas, imensa região desbravada por êsse intrepido bandeirante, os sete filhos restantes seriam:

Benta Rodrigues Paes,
Antônia Paes Leme,
Vicente Dias Leme,
Jorge Dias Paes,
João Rodrigues Paes,
Catarina Dias Leme,
Inácia Rodrigues.

O nome de *Benta Rodrigues Paes* aparece no seguinte assentamento de seu próprio casamento (Livro 1, fls. 243, conforme o original):

«Aos doze de Fevereiro de mil e setecentos e vinte quatro assisti ao sacramento do matrimonio que celebrão in face eclesiae Manoel Ferreira de Carvalho, natural e batizado na Freguezia da vila de Houvar, Bispado do Porto, filho legitimo de Miguel Ferreira e de Maria de Oliveira, com Benta Rodrigues Paes, natural da cidade de S. Paulo, filha de Garcia Roiz Paes e de Margarida viuva que ficou de seu proprio marido Manoel da Costa, na forma que manda o sagrado Concilio Tridentino, forão testemunhas o Padre Francisco de Xavier, o Capitam Mor Garcia Roiz Velho, D. Lucrecia Leme Borges de Serqueira e Eugenia Maria, do que fiz este assento onde me asssinei. Igreja de N. S. da Conceição da Parahyba de S. Pedro. a) Francisco de Xavier».

O nome de *Antônia Paes Leme* se mostra, ao lado dos nomes de seus *irmãos* Fernando Dias Paes, Inácio Dias Velho e Lucrecia Leme Borges de Cerqueira, no assento do teor seguinte:

«Aos vinte e nove de Settembro de mil e setecentos e vinte e sette assisti ao sacramento do matrimonio que, depois das trez canonicas admoestações como ordena o Sagrado Concilio Tridentino, e não havendo impedimento algum, com licença do Reverendo Vigario Geral Manoel de Andrada Warneque celebrarão em face da Igreja Miguel do Valle, natural e baptizado na Freguezia da villa dos Reis da Ilha Grande filho natural de Balthazar do Valle Borralho e de Catherina Dias, já defunta, e Maria Josepha da Costa, natural dos Currais da Bahya, filha natural de Diogo da Costa da Fonseca e

de Micaela da Costa, já defuntos, do Bispado de Sam Sebastiam, todos libertos, com todos os preparatorios antecedentes e necessários de certidoins de banhos de todas as Freguezias onde assistirão somente dando o dito contrahente fiança dos banhos das Minas Freguezia de Nossa Conceição dos Rapozos, forão padrinhos o Capitão mor Fernando Dias Paes e seu Irmão Ignacio Dias Velho, e suas Irmãs Dona Antonia Paes Leme e Dona Lucrecia Leme Borges de Serqueira, de que fiz este assento, em que assignei com as testemunhas dia, mes e era assima Igreja da Conceição da Freguezia de Sam Pedro e Sam Paulo da Parayba. as) Francisco de Xavier, Fernando Dias Paes, Ignacio Dias Velho.

Vicente Dias Leme aparece, com Domingas da Costa, como pais de Maria, batizada em 15-4-1723, sendo padrinhos o Capitão-Mór Fernando Dias Paes e Ana Leme Borges de Cerqueira. Ignoro, porém, se Ana seria também filha de Garcia Rodrigues Paes, embora êste tivesse uma filha de nome Lucrecia Leme Borges de Cerqueira, a que Silva Leme dá o nome de Lucrecia Leme Paes.

Os nomes de *Jorge Dias Paes, João Rodrigues Paes* e *Inácia Rodrigues* aparecem no seguinte registro de casamento (Livro 1, fls. 180, conforme o original):

«Aos vinte e sete de Agosto de mil setecentos e dezanove recebi em face da Igreja na forma do Sagrado Cons. Trid. a Francisco com Maria, escravos do Capitam-Mor Garcia Roiz Paes. Forão testemunhas Jorge Dias Paes, João Rodrigues Paes, Ignacia Roiz e Gracia Maria. a) Frei Francisco de S. Joseph, Parocho.

Catarina Dias Leme e o Dr. Luiz Fortes Bustamante foram os padrinhos de Maria, batizada em 14-11-1723, filha legitima de Manuel de Sá e Figueiredo e Lucrecia Leme Borges de Cerqueira.

São êstes os elementos que encontrei nas minhas pesquisas, tendentes a provar que Garcia Rodrigues Paes era pai de mais de 5 filhos, sendo mesmo possivel que alguns dos mais encontrados fossem do seu casamento com D. Maria Pinheiro da Fonseca, provas essas que estariam em S. Paulo.

Dêstes filhos, um sei que era fluminense, Pedro Dias Paes Leme, cujo assento de batismo se acha a fls. 201, do livro 6.º (1648-1728) da freguesia de Irajá, nos seguintes têrmos:

Pedro — Em vinte e nove de Setembro de mil e setecentos e sinco com licença do Illustrissimo Senhor Bispo na Igreja de N. S. da Penha deste distrito de Irajá o Reverendo Padre Mestre Doutor Fr. Christovão de Christo Religioso Monge do Patriarca São Bento baptizou e poz os Santos Oleos a Pedro filho legitimo do Guarda Mor Garcia Rodrigues Paes e de sua mulher Donna Maria Pinheiro; forão padrinhos Christovão Lopes Leitão e Donna Jacintha mulher de Manoel Pinheiro Serqueira, o que tudo me constou por certidão de letra e signal do dito Doutor Fr. Christovão de Christo que, com licença in scriptis me foi por elle logo remetida. a) João de Barcellos Machado.

Seu irmão, Inácio Dias Velho, faleceu em 15-4-1757, na freguesia de Sacra Familia, dizendo o respectivo óbito que ele era senhor da Fazenda de Sant'Ana, na paragem chamada de S. Antônio, solteiro, de 40 a 44 anos.

Quanto aos filhos que Silva Leme dá para o Dr. Pedro Dias e sua mulher D. Francisca Joaquina, achei os assentos de batismo de todos, menos do de Roque de Macedo Paes Leme (Cônego), que, tendo sido batizado em 12-3-1730, seria o F 1. Os demais filhos foram:

F 2) Garcia, 8-12-1730; faleceu criança.
F 3) Maria, 28-3-1734; morreu solteira.
F 4) Fernando, 24-4-1737; casou-se.
F 5) Berarda, 1-1-1741; faleceu solteira.
F 6) Garcia, 29-7-1744; casou-se.
F 7) José, 27-9-1750; morreu solteiro.

No registro de batismo de Garcia, lê-se, na escrita tosca da época, que era «filho legitimo do Dr. guarda mor geral Pedro Dias Pais Leme natural e nacido Igreja do Reconcavo desta cidade e bispado do Rio de Janeiro e de sua mulher Donna Francisca Joaquina d'Horta Forjaz Pereira nacida em berridi Bispado de Coimbra moradores atuais neste citio da parahiba do sul caminho das minas neto pela parte paterna do Capitão mor e guarda mor geral das minas Gracia Roiz pays e sua mulher Donna Maria pinheiro da Foncequa aqui tambem moradores e já defuntos naturais ambos da sidade de S. Paulo deste bispado e pela materna he neto de Roque de Masedo pereira e sam payo já defunto natural e nacido na sua quinta de berridi Bispado de Coimbra ali morador e de sua mulher Donna Berarda Victoria d'Horta Forjaz pereira Rangel ali moradora e

nacida em setubal Freguezia de S. Julião Bispado de Lisboa».

Esse Garcia Rodrigues Paes Leme se casou com a sua prima Ana Francisca Joaquina de Oliveira Horta, filha do Cel. J. Caetano Rodrigues Horta e de sua mulher D. Inácia Pires de Oliveira Leite.

O F 4, ou seja, Fernando Dias Paes Leme, fidalgo da Casa Real, Guarda-Mór das minas, se casou com D. Francisca Peregrina de Souza e Mello, filha de Simão de Souza de Siqueira Corrêa e de sua mulher D. Maria Luiza de Mello.

Dêste casamento nasceu em Portugal Pedro Dias Paes Leme, depois Marquês de S. João Marcos, que se casou, primeiro, com Rita Ricardina da Cunha e, segundo, com Mariana Carolina da Cunha Porto, ambas filhas deJosé Alves da Cunha Porto e Mariana Perpetua de Azevedo, todos naturais de Minas, tendo da segunda, que foi a Marquêsa, a Rita Ricardina Paes Leme, que se consorciou com o seu primo Diogo de Souza e Mello, filho êste do Chefe de Divisão Francisco Agostinho de Souza e Mello e Menezes, fidalgo da Casa Real e natural de Portugal, e de sua mulher Maria José Paes Leme, filha esta do Tnte. Cel. Simão José de Souza e Siqueira Leme e de sua mulher Maria Joaquina Paes Leme.

O Tnte. Cel. Simão José foi batizado em 9-8-1778 na freguesia de Sacra Familia, bispado do Rio de Janeiro. O respectivo assento o dá como «legitimo de Fernando Dias Paes Leme, natural e batizado na freguezia de N. S. da Conceição e S. Pedro e S. Paulo da Paraíba, bispado do Rio de Janeiro, e Francisca Peregrina de Souza e Mello, natural e batizada na freguesia de Sacavem, patriarcado de Lisboa, neto paterno de Pedro Dias Paes Leme, natural e batizado na freguesia de N. S. da Apresentação de Irajá, bispado do Rio de Janeiro, e Francisca d'Horta Forjaz Pereira, natural e batisada na freguezia de Verride, bispado de Coimbra, e materno de Simão de Souza e Siqueira Corrêa, da Quinta de Olivais, e de Maria Luiza de Mello, do mesmo bairro do patriarcado de Lisboa.»

Os filhos seguintes, irmãos de Simão José, foram: Maria (2-7-1780), Inácio (11-5-1782), João (6-7-1783) e João (17-4-1788). Segundo verifiquei, pelo mesmo livro, meu avô paterno Fernando (Fernando Luiz dos Santos Werneck) assim se chamou por ter tido por padrinho a Fernando Dias Paes Leme, sendo Francisca Peregrina a madrinha.

Irmão mais moço de Francisca Peregrina, Francisco Agostinho de Souza e Mello e Menezes foi, em Portugal, Guarda-Marinha em 6-12-1784, 2.º Tenente em 16-12-1793 e Capitão-Tenente em 20-10-1796. Veio para o Brasil em 1807, embarcado na náu «Principe Real», que fazia parte da esquadra que trouxe D. João VI e comitiva. Foi Capitão de Mar e Guerra em 1822, quando aderiu à Independencia, e reformado nêsse posto em 7-4-1823. Nas certidões em que se cita o seu nome aparece como Brigadeiro, dizendo-se, porém, em sua familia, que foi Chefe de Divisão.

Teve, do seu casamento com Maria José Paes Leme, os seguintes filhos:

F 1) Diogo, c. c. Rita Ricardina Paes Leme, em 1.ªs nupcias, e Balbina Paes Leme, em 2.ªs. (irmãs por parte de pai),

F 2) Fernando, c. c. Virginia Corrêa,

F 3) José, c. c. Mariana Francisca da Rocha, f. l. do Capitão Francisco da Rocha Chaves e Ana Francisca do Nascimento,

F 4) Pedro, c. c. Francisca Ana da Rocha, idem, idem, acima,

F 5) João, solteiro,

F 6) Sebastião, c. c. sua sobrinha Francisca Agostinha de Souza e Mello, f. l. de Quintiliano de Souza e Mello (de 1.ª união) e Maria Francisca Paes Leme.

Dêste último, Sebastião de Souza e Mello, conheci os seguintes filhos: Almirante Francisco de Souza e Mello, ainda vivo, Frof.ª Francisca Peregrina de Souza e Mello e Tte. Cel. Fernando de Souza e Mello, ambos já falecidos. O Tte. Cel. Fernando, nascido em Florianopolis, Estado de Santa Catarina, e Amália de Campos, natural de Pelotas, E. do Rio Grande do Sul, f. l. de José Bento de Campos e Amália Pereira, da mesma cidade, foram pais, dentre outros filhos, de Dinora de Souza e Mello, natural de Bagé, que se casou em Barbacena, com o meu irmão José Klörs Werneck, natural de Petrópolis, cujos filhos, Maria Teresinha, Elza Maria, naturais de Barbacena, e José e Antônio de Padua, naturais de S. Paulo, veem assim a se filiar à geração dos Paes Leme de que acabo de tratar.

Sabido já que Fernando Dias Paes (n.º 2) não deixou filhos do seu casamento e que Inácio Dias Velho (n.º 4) não se casou, passo a dar o que achei, em minhas pesquisas, a respeito de Lucrecia Leme Borges de Cerqueira (n.º 3) e Luzia ou Luiza Paes Leme (n.º 5).

Antes disto, porém, informo que Francisca Joaquina d'Horta Forjaz Pereira, mulher do Dr. Pedro Dias Paes Leme (n.º 1)

faleceu na Sé do Rio de Janeiro, em 17-9-1783, conforme o livro 18.º de óbitos, declarando que, de seu marido, já defunto, deixava os seguintes filhos: Fernando, Garcia, José, Roque, Maria e Berarda.

Luzia Paes Leme (n.º 5) se casou na freguesia da Paraíba, em 2-4-1719, com Bartolomeu de Freitas Esmeraldo, natural e batizado na Sé da Ilha da Madeira, e faleceu na Sé do Rio de Janeiro, em 1-1-1722, conforme o livro 10.º de óbitos, fls. 122, sem herdeiros.

O assento do seu casamento a dá como batizada na freguezia de N. S. da Penha de Araçarigoana, termo da cidade de S. Paulo, e o seu óbito como natural da vila de Parnaíba, comarca da mesma cidade.

Lucrecia Leme Borges de Cerqueira (n. 3) aparece, já casada com Manuel de Sá e Figueiredo, na freguesia da Paraíba, onde se batizaram os seguintes filhos: Maria, em 14-11-1723, e Antônio, em 20-9-1725. No assento de batismo de Maria figura o nome do pai como Manoel de Saa e Bustamante, mas o que vi assinado, várias vezes, é Manoel de Saa e Figueiredo, quando, por inteiro seria Manoel Forte de Bustamante de Sá e Figueiredo, pois que filho de Antônio Forte de Bustamante e Angélica Maria de Sá e Figueiredo.

Silva Leme, em sua «Genealogia», só fala em Antônio (Dr. Antônio Forte de Bustamante Sá Leme) e Roque Luiz de Macedo Paes Leme da Câmara, em sua «Nobiliarquia Brasiliense», diz que os filhos foram onze, mencionando ainda José Manuel Teotônio Fortes de Bustamante e Manuel Joaquim Fortes de Bustamante.

Como haja quem queira enfileirar o Dr. Luiz Forte de Bustamante e Sá entre os filhos de Manuel de Sá e Figueiredo e Lucrecia Leme Borges de Cerqueira, apresso-me a transcrever o que achei a respeito do mesmo, o que parece provar que Manuel e Luiz eram irmãos.

O Dr. Luiz foi padrinho de Maria, batizada em 14-11-1723, e, para ser irmão da mesma, a diferença de anos seria muito grande, pois que, em 1710, já era êle Juiz de Fóra, no Rio de Janeiro.

No livro 5.º de casamento da Sé, aparece, em 8-9-1720, o assento de casamento do Dr. Roberto Carr Ribeiro, nat. e bat.º na freguesia dos Santos da cidade de Lisboa, f. l. de Barnabé Carr Ribeiro e D. Bárbara Mecia Ribeiro, com Maria Angélica de Sá e Figueiredo, nat. e bat. na freguesia de N. S. d'Assunção da vila de Ourem do Bispado de Leiria, f. l. do Dr.

Luiz Forte Bustamente e Sá e Luiza Maria Xavier da Fonseca.

Ora, dando-se a idade de 20 anos para Maria Angélica, chegariamos à conclusão de que ela nasceu em 1700, e, 45 anos para o Dr. Luiz Forte, teriamos o mesmo nascido em 1675, o que nos leva a supor que o Dr. Luiz era português e irmão de Manuel de Sá e Figueiredo.

Embora percorresse vários livros de batismos da Sé e da Candelária, só topei com o assento de batismo de um filho dele, aliás na mesma data acima, 8-9-1720, que é o de Tomaz, na freguesiada Candelária.

VII

FRANCISCO TAVARES, O VERDADEIRO ALFERES DA «ROÇA DO ALFERES»

Á Frei Aurélio Stulzer

Escreveu o Sr. José Mattoso Maia Forte, em sua «Memoria da Fundação de Vassouras», pags. 13/4, o seguinte :

«Um dos pontos de passagem da estrada de Garcia Paes, a «Roça do Alferes», foi origem da primeira vila da região. Leonardo Cardoso da Silva, filho de Portugal, tornou conhecido aquele ponto sob a referida denominação, por ser «alferes de ordenança». Em redor da sua roça, estabeleceram-se outros agricultores aos quais faltava «pasto espiritual» por viverem no «centro dos matos e mui longe de todo recurso». Frei Francisco de S. Jerônimo, bispo de S. Sebastião, solícito em cuidar do seu rebanho, permitiu, por isso, que o oratório de um fazendeiro local, o capitão Francisco Tavares, servisse de capela curada, até que, doada pelo mesmo capitão uma área de terra e com outros recursos se levantasse uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, onde a primeira missa, presumivelmente, fôra celebrada no mesmo dia, 26 de abril de 1739, em que o capelão da Paraíba, padre Manuel da Costa, lhe deitou a sagrada benção. Sómente por alvará de 23 de novembro de 1750, teve ela a categoria de vigaria colada».

Embora o ilustre escritor se tenha estribado em asserção de Monsenhor Pizarro (Memórias históricas, vol. IV, pag. 110), parece-me que ambos se enganaram, pois, fazendo pesquisas em tôrno da pessoa do Alferes Francisco Tavares, encontrei documentos provando o contrário, isto é, que a «Roça do Alferes» deve a sua origem, não ao Alferes Leonardo Cardoso da Silva, mas ao Alferes Francisco Tavares, em cuja fazenda se estabeleceu a capela curada e, mais tarde, a capela sob invocação de Nossa Senhora da Conceição, como vimos acima.

Vejamos primeiro quem foi Francisco Tavares, passando pelos documentos por mim encontrados. Era amigo íntimo do tenente de cavalos, Leonel da Gama Bellens, natural, como ele, da provincia de Alentéjo, Portugal. Casaram-se ambos na Colonia do Sacramento, possivelmente na mesma familia. Leonel, em 3-5-1690, com Maria Josefa Corrêa, e Francisco, em 10-1-1700, com Isabel Corrêa, ou, melhor, Isabel Corrêa de Oliveira. Os primeiros foram os troncos da grande familia mineira dos «da Gama» (Almeida da Gama, Nogueira da Gama, da Gama Cerqueira, etc.), alguns dos quais ainda parentes meus pelo lado materno de minha progenitora.

Os registros dos casamentos de ambos se encontram no fim do livro 3.º de casamentos da Sé do Rio de Janeiro, onde existe uma anotação de que os batismos e casamentos alí registrados foram feitos de acôrdo com as cópias vindas da Colonia. O casamento de Tavares consta do teor seguinte :

«Aos dez dias da era de 700 recebi em facie ecclesiae a Francisco Tavares com Isabel Corrêa de Oliveira, na forma do Sagrado Concilio Tridentino. Foram padrinhos o Governador Sebastião da Veiga Cabral e Barbara Corrêa de Oliveira.»

Mais adiante veremos suas ascendência e descendência, para passarmos às origens da «Roça do Alferes», depois freguesia de N. S. da Conceição do Alferes, hoje Patí do Alferes, Estado do Rio.

De outros trechos da própria «Memória», podemos também inferir ser o Alferes da «Roça» Francisco Tavares e não Leonardo Cardoso da Silva. Á pag. 8 escreve ainda o ilustre fluminense :

«Dos primeiros povoadores das terras próximas às de Garcia Paes e vizinhos do caminho por ele aberto, temos notícia pelas sesmarias que os governadores do Rio de Janeiro concederam e constam de numerosas coleções do Arquivo Público Nacional. A mais antiga e que, aliás, não vimos, deve ter sido a do Capitão Francisco Tavares (7), à qual se refere a de Marcos da Costa, nome alí conhecido há quasi 250 anos».

O n.º 7, dos parentesis, diz o seguinte: «Foi a capela curada da sesmaria de Francisco Tavares que o bispo D. Fran-

cisco de S. Jerônimo mandou servir de capela curada. Em 1719 Tavares estava na sua sesmaria, tendo recebido ordem para facilitar, com os demais sesmeiros, a viagem dos soldados do Regimento dos Dragões que haviam chegado de Portugal e iam pelo caminho novo para Minas Gerais (Teófilo Feu de Carvalho «Caminhos e roteiros das Capitanias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas» no tomo 4.º dos Anais do Museu Paulista.)

Em «Caminhos antigos e estradas modernas», do Sr. Moacir Silva, pag. 86, citação de Feu de Carvalho, encontramos os nomes dos sesmeiros da zona: Francisco Tavares, Fernando Dias, José Leite, Manuel Freire e José de Azevedo, que eram moradores do caminho novo. Francisco Tavares notificaria os residentes desde a Serra do Mar até José Severino. Nenhuma referência se acha ali do Alferes Leonardo Cardoso. Por tais citações, vê-se que a sesmaria de Tavares era mais antiga e mais importante que a de Leonardo, se é que êle possuía lá alguma roça ou fazenda, naquela época.

Tomado a Colonia do Sacramento, veio Francisco Tavares, tal como Leonel da Gama Bellens, para o Rio de Janeiro, trazendo os seus três filhos: Francisca, Sebastiana (2.ª do nome) e João. Êste, nascido também na Colonia, veio a ser batizado na capela da Fortaleza de S. João, conforme o livro 6.º da Sé, tendo por padrinho Antônio Moreira da Cruz e por madrinha D. Maria Josefa Corrêa, mulher do Capitão Leonel da Gama, então Governador da dita fortaleza. Estabelecendo-se no «caminho novo», nasceram-lhes ainda os seguintes filhos: Bárbara e Antônio, isto, ao que deduzo, em 1708 e 1710. Em 1711, vindo ao Rio de Janeiro, talvez por motivo da invasão dos franceses, nasceram, em 1711, Manuel, e, em 1712, Inácio, ou Inácio Corrêa Tavares, 4.º avô de quem escreve estas linhas e cujo assento de batismo, segundo o livro 2.º, da Candelária, é o seguinte:

> Ignacio — Em dezoito de Julho de mil setecentos e doze baptizei e pus os Santos Oleos a Ignacio filho do Capitão Francisco Tavares e de sua mulher Isabel Corrêa foram padrinhos o Coronel Antônio Francisco da Silva e . . . . . a) Thomé Corrêa.

Já era então Francisco Tavares capitão, posto para o qual fôra nomeado em 27-11-1709.

Que a «Roça do Alferes» era mesmo do Alferes Francisco Tavares prova a seguinte certidão de batismo da freguesia de S. João de Itaboraí:

> Joseph — Aos dizesete de Julho de mil septe centos e cincoenta e seis baptizei a Joseph filho legitimo de Luiz Paulo Lobo da Costa e Florencia da Sylva moradores nesta freguezia neto pela parte paterna de Vicente Ferreira da Costa e sua mulher Hyeronima Maria da Costa moradores e naturais da Villa de Torres Novas da freguezia de S. Thiago Patriarcado de Lisboa e pela materna de Salvador da Sylva Fidalgo natural da Villa de Estremoz (ignora-se a freguezia) e sua mulher Barbara Correya natural da freguezia e fazenda do Alferes seu Pay no caminho das Minas foram Padrinhos o Lecenciado Manoel Ribeiro Collado morador na cidade do Rio de Janeiro por procuração que fez a Salvador da Sylva Fidalgo filho do outro do mesmo nome e Barbara Correya sua avó do que fis este termo que asigno. a) Bento Joseph Caetano Barroso Pereira.

Á pag. 14 da «Memoria» há ainda a seguinte indicação: «A região da «Roça do Alferes» e a confineante onde havia os «patís» (palmeiras), tornára-se da maior valia, situadas no vertice de um triangulo, cujos dois outros eram Sacra Familia do Tinguá e as propriedades de Marcos da Costa, depois da serra».

Ora, segundo o mapa feito pelo Ajudante Engenheiro João Jorge Lobo, em Lisboa, em 23-8-1778, vê-se que a freguesia do Alferes, a de Sacra Familia e Marcos da Costa formam mesmo um triangulo, irregular. Disse mais Maia Forte que a sesmaria do Alferes Francisco Tavares, a que se referia a de Marcos da Costa, era a mais antiga, e, à pag. 8, acrescenta o seguinte: «Marcos da Costa da Fonseca Castello Branco foi almoxarife da Fazenda Real do Rio de Janeiro, antes, durante e depois da invasão de Duclerc em 1710, e já possuia, mais ou menos em 1708, terras no caminho de Minas, «começando onde acabava a de Manuel Dias, no alto da serra do Couto». Sob o fundamento de que utilizava suas terras havia mais de quatro anos, pediu e obteve em 12 de Agosto de 1712 uma outra legua em quadra, começando «na ponte de um rio, antes de chegar à roça em que sempre assistiu o capitão Francisco Tavares», sesmeiro na zona do Pau Grande, sendo essa legua de um e de outro lado do caminho das Minas, correndo por êste para o Pau Grande, denominação, portanto, já dada naquela época.

Marcos da Costa faleceu no Rio de Janeiro em 3-9-1721 e, em seu longo testamento, há o seguinte e elucidativo trecho: «Declaro que possuo mais no dito caminho novo das Minas a meação das terras e lucros da Rossa que chamão do Alferes

Francisco Tavares, na qual tenho dez escravos e assim fazem todos os escravos referidos o número de quarenta e quatro ou quarenta e sinco pela dúvida de serem tres ou quatro que tenho na Rossa que chamão do Governador.»

O Alferes Francisco Tavares já estava na sua sesmaria, havia vários anos, quando Leonardo Cardoso da Silva ainda deveria estar em Portugal, pois faleceu Leonardo em 1757, aparentando ter uns 55 anos, o que dá o seu nascimento em 1702 e a idade de 4 a 5 naquela ocasião.

A fls. 20 verso do livro 2.º da Freguesia de Sacra Familia do caminho novo de Tinguá, está o seu óbito registrado da seguinte forma:

«Ao primeiro dia do mez de Abril de mil setecentos e cincoenta e sette annos, faleceo da vida presente Leonardo Cardoso da Silva, homem casado com D. Francisca Dorothea, na Cidade do Rio de Janeiro, para donde foy doente, sepultado na Capela dos Terceiros de Santo Antonio, de idade parecia ter cincoenta e cinco annos pouco mais pouco menos; e para tudo constar melhor do assento que se avia de fazer na Freguezia donde faleceo eu fiz este Assento por elle hir doente de sua Fazenda nesta dita freguezia, do que fiz este Assento era ut supra. (a) O Vigario João Cerqueira Pereira.»

A referida freguesia não era nem podia ser a «Roça do Alferes» e sim outra sesmaria que possuisse ou as «sobras da terra que obteve em novembro de 1749» e que «iam do ribeirão e morro de S. Paulo para a rocinha do Páu Grande, no caminho que se abria para Minas» (Memoria da fundação de Vassouras, pag. 14, n.º 18).

No seu óbito, registrado em 2 de abril, no livro 6.º da Sé, com o nome de Leonardo Cardoso, lê-se que êle era natural de Viana do Minho, onde deixára uma filha natural (prova de que não veio tão moço para o Brasil) e que era casado aquí com D. Francisca, de que não deixou filhos. Foi, porém, enterrado na capela de S. Francisco e não na supra citada.

O registro do seu casamento, conforme o livro 7.º, da Sé, fls. 4, é do teor seguinte:

«Aos trez dias do mez de Mayo de mil setecentos e trinta e nove annos pelas cinco horas da tarde, na Capela de N. S. da Conceição da casa do Mestre de Campo Mathias

Coelho de Souza por licença que alcançarão do Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Bispo Dom Frei Antonio de Guadalupe, em prezença do Revendo Vigario da freguezia de N. S. da Candelaria e Juiz de Residuos o Doutor Ignacio Manoel da Costa Mascarenhas, de licença minha se recebeu Leonardo Cardoso da Silva de Azevedo, natural da vila de Cunha, termo da vila de Vianna, Arcebispado de Braga, filho natural de Balthazar da Rocha de Azevedo Bravo e de Maria da Sylva, com Donna Francisca Dorothea de Souza, natural da freguezia de Villares, comarca de Torre do Moncorvo, filha natural de Francisco Moreira de Souza e Dorothea de Mesquita; foram testemunhas prezentes o Mestre de Campo Mathias Coelho de Souza e sua mulher Donna Catharina Eugenia de Mello, o Ajudante Paulo Caetano de Souza e outras pessoas que presentes se acharam, do que fiz este assento, dia, mez era ut supra. (a) Manoel Rodrigues Cruz, Cura da Sé.

No livro 6.º da Candelária, em 30-10-1743, encontrei o assento de batismo de Joana, filha de Leonardo, o qual aparece aquí como natural da vila de Viana, freguesia da Portela da vila de Pinho. Tendo em vista o seu testamento, deve ter essa filha falecido.

Falamos em Marcos da Costa. Para não perder a oportunidade, faço um pequeno parentesis nêste trabalho afim de dar ligeiros dados biográficos de tão ilustre pessoa, colhidos em seu próprio testamento. Diz êle:

«Declaro que sou natural da Cidade de Lisboa, filho de legitimo matrimonio do Doutor Loupo da Costa de Afonseca e de sua mulher Gracia Rodrigues, da freguezia da Sé da dita Cidade. Declaro que fui cazado por carta de metade com Maria Pedrosa, natural desta Cidade, do qual matrimonio tive hua filha por nome Dona Ursula de Afonseca, a qual morreo novissa no convento de Salvador das Religiosas Dominicas da dita Cidade de Lisboa da qual minha filha fui eu herdeiro, e declaro que não tenho presentemente nenhum herdeiro necessario».

Refere-se ele, ainda no seu testamento, ao seu irmão Manuel da Costa da Fonseca, ao seu tio Marcos da Costa e sua mulher Ursula de Gouvêa, e à sua prima Branca Josefa da Fonseca.

Sôbre a «Roça do Governador», diz o Sargento-Mór Marcos da Costa o seguinte:

«Declaro que possuo no caminho das Minas hua Rossa vulgarmente chamada do Governador, a qual possuo por hua sesmaria de hua legoa de terra em quadra, na qual Rossa tenho tres ou quatro escravos ou o que na verdade se achar em poder de meu sobrinho Joseph da Cunha Alvelho, que administra por ordem minha a dita Rossa, na qual sou eu senhor da propriedade e ele hé comigo meieiro nos lucros pelo trabalho de a beneficiar e seus lucros de que somos meieiros se entende no liquido que ficar, pagos cento e sincoenta mil reis de adeantamento que della fis ao dito sobrinho, com o qual ajustarão estas contas os meus testamenteiros».

Voltemos, porém, a Francisco Tavares.

Disse acima que o verdadeiro Alferes da «Roça do Alferes» foi Francisco Tavares e não Leonardo Cardoso da Silva. Minha conclusão é, aliás, a mesma de Frei Aurélio Stulzer, então vigário da freguesia hoje chamada Patí do Alferes, que também pesquisou o caso, sem ter o menor conhecimento das minhas buscas. À pag. 55 das suas «Notas para a história da vila de Patí do Alferes», dezembro de 1944, escreve ele o seguinte:

«Leonardo Cardoso da Silva, como fica dito, não foi o fundador da Freguesia. Serviu de tabelião no Rio de Janeiro. No entanto, está comprovada sua qualidade de proprietário aquí, por mais de um documento.

Pizarro (1794) diz que, da sua fazenda, no morro de S. Paulo, saía o intrépido Garcia Paes rumo ao Rio. Daí se conclue que êsse Leonardo já existia naquele lugar, antes de 1700, antes do Caminho Novo das Minas. Donde viria? Antes que queimassemos nossas pestanas identificando o verdadeiro fundador, essas perguntas nos atordoavam sem que nos fosse dado obter resultado positivo.

Mantemos nossa opinião, que o fundador foi o alferes Francisco Tavares. Antonil fala em sua obra «Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e riquezas», do itinerário pelo caminho novo das Minas, que abaixo será transcrito, na Roça do Alferes, mas não dá o nome. Ora, êsse livro foi editado em 1711 e escrito talvez em 1709, por conseguinte, nos primordios da Roça do Alferes.

O depoimento de Pizarro, no manuscrito, é de 1793, por

conseguinte, muito posterior. No seu livro de 1820 faz aquela desastrada confusão de Tavares e Leonardo, como sendo uma pessoa só. Entre a omissão de Antonil e a confusão de Pizarro, ficamos com o nosso citado ponto de vista:

1.º) porque Tavares residiu na Freguesia e foi seu proprietário; isto comprovado pelas subsequentes escrituras;

2.º) porque o novo caminho das Minas passava certissimamente pela Freguesia, comprovado por documentos da época;

3.º) porque Leonardo Cardoso da Silva foi proprietário no morro de S. Paulo, portanto, para quem vinha do Rio, mas fóra de mão;

4.º) pela declaração expressa do padre Werneck, que viveu nos tempos imediatos do Alferes e confirma-o.

Ora, se a localidade se chamou «Roça do Alferes» e pelo fato de ter sido feito por ele a matriz (a 1.a.), criada a freguesia, recebeu esta o nome do «Alferes», só pode ser êste o alferes Francisco Tavares.».

A declaração a que se refere ele, do padre Werneck, aliás, o ex-Sargento-Mor Inácio de Souza Wernek, fundador da freguesia de N. S. da Glória de Valença, hoje cidade de Marquês de Valença, a pags. 92 e 98 do processo de criação da vila do Alferes, é a seguinte: «e quando se erigiu a capela que agora serve de matriz, havia então alí uma grande fazenda, cujo proprietário era o Alferes Francisco Tavares, um dos primeiros fazendeiros daquela estrada novamente (nota: recentemente) aberta para as Minas; foi ele quem a edificou para alí satisfazer os oficios divinos e os mais fazendeiros, que não excediam de cinco, e por isso a fez pequena e conservou sempre o atual título de Freguezia da Conceição do Alferes, aludindo ao seu fundador.»

Já vimos acima que os outros fazendeiros eram Fernando Dias, José Leite, Manuel Freire e José de Azevedo.

André João Antonil (cujo verdadeiro nome era, sabe-se hoje, João Antônio Andreoni, S. J.), na sua obra citada, assim descreve o «Roteiro do caminho novo da cidade do Rio de Janeiro para as Minás»:

«Partindo da cidade do Rio de Janeiro por terra com gente carregada, e marchando à paulista, a primeira jornada se vai á Irajá; a segunda ao engenho do Alcaide-Mór Tomé Corrêa; a terceira, no porto do Nóbrega no Rio Iguassú,

onde há passagem de canôas e saveiros; a quarta ao sitio que chama de Manuel do Couto. E quem vai por mar e embarcação ligeira, em um dia se põe no pôrto do Freguesia de N. S. do Pilar, e em outro, em canôa. subindo pelo rio Morabaí acima, ou indo por terra, chega pelo dia ao referido sitio do Couto.

Deste se vai à cachoeira do pé da serra, e se pousa em ranchos. E dalí se sobe à serra, que são duas boas leguas; e descendo o cume se arrancha nos pousos que chamam Frios. No dito cume faz um taboleiro direito em que se pode formar um grande batalhão e em dia claro é sitio formoso e se descobre dele o Rio de Janeiro, e inteiramente todo o seu recôncavo.

Dos pousos frios se vai à primeira roça do Capitão Marcos da Costa e dela, em duas jornadas, à segunda roça que chamam do Alferes. Da roça do Alferes, em uma jornada, se vai ao Páu Grande, roça que agora principia e daí se vai pousar no mato ao pé de um formoso morro que chamam Cavarú, etc.»

Esperamos, assim, não haver mais dúvida de que o verdadeiro Alferes da «Roça do Alferes» foi Francisco Tavares e não Leonardo Cardoso da Silva, que viveu e faleceu no Rio de Janeiro, onde foi enterrado. Consultando a relação de sesmarias, feita por Mons. Pizarro e publicada no vol. 63 da «Revista do Instituto Histórico e Geográfico» dos anos de 1565 a 1796, verifiquei que Leonardo Cardoso obteve 3.000 braças em quadra, na Paraíba do Sul dos Campos dos Goitacazes, em 18-10-1737.

Francisco Tavares e Isabel Corrêa de Oliveira deixaram grande descendência no «caminho novo de Minas», ou melhor, nas freguesias do Alferes e da Paraíba. Limito-me aos filhos e netos que descobri em minhas buscas:

F 1) Francisca Xavier das Chagas, natural e batizada em 20-9-1700 na freg. do Pilar da Colonia do Sacramento e casada em 25-5-1732, na Igreja de S. José do Rio de Janeiro, com Domingos Gonçalves Ferreira, natural e batizado na freg. de Cosurado de Santiago, arcebispado de Braga, filho legitimo de Domingos Gonçalves de Fontes e Maria Barboza.

F 2) Sebastiana Corrêa de Oliveira, natural e batizada em 5-12-1703 na mesma freguesia do Pilar e casada na

Igreja de S. José em 28-10-1733, com Bartolomeu dos Santos Rodrigues, natural da vila de Freixo de Numão e batizado na freg. de S. Pedro do bispado de Lamego, filho legitimo de Manuel Rodrigues e Maria Rodrigues. Pais de:

Manuel dos Santos Rodrigues, natural e batizado na freg. do Alferes e casado com Fabiana Maria de Jesus, natural e batizada na freg. de Pilar de Iguassú. Felipe dos Santos Rodrigues, idem Alferes, casado com Mariana Corrêa Passos, idem Pilar.
Inácio Francisco dos Santos, idem Alferes, casado com Luiza Maria das Virgens, idem Pilar.
Joaquim dos Santos Rodrigues, idem Alferes, casado com Maximiana Maria d'Assunção natural e batizada na Sé do Rio de Janeiro.

F 3) João Corrêa Tavares, natural da Colonia do Sacramento e batizado em 24-7-1706 na Sé do Rio e casado com Ana Maria Pedrosa de Moraes, batizada na freg. de S. Antônio de Guaratinguetá, bispado de S. Paulo, filha legitima de João Pedroso de Moraes e Ana Barboza de Lima. Pais de:

Maria Agueda Corrêa de Oliveira, natural e batizada na freg. do Alferes e casada com Tomé Gonçalves, natural e batizado na freg. de Pilar de Iguassú.
Ana Maria Pedrosa de Moraes, idem Alferes, casada com Francisco Gonçalves de Gouvêa, idem Pilar.
Teresa Maria de Jesus, idem Alferes, casada com Manuel José de Abreu e Silva, natural e batizado na freg. da Carnota, patriarcado de Lisboa.
Angélica Sebastiana Corrêa de Oliveira, idem Alferes, casada com Manuel Ferreira da Cruz, natural e batizado na freg. da Borda do Campo.
Antônio Vicente Ferreira, natural de Guarapiranga, bispado de Mariana, casado com Rita Maria da Conceição, natural e batizada na freg. de Inhomorim.

Mariana das Neves Corrêa, natural do arraial de Pinheiro de Sumidouro, casada com José de Pontes França, em 1.ªs nupcias, e com Pedro Corrêa e Castro, natural da cidade de Mariana, em 2.ªs nupcias.
João Ferreira Tavares, idem Sumidouro, casado com Maria Cande Valladares, natural e batizada na freg. do Alferes.

F 4) Bárbara Corrêa de Oliveira, natural e batizada na freg. do Alferes e casada na Igreja de S. José, em 2-5-1733, com Salvador da Silva Fidalgo, natural e batizado na freg. de S. André da vila de Estremoz, filho legitimo do Cap. Manuel da Silva Fidalgo e Maria Garcia de Carvalho. Pais de:

Florencia da Silva casada com Luiz Paulo Lobo da Costa.

F 5) Antônio Francisco de Oliveira, natural e batizado na freg. de N. S. da Conceição e S. Pedro e S. Paulo da Paraíba e falecido, solteiro, na freg. do Pilar do Iguassú, em 30-12-1780.

F 6) Manuel, batizado em 9-2-1711 na Sé do Rio de Janeiro, onde achei, um Manuel Tavares casado com Joana da Cunha, pais de Luiz, batizado em 26-11-1737.

F 7) Inácio Corrêa Tavares, natural e batizado em 18-7-1712 na freg. de N. S. da Candelária do Rio de Janeiro, casado com Inácia Maria de Jesus, natural e batizada na freg. de Pilar do Iguassú, filha legitima de Antônio Dias e Josefa Maria da Conceição. Pais de:

Maria Luiza de Oliveira, natural e batizada em 14-9-1778 na freg. do Alferes, e casada com o Sargento-Mór José Maria de Guadalupe, natural e batizado na freg. da Paraíba.
José Inácio Corrêa Tavares, natural e batizado em 17-6-1780 na freg. do Alferes, casado com Teresa Barboza de Jesus, natural da freg. de Sacra Familia, e, em 2.ªs nupcias, com Inácia Maria de Jesus, idem Sacra Familia.

Para não me alongar mais, com outras gerações, passo aos ascendentes de Francisco Tavares.

A perda ou extravio dos primeiros livros da antiga freguesia do Alferes me impediu de obter dados diretos sôbre os seus ancestrais, dados êsses que procurei em boa quantidade de livros de outras freguesias do antigo e vasto bispado do Rio de Janeiro. A melhor indicação que possuimos sôbre êle o dá como natural do Alentéjo e Isabel Corrêa de Oliveira como nascida na Freguesia do Pilar, indicações bem vagas, aliás, para maiores pesquisas a respeito.

Após muitas e trabalhosas buscas, encontrámos certo indício que nos levou à obtenção de dados indiretos acerca de sua ascendencia, em época bem recuada. Assim é que, no assento do óbito de seu filho, Antônio Francisco de Oliveira, registrado no livro próprio da freguesia do Pilar do Iguassú, em 30-12-1780, referia-se o mesmo a uma tia de nome Ana Carvalho Amado. Tal dado anotado pelo meu prezado primo Pedro Werneck Corrêa e Castro, também descendente do Alferes, por João Corrêa Tavares, foi o ponto de partida para a descoberta dos pais de Francisco Tavares. Foi êle uma cópia do assento de batismo de João, filho de João Lopes Ferreira e sua mulher Ana Carvalho Amado, do qual foram padrinhos o Capitão Francisco Tavares, por seu procurador o Tenente Manuel Vieira, e Isabel Carvalho, viúva de Salvador Monteiro e avó da criança.

Ora, apesar de já ter manuseado dezenas de livros paroquiais, não me era estranho o nome de Salvador Monteiro. Dei nova busca em livros das freguesias da Sé e da Candelária e assim achei o assento do seu óbito, com o testamento. Os nomes, que ali achei, me levaram a outros nomes e a novas buscas, podendo dest'arte, descobrir os nomes dos pais de Francisco Tavares.

Salvador Monteiro Deniz, filho legitimo de João Deniz e Maria Rodrigues se casou com Maria da Candelária, nascida e batizada na freguesia do seu nome, filha legitima de Domingos Rodrigues Rezende e Mecia Barreira, e, posteriormente, com a referida Isabel de Carvalho Amado.

Domingos Rodrigues Rezende faleceu na freguesia da Candelária em 6-8-1674 e sua mulher, Mecia Barreira, na mesma freguesia, em 25-11-1693, havendo referência, em seu óbito, à sua neta Antônia, filha de Domingos Rezende e a seu neto Pedro, filho de Lourenço Alvares. Em 5-1-1709, achei o óbito de uma Joana Barreira, casada com Vicente Alvares Lima, que podem ser os pais de Mecia Barreira.

Salvador Monteiro, natural de Vila Franca de Cima, arcebispado de Lisboa, se casou, provavelmente no Rio de Janei-

ro, em 1670 e faleceu em 11-8-1723, na freguesia da Sé. Sua primeira mulher, Maria da Candelária, faleceu na freguesia do mesmo nome, em 4-10-1690. Tiveram os seguintes filhos, todos alí batizados:

F 1) Micaela Monteiro, 4-10-1672; casada com Pedro da Luz Tavares;
F 2) Maria da Candelária, 18-3-1678; casada com Mateus Gonçalves da Cruz;
F 3) Salvador Monteiro, 5-7-1680; Padre;
F 4) Tomaz, 7-3-1682;
F 5) Felix, 27-5-1683;
F 6) João Monteiro, 17-10-1685; Padre;
F 7) José, 14-3-1686;
F 8) Antônia, 22-6-1688.

No seu testamento, refere-se Salvador Monteiro a apenas aos filhos 1, 2, 3 e 6, certamente por terem os demais falecido. Casado em 2.ªs nupcias, em 18-11-1698, com Isabel de Carvalho Amado, natural do Rio de Janeiro, tiveram os seguintes filhos, todos batizados na mesma freguesia:

F 1) Pedro, 25-5-1704;
F 2) Inácia Carvalho Amado, 24-9-1705; casada com Manuel Vieira;
F 3) Ana Carvalho Amado, 15-2-1707; casada com João Lopes Ferreira;
F 4) Francisco, 8-2-1708.

Refere-se Salvador Monteiro, no mesmo testamento, a êstes filhos, com exceção do primeiro, sem dar o sobrenome do último.

Supús, a princípio, que Micaela Monteiro fosse a mãe de Francisco Tavares, mas a descoberta do assento do seu batismo, em 4-10-1672, no livro 2.º da Candelária, e do seu casamento na Igreja de S. José, então Sé, em 4-4-1693, com Pedro da Luz Tavares, natural do Rio de Janeiro, filho legitimo de Luiz Pereira Tavares e Tomazia da Luz, me levou à conclusão de que Pedro da Luz Tavares e Francisco Tavares eram irmãos e que, pelo facto de ser Antônio Francisco de Oliveira sobrinho de Pedro e Micaela, também chamasse de tia a Ana Carvalho Amado, conforme o fez em seu testamento, acima citado.

Ora, casando-se Micaela com 21 anos de idade, supõe-se

que Pedro deveria ter então uns 25 anos, o que daria o seu nascimento em 1668. Sendo êle já brasileiro e Francisco português, segue-se que o nascimento dêste deveria ter ocorrido em mais ou menos 1665.

Assim sendo, pode-se identificar o Francisco Tavares, Alferes em 1700, com o Francisco Tavares que, em 1680, já se encontrava lá na Colonia do Sacramento, para onde fôra em companhia de D. Manuel Lobo, Governador do Rio de Janeiro e fundador daquela colonia lusitana, à margem do Rio da Prata, no lado fronteiro a Buenos Aires.

Tomada a nascente povoação, antes do seu primeiro ano de existência, pelos espanhóis de Vera Mujica e a indiada do Padre Altamirano, foram os portuguêses, presos, levados para Buenos Aires, então governada por D. José Garro.

No vol. II da obra do Sr. Jonatas da Costa Rego Monteiro — A Colonia do Sacramento — à pag. 47/8, se acha a relação dos prisioneiros, sendo os últimos citados Francisco Tavares, D. Francisco Naper de Lancastro, Tenente Bartolomeu Sanches Jara e Padre Manuel Pedroso.

Na obra do Dr. Luiz Enrique Azarola Gil «La epopeya de Manuel Lobo», pag. 60, também há uma referência a Francisco Tavares. Escreve o ilustre diplomata uruguaio:

> «Duraban aún las manifestaciones de entusiasmo cuando se anunció el arribo de una sumaca que traia prisioneros al maestro de campo Manuel Lobo, conducido por el capitán Francisco de la Camara y acompañado de su capellán, P. Duran de la Motta, el jesuita Manuel Poderoso, el capitán Simón Farto y otros subalternos (3).

E a nota 3 esclarece que eram eles: André de Aldana Soares, Bento Pereira Fragoso, Antonio Pereira Siqueira, Antônio de Figueiredo, Leonel Campos Corrêa, Manuel Rodrigues Canela, Antônio de Oliveira, Manuel da Cruz e Francisco Tavares.

Conforme pude verificar, alguns oficiais que lutaram na Colonia do Sacramento, eram fluminenses como os capitães Farto de Brito e Garcez Gralha, tendo êstes últimos o título de Dom. Em 28-4-1671 faleceu na Sé, Manuel Garcez Gralha, natural do Rio de Janeiro e filho legitimo de Bento Garcez e Maria da Silveira. Casado com D. Leonor Barreto, deixou 5 filhos: Domingos, Manuel, Bento, Catarina e Francisca. Era o

morto irmão de Bento Garcez de Araujo e do Padre Bento Garcez da Silveira.

O Capitão Manuel de Aguila Elgueta, casado com D. Catarina de Aguiar, teve geração nascida na freguesia da Candelária. Um dos comandantes das três charrúas de D. Manuel Lobo, o Capitão Maynardt, morador no Rio de Janeiro, deve ser Jorge Maynarth, natural da cidade do Pôrto, filho legitimo de Gualter Maynarth e Leonor Mainarth da Silva, casado na Sé, em 4-7-1694, com Ursula da Silva, viúva de João Franco Viégas.

Fluminense também era o General João Tavares Roldão, filho de Manuel Tavares Roldão e de sua mulher Guiomar de Paredes. Faleceu na freguesia de Irajá em 23-11-1709 e, do que pude ler no seu óbito, estava alí preso por ordem do Santo Ofício, quando entraram os franceses atirando e ele levou dois tiros de espingarda. Teve tempo, diz o assentamento, de apertar a mão do Padre Joseph Correa, mostrando-se arrependido. Logo abaixo, pude ler que sua mãe, Guiomar de Paredes, também se achava detida por ordem do Santo Ofício. Sabe-se que os Paredes eram cristãos novos estabelecidos em Irajá. Pelo ano, 1709, parece tratar-se de um sucesso isolado dos franceses que a história geralmente não consigna.

O Capitão-Tenente da Armada, João Guilherme Kelly, era irlandês, casado com uma senhora Lara, de Buenos Aires. Deixou descendentes no Rio de Janeiro, batizados na freguesia de Santa Rita da Côrte.

Devolvida a Colonia aos portugueses, foram entregues alguns prisioneiros ao seu novo governador, Duarte Teixeira Chaves, entre êles Francisco Tavares, como se vê da obra de Rego Monteiro, pag. 53/4.

Casando-se em 1700, teria então Tavares, veterano da Colonia, os seus 35 anos, calculando-se o seu nascimento em 1665. Em 1739, quando fez no Rio de Janeiro, perante o tabelião Leonardo Cardoso da Silva, certa doação para manutenção da capela curada da sua fazenda, teria então os seus 75 anos mais ou menos.

Em tal escritura, diz êle que «é senhor e possuidor de uma fazenda que planta vários legumes comestíveis, sita no Caminho das Minas, indo pelo Couto, no sitio chamado do Alferes, que consta de meia legua de terras em quadra em que tem as suas lavouras, que partem de uma banda com terras dele doador e se acham já medidas e demarcadas judicialmente, em cujas sobreditas fazendas tem ele outorgante uma capela ornada e paramentada de todo o necessario de invocação de Nossa

Senhora da Conceição, que levantou e fabricou, êle outorgante à sua custa, etc.»

Faleceu Francisco Tavares, ao que se pode calcular, com mais de 70 anos, havendo sua mulher, Isabel Corrêa de Oliveira, falecido antes de 1733, uma vez que, por ocasião do casamento de suas três filhas, já era morta.

Sempre supús que Luiz Pereira Tavares e Tomazia da Luz tivessem vindo para o Rio de Janeiro no ano de 1680, em que Francisco teria se alistado no exército de D. Manuel Lobo. Por coincidência, a partir do ano seguinte é que comecei a achar filhos do casal e que foram: Antônia (7-6-1681), Braz (12-12-1683), Alexandre (7-12-1687), Gonçalo (16-3-1689) e Josefa (28-3-1693), a primeira e a última batizadas na Sé e os demais na Candelária.

Antônia, ou Antônia da Luz, se casou na Igreja de S. José, em 27-5-1702, com José Pereira, natural da freguesia das Lages da Ilha do Pico, filho legítimo de Luiz Pereira Fontes e Maria de Vargas. Em 20-5 1712, achei na Sé o registro de batismo de Tomazia, filha do casal, sendo madrinha Josefa da Luz, tia da criança, e, em 29-7-1739, o de Antônia, filha legítima do Ajudante Salvador de Souza Corrêa e Tomazia da Luz. Sôbre os demais não tive oportunidade de pesquisar, por me interessar mais outras gerações. Acidentalmente topei, em 23-9-1739, na Sé, com o assento de batismo de Caetano, filho legítimo de Antônio Pereira Tavares e Bárbara Custódia da Costa, fregueses na freguesia de S. João de Caraí, sem menção dos nomes dos avós.

Em 1725 Luiz Pereira Tavares ainda se achava vivo, pois no verbete Castro e Almeida, ns. 4912-26 se faz menção dêle, em um requerimento dos irmãos da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitência. Deve ter falecido no mesmo ano ou no seguinte, pois, em 2-11-1728, achei na Sé o óbito de Tomazia da Luz, viúva do defunto Luiz Pereira e natural desta cidade, sem testamento, daí não ter podido verificar onde nasceu e os nomes de seus pais. Por volta de 1635 achei um Pedro da Luz, casado com Maria Rodrigues, que seriam talvez os pais de Tomazia.

Nos verbetes ns. 9286-7, de 1736, pedem Francisco Tavares e outros a demarcação de suas terras situadas no caminho das Minas de Ouro, e, no de n.º 9784, de 1738, diz-se da solução favorável à devassa que requereu o Capitão Francisco Tavares contra o seu vizinho, o Mestre de Campo Estevão Pinto, pelos danos que causára nas suas propriedades.

Como seus pais, deve Francisco Tavares ter falecido em

res, como declarou o vigário, daí aparecer o pai já como coronel. Bernardina Quitéria de Oliveira se casou com o Cel. Joaquim Silvério dos Reis, de triste memória.

F 4) José, batizado possivelmente em fins de 1780 ou principios de 1781, pois não achei o registro do seu batismo. Foi coronel de milicias e se casou com D. Mariana das Neves Corrêa de Pontes.

F 5) Mariana. Também não achei o assento do seu batismo, mas o Dr. Carlos Rheigantz, baseado, por certo, em documento fidedigno, diz que foi em 29-4-1782. Mariana Cândida de Oliveira Bello se casou com o Cel. Francisco de Lima e Silva e foram os pais do Duque de Caxias.

F 6) Joaquim, batizado em 17-9-1784. Joaquim Mariano de Oliveira Bello foi deputado, comandante de armas e brigadeiro.

F 7) Wenceslau, nascido, ao que se diz, em 1787, na referida fazenda do Ribeirão de Alberto Dias. Wenceslau Alves Leite de Oliveira Bello se casou com D. Ana Flóra Ribeiro Viana e faleceu como marechal reformado, depois de brilhante carreira d'armas.

Dos filhos supostamente nascidos naquela região fluminense, pelo menos três (Antônio, Bernardina e Joaquim) foram batizados, não na Matriz da freguesia, mas na capela dedicada à N. S. de Monserrate pelo seu fundador, Pedro Dias Paes Leme, filho de Garcia Rodrigues.

Pelos assentos de batismos, de que tenho cópias na íntegra, vê-se que Luiz Alves de Freitas Bello era natural e batizado na freguesia de S. João Batista do Monte Real, bispado de Leiria, e filho legitimo de Antônio Francisco Bello e Mariana Domingas, naturais e batizados na mesma freguezia de S. João Batista. Aparece esta, no batismo de Luiz, como Mariana Domingues, e, no de Bernardina, como Mariana Domingues Alves, que deve ser o nome mais certo e completo.

Ana Quitéria Joaquina de Oliveira era filha do Tenente Coronel José Lopes de Oliveira, batizado na freguesia de Santa Maria do Olival ou da Oliveira, comarca da Feira, bispado do Pôrto, e de sua mulher D. Bernardina Caetana do Sacramento, batizada na freguesia de N. S. da Glória do caminho de Minas, bispado de Mariana.

Ana Quitéria era irmã dos inconfidentes Cel. Francisco Antônio de Oliveira Lopes, que morreu no degredo, em Bié, na Africa e do Padre José Lopes de Oliveira, que sucumbiu no cárcere da fortaleza de S. Julião da Barra, em Lisboa, e dizer que tudo isso, e muito mais, por delação do seu depois sobrinho, Cel. Joaquim Silvério dos Reis.

Nasceram, irmã e irmãos, na fazenda do Ribeirão de Alberto Dias, que recebeu êste nome do português Alberto Dias de Carvalho, que morou no sitio do Cará, onde faleceu em 1731.

Como já se sabe, o F. 5, Mariana Cândida de Oliveira Bello, se casou, no Rio de Janeiro, com Francisco de Lima e Silva, marechal, senador e regente do Império, nascido em 8-6-1785, na freguesia de S. José da Côrte.

Tendo notado que mais de um genealogista de nome, ao tratar dos filhos do General José Joaquim de Lima e Silva, passa, de Francisco, José e Manuel, nascidos, respectivamente, em 1785, 1788 e 1793, a João, já nascido em 1805, sem preencher o espaço que vai de 1793 a 1805, afim de auxiliar os que traçam a genealogia desta ilustre família, informo que tal lapso de tempo se preenche com os nascimentos de Teresa, Antônio e Maria, cujos assentos de batismos, de que extraí cópias na íntegra, se acham a fls. 3 v. 25 e 91, do livro 3.º de batismos, da freguesia da Santa Rita da Côrte:

Teresa — nascida em 29-11-1799, batizada em 9-12-1799
Antônio—nascido em 6-12-1800, batizado em 15-12-1800
Maria — nascida em 1-5-1803, batizada em 4-6-1803

Vê-se, por ditas certidões, que o General José Joaquim de Lima e Silva era natural da freguesia de Santa Maria da vila de Lagos, bispado do Algarve, e filho de João da Silva da Fonseca Lima, natural da vila da Lagoa, bispado de Faro, e de sua mulher D. Isabel Maria Josefa, da cidade de Faro. Sua mulher, D. Joana da Fonseca Costa, natural da freguesia da Candelária, era filha do Capitão Manuel da Fonseca Costa e de sua mulher D. Ana Joaquina Costa, naturais, respectivamente, das freguesias da Candelária e da Sé do Rio de Janeiro.

De Teresa, ou Teresa Camila de Lima e Silva, posso dizer que faleceu solteira, em 18-12-1877, mas, de Antônio, nada sei informar.

Quanto a Maria, escreveu-me um parente próximo, o Cel. Médico Raul da Cunha Bello, que, tendo ido pesquisar, em livros de S. João d'El-Rei, a ascendência de nossa bisavó materna, Francisca Emilia de Lima, irmã do Cel. Cesario José da Silva Lima, os quais, segundo tradição de família, seriam colaterais dos da Silva Fonseca Lima, depois Lima e Silva, pesquisas essas interrompidas por falta de tempo, encontrára, em 1813, o

registro de óbito de Maria José de Lima e Silva, conforme cópia que me enviou e que bem póde ser a mesma, a que nenhum autor se refere.

Manuel Alvares da Fonseca Costa, supra citado, aparece em certo registro, como Capitão e Governador da Fortaleza de S. Clemente da cidade do Rio de Janeiro, f. l. do Sargento-Mór José Alvares da Costa e Ursula da Fonseca Costa, n. p. de Antônio Alvares da Costa e Josefa Vieira, e n. m. do Sargento-Mór João Francisco da Costa e Ursula da Fonseca Dias.

Pertencia o Duque de Caxias, como dizem muitos e ilustres historiadores, a uma família de militares. Nasceu êle, como se sabe, em 25-8-1803, em Pôrto da Estrela, Província do Rio de Janeiro, e se casou, em 6-1-1833, na Matriz de Sant'Ana, com D. Ana Luiza Vianna, filha do Conselheiro Paulo Fernandes Vianna e sua mulher D. Luiza Rosa Carneiro da Costa, filha esta do Cel. Braz Carneiro Leão e de D. Ana Francisca Rosa Maciel da Costa. Seu único filho, Luiz Alves de Lima e Silva, faleceu com 15 anos de idade, mas as duas filhas se casaram: D. Luiza de Loreto com o seu primo Francisco Nicolau Carneiro Nogueira da Gama, Barão de S. Mônica e filho dos Marquezes de Baependí; e D. Ana Francisca de Loreto com Manuel Carneiro da Silva, Visconde de Ururaí, filho dos Visconde de Araruama. De um dos filhos dêstes últimos, o Cel. José de Lima Carneiro da Silva, hoje falecido, possúo atenciosa carta datada de 15-8-1942, que guardo como inestimável recordação.

IX

OS PRIMEIROS POVOADORES DE VASSOURAS

Ao Dr. Afonso de E. Taunay.

Já que não se pode falar em Vassouras, sem se recordar o trônco genealógico de seus primeiros povoadores, vamos ver quais foram êles.

No «Dicionário Geográfico», de A. Moreira Pinto, lê-se que «foi Vassouras, em princípio, uma sesmaria denominada de Vassouras e Rio Bonito, e concedida, em 6-10-1782, a Francisco Rodrigues Alves e Luiz Homem de Azevedo, sendo aquele o primeiro cultivador do lugar nessa cidade e suas visinhanças e quem lhe pôs tal nome».

E na «Memória histórica do municipio de Vassouras», do Desembargador Alexandre Joaquim de Siqueira, 1852, lê-se que «os primeiros povoadores de Vassouras foram José Inácio Corrêa Tavares, Luiz Homem de Azevedo, Pedro Gomes Leal e Francisco Rodrigues Alves, os quais em 1782 e 1787 entraram pelos vastos sertões que então se estendiam até o Rio Preto, divisa esta com a provincia de Minas, derribando matas, e levantaram casas de vivenda, o primeiro no local onde hoje é a fazenda do Barão de Tinguá; o segundo no sitio hoje chamado do «Madruga» a um quarto de légua de distância da vila pelo lado N. E.; o terceiro no lugar chamado «Mato Dentro», onde hoje (1852) mora seu filho José Gomes d'Assunção, e o quarto, finalmente, no lugar chamado «Engenho do José Corrêa», onde mora Manuel de Menezes, pouco distante do «Madruga». Isto sei por ouvir a Eleutério Rodrigues Barboza, filho de Francisco Rodrigues Alves e que também me contára que já em 1792 seu pai cultivava (palavras formais) uma horta de cafeeiros, os quais produziam fruto apenas indispensável para uso da familia».

José Inácio Corrêa Tavares

José Inácio Corrêa Tavares nasceu e se batizou, em 17-6-1780,

na freguesia de N. S. da Conceição do Alferes, fundada pelo pelo seu avô paterno.

Era filho legítimo de Inácio Corrêa Tavares, natural e batizado na freguesia da Candelária do Rio de Janeiro, e de Inácia Maria de Jesus, natural e batizada na freguesia de N. S. do Pilar de Iguassú, neto paterno do Alferes Francisco Tavares, natural do Alémtejo, Portugal, e de D. Isabel Corrêa de Oliveira, natural da freguesia do Pilar e materno de Antônio Dias e Josefa Maria da Conceição, naturais e batizados na freguesia da Graça, da Ilha do Faial, Açores.

Casou-se, em 12-1-1801, na freguesia do Alferes, com Teresa Barboza de Jesus, natural e batizada na de Sacra Familia, filha legitima de Caetano de Souza Suzão, natural da freguesia de S. Mamede de Valongo, bispado do Pôrto, e Gertrudes Barboza da Cruz, natural e batizada na de S. Antônio do Rio das Velhas, bispado de Mariana, neta paterna de Manuel Antônio e Isabel de Souza, naturais e batizados na de S. Mamede, e materna de Antônio Afonso Marinho, natural da freguesia de S. Pedro da Torre, arcebispado de Braga, e Rita Barboza da Cruz, natural e batizada na de Rio das Velhas.

Viúvo, casou-se Corrêa Tavares, em 2.as núpcias, em 7-9-1835, ainda na freguesia do Alferes, com Inácia Maria de Jesus, natural e batisada em 14-4-1791 na de Sacra Família, filha legitima de Manuel Vieira da Terra e Maria de Jesus, n. p. de Manuel Vieira Porto e Isabel do Espírito Santo, n. m. de Francisco Homem da Silveira e Catarina de Jesus, todos os quatro naturais e batizados na freguesia de N. S. da Piedade da ilha do Pico, Açores.

Os filhos de ambos os casamentos foram batizados, conforme tive ocasião de verificar, nas freguesias do Alferes e Sacra Família.

Particularmente, penso que a data de 1782 não se refere a José Inácio Corrêa Tavares pois êle nasceu em 1780. Aliás, Maia Forte diz que, seguindo a indicação do Dr. Siqueira, procurou no Arquivo Nacional a de uma sesmaria que houvesse sido concedida a Corrêa Tavares, mas não existe o registro dela, daí pensar ter sido êle sucessor de outro.

Luiz Homem de Azevedo

Era português açoriano, natural e batizado na freguesia de N. S. da Piedade da Ilha do Pico, filho legítimo de Antônio Leal e Maria de Azevedo. Morava na freguesia de Sacra Família, onde se casou, pela 1.ª vez, em 25-1-1767, com Isabel

Francisca de Jesus, natural e batizada na freguesia de Madalena da mesma ilha, filha legítima de José Gonçalves e Isabel Francisca, de cujo matrimônio não teve filhos.

Viúvo, consorciou-se, na mesma freguesia, em 2-4-1771, quatro anos depois, com Maria da Conceição, natural e batizada na freguesia de Maependí (Baependí), bispado de Mariana, filha legítima de Gonçalo José dos Santos, natural e batizada no lugar de Bornes, conselho da Vila Pouca de Aguiar, Portugal, e Angélica Maria, da mesma vila de Maependí. Do seu segundo casamento, encontrei os seguintes filhos, todos nascidos e batizados na freguesia de Sacra Família: Ana (15-6-1772), Maria (5-3-1776), Joana (11-4-1779), Antônio (14-7-1781) e Luiza (8-4-1792).

Nota-se, daí, que esteve ausente de Sacra Família cerca de onze anos, mas, nas minhas pesquisas nos livros das freguesias do Alferes e de Vassouras, não achei outros filhos.

O único filho homem que encontrei foi Antônio Luiz de Azevedo, o qual se casou, em 11-10-1802, na freguesia do Alferes com Ana Joaquina de S. José, alí batizada em 2-9-1785, filha legítima de Manuel Dias da Rosa, natural e batizada na freguesia da Graça da Ilha do Faial, Açores, e de Ana Maria da Penha, natural e batizada na de Sacra Família, n. p. de Antônio Dias e Josefa da Conceição, da referida freguesia da Graça, n. m. de José Nunes de Araujo, natural da freguesia de Inhaúma, e Angela de Meneses Moniz, natural da de N. S. da Guia de Pacopaíba, ambas do bispado do Rio de Janeiro.

Nas freguesias do Alferes e Sacra Família se batizaram os vários filhos de Antônio Luiz de Azevedo e Ana Joaquina de S. José, conforme verifiquei.

O referido Manuel Dias da Rosa era irmão português de Inácia Maria de Jesus, cunhado, portanto, de José Inácio Corrêa Tavares, acima biografado. Deixou grande descendência nas freguesias de Sacra Família e do Alferes, quer de sua primeira mulher, Rosa Joaquina, filha legítima de Felipe José Xavier e Mariana Rosa da Trindade, todos naturais e batizados na freguesia de S. Catarina da Ilha do Faial, quer de sua segunda esposa, Ana Maria da Penha, supra citada. Era irmão de Joaquim Dias da Rosa (o 1.º dêste nome) e José Dias da Rosa, também com geração nas referidas localidades.

Quanto ás filhas de Luiz Homem de Azevedo, irmãs, portanto, de Antônio Luiz de Azevedo, as duas primeiras se casaram, mas de Joana e Luiza não possúo notas.

Ana Maria do Espírito Santo se casou na freguesia do Al-

feres com João Teixeira Gomes, nat. e bat. na de Pilar do Iguassú, filho legítimo de Antônio Teixeira Gomes, nat. e bat. na de S. Maria do Pombeiro, arcebispado de Braga, e Ana Inácia de Jesus, nat. e bat. na de Santo Cristo da Ilha do Faial.

Maria Inácia da Conceição se casou na freguesia de Sacra Família com Antônio da Silveira Dutra, nat. e bat. na de S. Bárbara da Ilha do Faial, filho legítimo de Francisco da Silveira Dutra e Ana Maria, da referida freguesia de S. Bárbara.

Todos êstes três irmãos deixaram descendência que se estende até os nossos dias.

Pedro Gomes Leal

Obteve, em 11-10-1785, meia légua no sertão do caminho de Tinguá, na sobrequadra de Joaquim Dias da Rosa, partindo, de um lado, com Manuel da Silva Mello, de outro, com terras da fazenda do Secretário e fundos para o poente.

Tendo pesquisado os livros mais antigos das freguesias de Paraíba (1719-1796), Sacra Família (1760-1794) e Alferes (1770-1800), para não me referir aos seguintes, só encontrei, no meio de inúmeros Gomes Leal, um de nome Pedro, isto é, Pedro Gomes Leal, natural e batizado na freguesia do Alferes, filho legítimo de Manuel Gomes Leal e Maria Vitória da Conceição, o qual se casou, na referida freguesia, em 8-5-1837, com Francisca Corrêa Passos, natural e batizada também na freguesia do Alferes, filha legitima de João Antunes Suzano e Ana Joaquina dos Passos.

Havendo, entre 1785 e 1837, mais de cincoenta anos, vê-se que aquele povoador de Vassouras não é o mencionado, devendo ser, assim, pessoa nascida por volta de 1750.

Assim pensando e na falta de melhor indicação, que eu espero ainda conseguir, sou levado a tratar dos primeiros Gomes Leal, de que descendem os muitos que venho encontrando em minhas pesquisas.

O mais antigo que achei foi Manuel Gomes Leal, natural da Ilha do Pico. Foi casado com Teresa de Jesus, nat. e bat. em 23-9-1739 na capela do Ribeirão da freguesia de N. S. da Piedade da Borda do Campo, bispado de Mariana, filha legítima de Fabião Pereira de Azevedo e Angela de Souza, filha esta, de João Werneck e de sua mulher D. Isabel de Souza.

Descobri vários filhos dêste casal, mas, por enquanto, nenhum de nome Pedro. Foram êles :

Teresa de Jesus, casada com Antônio da Rosa de Medeiros ;

Manuel Gomes Leal, padre catequisador dos indios de Valença ;

Inácio de Souza Werneck, casado com Maria Teresa de Jesus ;

Francisco Gomes Leal, casado com Mariana Joaquina de S. José ;

Quitéria Felicia de S. Rosa, casada com Francisco Luiz Arêa.

Os três primeiros foram batizados na freguezia de N. S. do Pilar de S. João d'El-Rei, bispado de Mariana, e os dois últimos na de N. S. da Conceição e S. Pedro e S. Paulo da Paraíba, bispado do Rio de Janeiro. Tendo Quitéria sido batizada em 1759 e Francisco em 1760, é de supor-se que, se tiveram algum irmão de nome Pedro, nasceu êle em Minas Gerais, o que espero ainda descobrir.

Não dou a geração dos quatro supra citados irmãos casados, para não me alongar muito, pois constará de outro trabalho, puramente genealógico.

O outro Gomes Leal antigo, possivelmente irmão mais moço de Manuel, se chamava João Gomes Leal e era natural e batizado na referida freguesia da Ilha do Pico, filho legítimo de Francisco Gomes Leal e Teresa de Jesus.

Casou-se, porém, na freguesia de Sacra Família, em . . . . 11-8-1761, o que torna mais difícil ser pai de Pedro Gomes Leal, com Josefa Maria da Conceição, natural e batizada na de Alferes, filha legitima de Bartolomeu dos Santos Rodrigues e Sebastiana Corrêa de Oliveira.

Do casal, só descobri os seguintes filhos, nascidos e batizados na freguezia de Sacra Familia: Joaquim (31-5-1762) e Manuel (13-3-1765).

Por haver uma sesmaria de 13-10-1785, em nome de José Gomes Leal, acha Maia Forte que êle era irmão de Pedro, do que não há provas. Posso, porém, informar que José Gomes Leal era natural e batizado na freguesia de N. S. da Conceição dos Prados, bispado de Mariana, filho natural de Francisco Gomes Leal, acima citado, e Vitória Ribeiro, da freguesia dos Prados. Casou-se em Sacra Família, em 28-10-1764, com Joana Maria Rodrigues, filha legítima de Felix Rodrigues Alves e Teresa de Souza Furtado, todos naturais e batizados na freguesia de S. Pedro da Ponta Delgada, ilha das Flôres.

Inegável é, porém, a existência de Pedro Gomes Leal, pois, no livro 2.º de Sacra Família, encontrei uma única refe-

rência à sua pessôa, a qual é o óbito, em 4-4-1776, de José, de 5 anos mais ou menos, filho legítimo de Pedro Gomes Leal.

Na minha opinião, era ilhéu português, como Manuel e Francisco Gomes Leal, e, desceu, de Minas, para o território fluminense.

Francisco Rodrigues Alves

Se algo pude dizer sôbre os anteriores, nada, porém, achei, em livros minuciosamente pesquisados, a respeito de Francisco Rodrigues Alves. Encontrei, todavia, referências a pessoas da família e mesmo a descendentes dêle. A julgar pela data em que apareceu em Vassouras (1782), deve ser filho ou irmão de Felix Rodrigues Alves, e, como êle, português açoriano.

Êsse Felix Rodrigues Alves, filho legítimo de Antônio Rodrigues Alves e Maria Coelho, todos naturais e batizados na freguesia de S. Pedro da Ponta Delgada, Ilha das Flores, Açores, e Teresa de Souza Furtado, filha legítima do Capitão João Furtado e Francisca de Souza, tiveram, em Sacra Família do Tinguá, os seguintes filhos: Maria (14-9-1760), Antônio . . . . (3-7-1763), Ana Maria (26-1-1766), e Antônia (19-6-1768).

Dêsse casal aparece outro filho, Amaro de Souza, natural e batizado na mesma freguesia de S. Pedro, casado com Helena Maria de Sant'Ana, natural e batizada na de Campo Grande do Rio de Janeiro, filha legítima de Joaquim de Albuquerque Cavalcanti e Teodóra Cabral.

E ainda uma filha, Joana Maria Rodrigues, da mesma freguesia acima, a qual se casou, em 28-10-1764, com José Gomes Leal, já citado, quando tratei de Pedro Gomes Leal.

Possível, porém, foi achar rastos de sua descendência. Falei, logo no começo, em Eleutério Rodrigues Barboza, filho dêle, e, por êste, verifiquei que Francisco Rodrigues Alves foi casado com Antônia Barboza de Sá. Ora, com êste nome, achei uma que se casou, em Sacra Família, em 17-11-1765, com Manuel da Costa, sem descendência, talvez por se ter tornado viúva.

Era Antônia Barboza de Sá, natural e batizada na freguesia de S. Salvador de Guaratiba, bispado do Rio de Janeiro, filha legítima de Francisco Marcos Barboza e Maria de Sá Barboza.

Francisco Marcos Barboza, por sua vez, era filho legítimo de Melchior Alves e Inácia Barboza, todos naturais e batizados na freguesia de N. S. d'Assunção do Couto de Aboim da Nóbrega, comarca de Viana, arcebispado de Braga. Maria de Sá

Barboza era natural e batizada na de Guaratiba, filha legítima do Cap. Francisco Paes Ferreira e Brites de Sá Barboza.

Eleutério Rodrigues Barboza, filho de Francisco Rodrigues Alves, se casou, em 1.ªs nupcias, com Maria Rosa de Jesus, batizada em 16-6-1793 em Sacra Família, filha legítima de Manuel de Avellar e Almeida e Suzana Maria de Jesus.

Manuel de Avellar e Almeida era filho legítimo do Alferes Manuel Coelho de Avellar e Maria Rosa Almeida, e sua mulher, Suzana Maria de Jesus, filha legítima de Manuel Henriques e Maria Coelho, todos naturais e batizados na freguesia de S. Pedro da Ponta Delgada, da Ilha das Flôres.

De Eleutério e Maria Rosa nasceram os seguintes filhos, batizados em Sacra Família: Inez (10-11-1817), José (10-11-1817), Bernardino (6-9-1822), Carolina (24-11-1822), Antônio . . . . . (9-11-1825).

Bernardino Rodrigues de Avellar (b. 6-9-1822) foi Barão de Cananéia em 15-10-1868.

Viúvo de Maria Rosa, casou-se Eleutério, em 2.ªs nupcias, em 20-10-1834, na mesma freguesia acima, com Maria Luiza de Freitas, nat. e bat. em Sacra Família, filha legítima de José de Souza Freitas e Luiza Maria do Espírito Santo, tendo os seguintes filhos: Maria (14-11-1835), Salustiano (16-2-1836), Marcelina (18-7-1843), Carolina (30-9-1844), Estevão (11-3-1847), Perciliana (19-8-1848), Leopoldina (16-3-1850), Francisco . . . (27-9-1851), João (28-9-1852).

Um dos filhos de Eleutério, Manuel Francisco Alves, cujo assento de batismo não achei, se casou, em 29-10-1832, ainda em Sacra Família, com Maria Barboza de Sá, alí também batizada, filha legítima de José Tomaz Francisco e Benta Barboza de Sá.

Outros filhos de Francisco Rodrigues Alves e irmãos de Eleutério Rodrigues Barboza ainda achei. São eles: Jacinto Alves Barboza e Francisco Rodrigues Barboza.

Jacinto Alves Barboza, casado com Tomazia Maria de Jesus, filha legítima de Antônio da Silveira Dutra e Maria Inácia da Conceição, e com os seguintes filhos: José (28-1-1821), Leopoldina (6-9-1822), Maria (1824), Tomazia (9-10-1825), Clara (18-10-1828), Francisco (26-6-1830), José (18-6-1832), Bernardina (28-1-1834) e Joaquim (22-4-1844).

Era Antônio da Silveira Dutra, natural e batizado na freguesia de Santa Bárbara da ilha do Faial, Açores, filho legítimo de Francisco da Silveira Dutra e Ana Maria, e Maria Inácia da Conceição, nat. e bat. na de Sacra Família, filha legítima de

do desta, Capitão Francisco de Britto Meirelles. Êste, que faleceu na mesma freguezia em 1-7-1707, era casado com Helena Ribeiro, filha legítima de Sebastião Martins (irmão de Pedro Martins Namorado), falecido na Sé em 17-5-1650, e de Maria Ribeiro, falecida na Candelária em 3-3-1678 e em cujo óbito se refere aos seus filhos Antônio Martins Ribeiro, Francisco Martins Ribeiro e Sebastião Martins Ribeiro.

No óbito do Cap. Britto Meirelles não se mencionam os nomes dos pais dêle, mas apenas da mulher, Helena Ribeiro, e de dois filhos, Manuel Vaz de Carvalho e José de Britto Meirelles, mas descobri, adiante, filhas com os nomes de Leonor, Joana e Helena de Britto Meirelles.

Em livros de Guaratiba achei muitos Paes Ferreira, mas só tomei nota de certo Francisco Paes Ferreira, natural do Rio de Janeiro, filho de Domingos Paes Ferreira e de sua mulher Inez de Almeida. Era casado com Maria de Macedo Soveral, filha legítima de Luiz de Coutto e Joana do Soveral, e faleceu na Sé em 9-8-1720, deixando nove filhos: Joana, Mariana, Lucrecia, Serafina, Francisco, Maria, Teresa, Isabel e Josefa.

Domingos de Azevedo e Antônia Tenreiro, supra citados, tiveram três filhos: Crispim da Cunha Tenreiro, casado com D. Bárbara da Silva; Domingos de Azeredo Coutinho, casado com D. Maria Coelho, e Marcos de Azeredo Coutinho. Êste se casou com D. Paula Rangel de Macedo, filha de João Gomes da Silva e de sua mulher D. Maria de Marins, filha de Diogo de Marins Loureiro (irmão inteiro do Padre Antônio de Marins Loureiro) e de sua mulher D. Paula Rangel de Macedo, bisneta esta, por parte de seu avô Diogo de Marins, do Dr. Antônio de Marins e D. Isabel Velho.

Com o apelido de Marins, achei muitas pessoas e, dadas as exaustivas buscas que fiz, vou deixar alguns nomes aquí consignados, por pertencerem, por certo, à mesma família.

Em 25-1-1647, aparece, na Sé, o registro dos óbitos de Isabel de Marins, mulher de Antônio de Madureira e mãe de Bárbara de Madureira. Esta, filha única, faleceu na Candelária em 11-5-1674; era mulher do Capitão José de Barcellos Machado. Ainda na Sé, em 26-4-1647, o de Isabel Velho, moça solteira e filha da viúva Paula Rangel, que penso ser a que foi casada com Diogo de Marins Loureiro.

E ainda outra Isabel de Marins, falecida em 10-4-1671 também na Sé. Casada com Francisco da Costa Barros, deixou os seguintes filhos: Padre Paulo da Costa, clérigo de S. Pedro; Padre Francisco da Costa, da Companhia de Jesus; Catarina,

casada com o Capitão Francisco Barreto; Luzia, casada com o Capitão Diogo Lobo Pereira, e Paula da Costa, já falecida e que foi casada com o Capitão Inácio da Silveira.

Seu marido, Francisco da Costa Barros, faleceu em 28-4-1668 «de uma espingardada que lhe atiraram com dois pelouros a sua porta, indosse recolhendo para a sua caza», na Sé. Em 1654 foi êle na qualidade de emissário da Câmara do Rio de Janeiro, à cidade de Lisboa, para advogar da Côrte favores para a cidade.

Ainda na Sé, em 9-4-1697, aparece o casamento de Salvador de Marins, natural desta e filho legítimo de Antônio de Marins e Apolonia de Albernaz, com Francisca Paes Ferreira, natural da Sé e filha de Francisco Paes Ferreira e de sua mulher Teresa de Jesús.

Em 11-4-1740, achei, no livro 6.º da Candelária, o assento de batismo de Rosa, filha legítima do Capitão Baltazar de Marins Coutinho e D. Inez Gomes Sardinha, naturais do bispado do Rio de Janeiro e moradores na freguezia de Macacú, sendo padrinhos Braz de Pina e D. Ursula da Fonseca.

Com os mesmos apelidos, achei os registros dos batismos de netos de D. Maria Joana de Marins Coutinho, natural e batizada na freguesia de S. Gonçalo, a qual foi casada com o Tenente Luiz Barboza de Sá, natural do Rio de Janeiro e filho legítimo de João Barboza de Sá e D. Joana do Soveral. Luiz Barboza faleceu na Freguesia de Irajá, deixando 7 filhos.

Outros Marins ainda achei, sem poder fazer, entretanto, ligação de parentesco com os demais.

Corrêa de Sá e Corrêa Vasques

Familias antigas e nóbres, cujos nomes nos fazem recordar Mém de Sá, Estácio de Sá e Salvador de Sá. Encontrei assentos de casamentos dos seguintes:

30-4-1672 — Licenciado Manuel Corrêa de Araujo, filho legítimo do Mestre de Campo Salvador Corrêa Vasques e D. Francisca de Araujo, com Helena de Souto-Maior, filha legítitima do Sargento-Mór João Rodrigues Pestana e D. Antônia de Andrade, ambos naturais desta cidade (1. 2.º da Sé, fls. s./n.º)

15-8-1700 — Martim Corrêa de Sá, filho legítimo do Mestre de Campo Martim Corrêa Vasques e D. Guiomar de Britto, com Catarina do Espírito Santo, filha legítima do Capitão Manuel da Costa Cabral e D. Maria, já falecida (1. 3.º da Sé, fls. 41).

7-6-1746 — Tnte. Cel. Martim Corrêa de Sá, filho legítimo

de Salvador Corrêa de Sá e D. Joana Maria de Souza, natural e batizado na freguesia de Santo Antônio de Jacutinga, com Isabel Corrêa de Sá, filha legítima do Tnte. Gal. Martinho Corrêa de Sá e D. Maria Teresa de Jesus, natural e batizado na freguesia da Sé. (1 7.º da Sé, fls. 94).

Salvador Corrêa de Sá, casado com D. Joana de Souza, faleceu em 18-1-1737, em Irajá.

Em 6-3-1754, aparece na Sé o assento de batismo de Maria, filha legítima do Capitão Tomé Corrêa de Sá e D. Maria do Bomsucesso, naturais e batizados nesta cidade, n. p. do Coronel Salvador Corrêa de Sá e D. Joana, n. m. do Tenente General Martinho Corrêa de Sá e D. Maria Teresa.

Anos antes, achei na freguesia da Candelária os assentos de batismos de dois filhos de Salvador Corrêa Vasques (que penso ser o filho de Duarte Corrêa Vasques e D. Marta Borges) e D. Margarida Corte Real: Manuel e Salvador, batizados, respectivamente, em 12-7-1668 e 1-5-1670, sendo padrinhos do primeiro Martim Corrêa e D. Marta, filha do mesmo Salvador Corrêa Vasques. Em Irajá, achei o batismo, em 1-5-1672, de uma filha de nome Leonor.

Sabe-se que Manuel Corrêa, aquí falecido em 8-1-1648, era filho do 2.º matrimônio de Gonçalo Corrêa, que, após a morte de D. Felipa de Sá, se casára com D. Maria Ramires. Era, pois, irmão de Duarte Corrêa Vasques e meio-irmão de Salvador Corrêa de Sá.

Casou-se Manuel Corrêa com Maria de Alvarenga, filha de Tomé de Alvarenga, deixando os seguintes filhos: Tomé Corrêa de Alvarenga, Salvador Corrêa Vasques, Martim Corrêa Vasques, Manuel Corrêa Vasqueanes e D. Ana Corrêa, mulher do Provedor Pedro de Souza Pereira (pai). Os apelidos Vasques e Vasqueanes, que aparecem na descendência de Gonçalo Corrêa e D. Maria Ramires, provêm dos avós paternos, que eram Vaz Corrêa e do seu parentesco com os Anes, da Casa do Crescente.

No Livro 2.º da Candelária, em 7-7-1675, aparece o óbito de Tomé Corrêa de Alvarenga, casado com D. Leonor Maia, mencionando seu irmão o Sargento-Mór Martim Corrêa Vasques e o seu sobrinho Pedro de Souza Pereira (filho). E seu irmão, Salvador Corrêa Vasques, falecido na Sé, em 28-2-1652, nomeia, em seu testamento, o General Salvador Corrêa de Sá e Benevides, sua mulher D. Francisca e seu cunhado o Provedor Pedro de Souza Pereira. Maria de Alvarenga faleceu logo depois do marido, na Sé, em 6-6-1650.

Em data mais recuada, em 16 6-1660, aparece, no livro 4.º da Sé, o batismo de Duarte, filho do Capitão Martim Corrêa Vasques e D. Candida de Aguilar, ambos solteiros. E' êste o Duarte Corrêa Vasqueanes e Aguilar, que foi arcediago no Rio de Janeiro.

Outro do mesmo nome aparece ainda. E' Duarte Corrêa Vasqueanes, filho legítimo do Capitão Manuel Corrêa Vasqueanes e D. Maria dos Prazeres, casado na Sé do Rio de Janeiro, em 23-9-1680, com Ana de Jesus, filha legítima de Diogo de Pacheco e Maria da Silva. Filhos: Manuel (28-9-1682), Natalia (5-1-1684), Josefa (11-2-1687), Antônio (28-3-1692), José (11-4-1693) e Rosa (28-4-1698), sendo Antônio, da Sé, e os demais, de Irajá.

Dêstes filhos, verifiquei que Natalia Corrêa Vasques se casou em Irajá, em 6-11-1709, com Inácio Peixoto de Lemos, batizado na Candelária e filho natural do Capitão Francisco Peixoto de Lemos e Maria de Oliveira. Deles achei os seguintes filhos: Francisco de Lemos Peixoto, casado com Margarida de Marins Albernaz, filha legítima de Salvador de Marins Coelho e Francisca Paes de Oliveira; Ana de Lemos Peixoto, casada com Francisco Pinheiro de Lemos, f. l. de Felipe de Almeida e Leonor da Fonseca; e Rita Corrêa de Jesus, casada com Bernardino Pereira Galvão, f. l. de Francisco Pimenta de Carvalho e Mariana de Barcellos.

Os filhos de Manuel Corrêa Vasqueanes e de D. Maria eram de Irajá. Achei os respectivos batismos, na seguinte ordem: Duarte (22-12-1657), Duarte (28-2-1660), Petronila (10 8-1662) e Maria (4-4-1666).

Havia ainda um outro com o nome Duarte. E' o Capitão Duarte Corrêa Vasqueanes, casado com D. Maria Borges, os quais foram os pais de Gonçalo, batizado na Sé em 5-12-1627, conforme o livro 2.º, fls. 77. Era, pois, filho de Gonçalo Corrêa e D. Maria Ramires, acima citados.

Manuel Corrêa, falecido, como disse acima, em 8-1-1648, nomeia seus testamenteiros o Capitão Pedro de Souza Pereira (pai), seu genro; seu irmão o Governador Duarte Corrêa Vasqueanes; sua mulher D. Maria de Alvarenga e seu filho Tomé de Alvarenga, declarando que o que restar de sua terça, depois de pagos os legados, deixa a suas filhas D. Isabel, D. Petronila e D. Vitória.

Martim ou Martinho Corrêa Vasques, filho de Manoel Corrêa, se batizou na Sé, em 26-7-1627, conforme o livro 2.º, fls. 72. Teve Martim uma irmã de nome Vitória, acima citada, batizada em 24-4-1630, da qual foi padrinho o General

Salvador Corrêa de Sá e Benevides. De D. Isabel e D. Petronila não achei o registro dos seus batismos.

Em minhas pesquisas nos livros 1.º e 2.º de batismos na freguesia da Candelária, achei os registros dos seguintes filhos de Martim Corrêa Vasques e de sua mulher D. Guiomar de Britto:

Salvador	—	18-10-1666
Inez	—	5-1-1668
Maria	—	5-5-1669
Leonor	—	31-8-1670
Micaela e Arcangela	—	22-10-1671
Guiomar	—	8-4-1674
Manuel	—	4-8-1675
Martim	—	13-5-1679
Josefa	—	29-8-1683
Guiomar	—	28-9-1686

Com referência ao Mestre de Campo Martim Corrêa Vasques, encontrei no vol. IV, pag. 221, nota 104, das «Memórias Históricas», de Mons. Pizzappo, a seguinte notícia:

«Faleceu a 25 de Junho de 1710 e foi levado no Esquife da Irmandade de S. Pedro, de que era irmão, à Sepultura na Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco. Era natural do Rio de Janeiro, fidalgo da Casa de Sua Magestade e Cavaleiro da Ordem de Aviz. Foi casado com D. Guiomar de Britto, de cujo matrimônio procederam: 1.º Tomaz Corrêa; 2.º Salvador Corrêa Vasques; 3.º Manuel Corrêa Vasques; 4.º Martim Corrêa Vasques, que sendo Sargento-Mór, faleceu na 2.ª batalha dos Francêses em 1711; 5.º D. Ana Corrêa que casou com Francisco de Macedo, o qual foi Mestre de Campo de um dos Terços Auxiliares; 6.º D. Guiomar de Britto, casada com Francisco Xavier de Castro Moraes, e outras que professaram clausura no Convento da Esperança em Lisbôa».

Outro filho de Martim Corrêa e D. Guiomar, cujo assento de batismo, provavelmente de 1677, eu não achei, foi o Alcaide-Mór Tomé Corrêa Vasques, casado com D. Antônia Maria Teresa Paes, de que teve um filho homem: Martim Corrêa de Sá, e seis mulheres: Guiomar, Maria, Teresa, Antônia, Arcangela e Luiza.

Faleceu o Alcaide-Mór, na Sé, em 10-12-1718, conforme

o livro 9.º, referindo-se êle ao seu irmão Dr. Manuel Corrêa Vasques e Sargento-Mór Martim Corrêa de Sá.

Do 4.º filho, diz Roberto Macedo em suas «Efemérides Cariócas», data de 20-9-1711, que, por ocasião do bombardeio dos franceses de Duguay-Trouin e fuga da população do Rio de Janeiro para o interior, «a inundação foi pior do que o bombardeio; mortos pelas balas contavam-se vinte (entre eles o sargento-mór Martim Corrêa Vasques, da tradicional família Corrêa de Sá), quando o governador ordenou a retirada».

Interessante notar que, no livro 6.º de casamentos da Sé, fls. 28, fui encontrar, em 9-8-1732, o de Martinho Corrêa de Sá, filho legítimo do Mestre de Campo Martinho Corrêa Vasques e de sua mulher D. Guiomar Corrêa de Britto, natural e batizado na freguesia da Candelária, casando, estando de doença mortal, com D. Maria Teresa de Jesus, filha legítima do Capitão Antônio Afonso Leitão e de D. Isabel de Azevedo, natural e batizada na mesma freguesia, sendo testemunhas D. Manuel Corrêa Vasques, o Cel. Salvador Corrêa de Sá e outras pessoas presentes.

Parece haver aquí um equívoco. Êste Martinho Corrêa de Sá, casando-se só em 1732, não seria o filho de Martim e D. Guiomar, batizado em 1679 casado em 1700 e falecido em 1711, mas talvez um filho dêste último.

Digo isto porque achei na Sé os registros dos batismos de duas filhas de outro Martinho Corrêa Vasques, casado com D. Guiomar Corrêa *da Silva*, cujo nome se escreveu, erradamente, Corrêa de Britto.

Foram elas Isabel e Cecilia, batizadas, respectivamente, em 23-1-1736 e 12-7-1738. Martim seria o mais velho dos irmãos e se teria casado bem moço ainda.

Pesquisei ainda, sôbre esta histórica família, os livros da freguesia de N. S. d'Ajuda da Ilha do Governador, e, no livro 2.º de batismos e casamentos, achei os seguintes registros:

17-4-1735 — Salvador, filho legítimo do Capitão Martim Corrêa de Sá e D. Rosa Caetana, sua mulher, naturais do Rio de Janeiro (fls. 11 v.)

15-11-1741 — Duarte Corrêa Vasqueanes, filho legítimo de Pedro de Gallegos e D. Rosa Corrêa de Araujo, natural dêste Bispado e batizado na freguesia de N. S. da Apresentação de Irajá, com Clara Teresa, f. l. de Inácio Ferreira de Carvalho e Joana Antunes, natural e batizada nesta freguesia (fls. 96).

Percorri também os livros da freguesia de N. S. do Loreto de Jacarepaguá e alí vi os assentos de batismos de muitos

escravos do General Salvador Corrêa de Sá e *Buenavides*, donos de grandes extensões de terras.

Gurgel do Amaral

Procede esta família do francês Toussaint Grugel, aprisionado numa das expedicões contra os franceses e tamoios de Cabo-Frio. Trazido para o Rio de Janeiro, aquí passou a residir, casando-se com D. Domingas do Amaral.

Embora com bastante dificuldade, consegui achar vestígios de todos os filhos do casal, alguns dos quais levando o apelido Daran, que me faz pensar em Durand e que fosse Toussaint Grugel (Toçem Grugel, como escreviam) francês de alto nascimento e parente do Almirante Nicolau Durand de Villegagnon, daí ser poupado e bem tratado.

Êsses filhos foram os seguintes :

F 1) Maria do Amaral, casada com Antônio Ramalho, pais de Domingas, bat. na Sé em 27-6-1626. Viúva, casou-se Maria do Amaral com Diogo da Fonseca, e, falecendo na Sé em 8-1-1671, declarou não deixar filho algum do primeiro marido, e ter três do segundo: Padre Francisco Alvares, Padre Frei Manoel dos Anjos e Maria do Amaral, a qual, casada com o Capitão Diogo Cardoso de Mesquita, morreu na mesma freguesia em 22-5-1703, sem deixar filhos.

F 2) Padre Francisco do Amaral Gurgel.

F 3) Bárbara Daran, casada com João Nogueira, pais de Bartolomeu, batizado na Candelária em 17-10-1635.

F 4) Antônia do Amaral, casada com João de Azevedo Roxas e geração na Candelária. João de Azevedo faleceu na mesma freguesia em 18-5-1675, referindo-se ao seu genro Gonçalo de Castro Peixoto e ao seu filho Padre Francisco do Amaral Roxas, que também alí faleceu, em 19-3-1679, mencionando seu tio Padre Francisco do Amaral Gurgel e seu cunhado Felix Corrêa. Depois de várias outras buscas, apurei o seguinte: Gonçalo de Castro Peixoto foi casado com Antônia do Amaral, que, enviuvando, se casou em 15-1-1676, na Candelária, com o Capitão Antonio Rodrigues Tourinho, tendo, do primeiro, um único filho: Frei João do Rosário, e, do segundo, o Dr. Antônio Rodrigues Tourinho e o Padre Francisco de Araujo Tourinho. Gracia Tourinho, filha do casal, foi casada com Felipe Soares Louzada, que ficou viúvo dela, veio a casar-se, em 19-2-1707, na Candelária, com Helena de Jesus, f. l. do Sargento-Mór Felix Corrêa de Castro e Maria do Amaral, dispensado do parentesco de 2.º grau.

Maria do Amaral, filha de João de Azevedo e de Antônia do Amaral, aliás batizada na Candelária em 7-3-1648, se casou com Felix Corrêa de Castro, de cujo matrimônio nasceu Maria Antônia do Amaral, que, em 22-1-1707, se casou com o Capitão André de Souza Cunha, então viuvo de Joana do Amaral, que vou mencionar ainda no F 6).

Parece-me pertencer a êste ramo, por aparecer em sua descendência o apelido «Azevedo», Maria Daran, casada com Roque Fagundes, que, aliás, faleceu na freguesia da Candelária em 25-9-1700. Deles achei os seguintes filhos: Roque Fagundes de Azevedo, Francisco Fagundes do Amaral, José Fagundes do Amaral que em 26-1-1702 se casou com Martinha da Costa, f. l. de Eugenio da Costa e Maria de Azevedo, sendo testemunhas José do Amaral, Antônia Maria do Amaral e Isabel do Amaral, mulher do Capitão Inácio Corrêa, e ainda Joana do Amaral que era casada com José da Costa Braga.

F 5) Isabel do Amaral, casada com Claudio Antônio Besançon, natural de Besançon, na Borgonha, filho de Besançon e de Joana Sollier. Claudio Antônio foi casado em 1.ªs nupcias com Maria de Carvalho e pela 2.ª vez com Isabel, sem deixar filhos. Isabel do Amaral faleceu na Sé em 17-9-1654.

F 6) Messia Daran, casada com José Nunes da Silva. Deles achei os seguintes filhos: Antônia do Amaral de Jesus, que se casou com Simão Corrêa Cabral e faleceu na freguesia da Candelária em 5-4-1710, deixando um único filho, José Corrêa do Amaral; e Domingas do Amaral, que se casou com o Cel. Manuel Martins Quaresma, dos quais achei dois filhos: Francisco Nunes do Amaral, que se casou, em 1-12-1697, na mesma freguesia, com Mariana Paes Ferreira, filha legítima de Antônio Macedo de Almeida e Maria Paes; e Joana do Amaral, que também na referida freguesia, em 15-5-1695, se casou com André de Souza Cunha, natural da Ilha Terceira e filho legítimo de Pedro Martins e Maria da Cunha.

Dêste casal, Pedro Taques menciona, além de outros filhos, alguns dos quais não eram de Domingas do Amaral, a Bento do Amaral da Silva, que se casou em São Paulo com Escolástica de Godoy, filha legítima de Antônio de Godoy Moreira e Ana de Lima e Moraes, o qual é o tronco da família no Estado bandeirante.

F 7) Angela Daran, casada com o Capitão João Batista Jordão. Do casal achei apenas dois filhos: João Batista do Ama-

ral, falecido na Sé em 14-4-1729 e casado com Mônica de Oliveira, de quem teve apenas uma filha, já falecida, e o Dr. Claudio Gurgel do Amaral. Êste, que é o tronco da família Amaral Gurgel, do Rio de Janeiro, aquí nasceu e se casou na Sé, em 25-3-1684, com Ana Barboza da Silva, filha legítima de Tomé da Silva e Antônia de Oliveira.

Provedor da Fazenda no govêrno de Castro Caldas, era o Dr. Cláudio possuidor de extensas terras que compreendiam o outeiro da Glória e se desdobravam até as encostas do morro do Desterro (Santa Teresa), onde tinha uma chácara e casa de residência. Em 20-6-1671, fez doação à irmandade erigida sob a invocação de N. S. da Glória do Outeiro, na ermida construida por Antônio Caminha em 1671, das terras de sua propriedade.

Apesar de sua alta posição, era dado a rixas em que se envolvia juntamente com alguns de seus filhos, acabando, para fugir à justiça secular, por tomar ordens, já em idade avançada, servindo na Sé. Não obstante acabou por ser assassinado, por vingança de alguma vítima, mas não à porta de sua chácara, como geralmente se pensa.

O óbito do Padre Dr. Cláudio Gurgel do Amaral está registrado a fls. 149 v. do livro 9.º da Sé, em 17-4-1716. Era clérigo do hábito de S. Pedro e faleceu de um tiro que lhe deram junto ao armazem dos Padres da Companhia, perto da Casa da Misericordia, e o deixaram ainda e recebeu todos os sacramentos. Começou a fazer o seu testamento e não o acabou por não haver mais lugar, sendo enterrado na dita Santa Casa. Atiraram também no Padre Inácio Corrêa da Silva e o facto foi motivado por um crime de morte praticado por um filho do dito Dr. Cláudio «lá para as bandas da Carioca», como esclarece ainda o dito assento. Não tendo êle acabado de fazer o seu testamento, não pude colher os nomes dos filhos que deixou, sabendo, porém, que dois dêles se chamavam Francisco e José e tinha uma filha de nome Teresa, batizada na Sé em 8-12-1691.

Com o nome de Francisco Gurgel do Amaral, localizei duas pessoas. Achei um Capitão Francisco Gurgel do Amaral, casado com Romana Paes de Macedo, ambos do Rio de Janeiro e pais de Bernardo Martins do Amaral, que se casou com Maria da Anunciação, f. l. de Antônio da Silva Santarém, da vila de Santarém, e Tomazia Corrêa, da cidade de Lisboa, pais de Francisca, batizada em 2-1-1740 em Irajá. E um Coronel Francisco Gurgel do Amaral, talvez o mesmo, que, por ocasião do ataque dos franceses de Duguay Trouin, viera de Paratí com

500 homens à sua custa e 80 escravos, para socorrer a praça.

Acidentalmente achei vestígios de duas filhas naturais do Dr. Claudio, que foram: Clara das Neves Gurgel, solteira, falecida em 12-12-1736 na Sé, filha de Jorônima do Amaral; e Isabel Pedrosa, filha de Urbana Pedrosa e casada na mesma freguesia, em 18-6-1702, com Sebastião de Souza, homem pardo, filho natural de Gonçalo de Souza e Sebastiana de Souza.

Da mesma família era Clara Ferreira do Amaral, falecida na Sé em 5-5-1708 e casada com Pedro Bechelon ou Bacilon, natural de Bruges no Reino de França. Tiveram duas filhas: Isabel do Amaral e Maria do Amaral, sendo testamenteiros de Clara, cujos pais não se mencionam, o seu marido, o Dr. Claudio Gurgel e o Capitão Francisco Gomes Ribeiro.

Tendo os diversos membros dessa antiga e nobre familia se espalhado por vários pontos do país, aquí me detenho, deixando aos seus eventuais descendentes estas notas para maior pesquisa a respeito.

Barbalho Bezerra

Em sua obra «O Rio de Janeiro no século 17», pag. 189, ano de 1678, dá o Sr. Vivaldo Coaracy a seguinte notícia:

«De há muito manifestavam os moradores do Rio de Janeiro o desejo de quê nesta cidade houvesse convento de freiras, como já existia na Bahia. Não conseguiram, porém, a necessária permissão para erigí-lo. Tendo a viúva D. Cecilia Barbalho, irmã de Jerônimo Barbalho Bezzera, manifestado a disposição de, com suas filhas, recolher-se a uma clausura, prontificando-se a contribuir com os seus avultados bens de fortuna para a realização dêsse desejo, dispôs-se o administrador eclesiástico a atendê-la. E mandou construir junto à ermida da Ajuda um Recolhimento onde pudessem, com o título de «conversas», aquelas senhoras realizar os seus propósitos. A casa foi construida debaixo da direção do prelado Francisco da Silveira Dias e seu irmão frei Cristovão da Madre de Deus, guardião dos franciscanos, e, uma vez concluida, a ela se recolheram, no dia 9 de Julho, D. Cecilia Barbalho, suas três filhas e mais duas meninas de familias notáveis da cidade.

Foi esta a origem do convento da Ajuda que, entretanto, só no século seguinte veio a ser definitivamente instituido».

De minhas notas, colhidas quasi sempre, diretamente em

livros paroquiais, consta o óbito, na freguesia da Sé, em . . . 9-3-1702, da referida D. Cecilia Barbalho, natural de Pernambuco, filha legítima de Luiz Barbalho Bezerra e D. Maria de Mendonça. Era viúva do Capitão Antônio Barbosa Calheiros e não deixou herdeiros por terem todos morrido.

De seu pai, Luiz Barbalho Bezerra, diz Borges da Fonseca na pag. 37, na sua «Nobiliarquia Pernambucana», o seguinte:

«Fidalgo da Casa Real, Comendador da Ordem de Cristo e Mestre de Campo de infantaria, que governou a Bahia e o Rio de Janeiro, de quem os escritores da guerra dos holandeses fazem inumeráveis vezes a mais honrada memória e seria prolixa a nossa se a fizessemos de tantas, tão repetidas e gloriosas ações quando basta o que dêste grande soldado disse o general Francisco de Britto Freire nêste grande elogio: «A quem tantas continuadas ocasiões pelo decurso desta história, adiantaram ao insigne Mestre de Campo e deram ilustre fama principalmente naquela celebre e portentosa expedição que socorreu a Bahia, penetrando quatrocentas leguas os desertos da América. Foi casado e teve 10 filhos, dos quais o mais velho foi o capitão Guilherme Barbalho, mas como todos no ano de 1638 embarcaram para a Bahia onde, e no Rio de Janeiro viveram, não temos deles outras noticias».

Era filho de Fernão Bezerra Monteiro, casado com D. Camila Barbalho, filha de Braz Barbalho e de sua mulher D. Leonor Guardez, filha de Francisco Carvalho de Andrade e de D. Maria Tavares Guardez.

Segundo anotei, faleceu, conforme o livro 3.º da Sé do Rio de Janeiro, em 16-4-1644, como governador da cidade, constando o seu óbito de apenas três linhas, para tão ilustre pessoa. Foi sepultado na capela-mór do Colégio da Companhia de Jesus.

Um de seus filhos, de nome Jerônimo Barbalho Bezerra, foi o chefe da revolta popular do Rio de Janeiro, em fins de 1660, contra o General Salvador Corrêa de Sá e Benevides. Reuniam-se os conspiradores na propriedade dos Barbalhos, na Ponta do Bravo, em S. Gonçalo e, vencida a luta, foi aclamado governador Agostinho Barbalho Bezerra, irmão de Jerônimo, obrigado, *malgré lui*, a dirigir a cidade.

Dominada a revolta, Jerônimo Barbalho expiou no cadafalso e os seus companheiros em longos anos de cárcere. Agostinho Barbalho absolvido, foi despachado de Lisboa, como substituto do próprio General Salvador, na administração das minas de São Paulo. Preferindo ir ao Espírito Santo e penetrando, depois no Sertão do Rio Doce, faleceu em lugar ignorado.

Filhos do Capitão Jerônimo Barbalho e D. Isabel Pedroso, aqui nascidos e casados na Sé, achei, em 2-7-1667, Felipe Barbalho com Maria Pinto, filha legítima de Sebastião Pinto e Madalena Sardinha, e, em 19-1-1668, Pascoa Barbalho com Pedro da Costa, filho legítimo de Domingos de Carvalho e Inez da Costa. De Agostinho Barbalho achei na freguesia da Candelária, em 14-3-1672, um filho de nome Luiz, havido de Maria de Queiroz, mulher solteira.

Em minhas notas aparece um outro Jerônimo Barbalho Bezerra, capitão, natural desta cidade e filho de João Batista de Mattos e D. Micaela Pedrosa Barbalho Bezerra. Faleceu na freguesia da Sé, em 28-1-1717, sem herdeiros, sendo um dos seus testamenteiros o seu irmão Luiz de Mattos Bezerra.

Com a mesma filiação, achei ainda Manuel de Mattos Bezerra, falecido na mesma freguesia, em 28-12-1716, o qual, ferido com um tiro de espingarda, veio de fóra e foi para a fortaleza de S. Sebastião, e D. Teresa de Jesus Barbalho, natural e batizada na freguesia de S. Gonçalo, casada na Sé, em . . . . 25-9-1723, com Mateus Lopes Vieira.

Barcellos Machado

Familia também antiga e importante como as anteriores. Em livros de casamentos da Sé, encontrei assentos relativos aos seguintes:

9-4-1668 — Luiz de Barcellos Machado, filho legítimo do Cap. José de Barcellos Machado e Bárbara de Madureira, natural desta cidade, com Catarina de Mello, filha legítima do Cap. Marcos de Azeredo Coutinho e Paula Rangel de Macedo, naturais desta cidade. (L. 2.º, 1654-1690).

Bárbara de Madureira, filha legítima de Antônio de Madureira e Isabel de Marins, faleceu em 11-5-1674 e seu filho Luiz de Barcellos Machado em 29-8-1692, ambos na freguesia da Candelária.

15-2-1695 — José de Barcellos Machado, natural desta cidade, filho legítimo do Cap. Luiz de Barcellos Machado e Catarina de Mello, por seu procurador bastante o Cap. João Monteiro da Fonseca, com Dorotéia da Fonseca, natural desta cidade, f. l. do Cap. João Monteiro da Fonseca e Ursula de Castro. (L. 3.º, 1690-1707).

José de Barcellos Machado foi batizado em 1-4-1669 na

freguesia da Candelária, onde faleceu em 29-9-1703, deixando do seu casamento com D. Dorotéia um único filho, Caetano. Foram seus testamenteiros seu tio Inácio de Madureira, seu cunhado João Barreto e seu irmão Inácio de Madureira Machado.

Quando faleceu Caetano de Barcellos Machado, que foi casado com Ana Luiza Pinto Pereira de Sampaio, sucedeu-lhe, no morgado de Capivarí seu filho João José de Barcellos Coutinho, mestre de campo, alcaide-mór da vila de S. Salvador dos Campos dos Goitacazes, casado na freguesia da Sé, em 14-7-1745, com Francisca Antônia de Velasco Távora.

Em 1-5-1752, achei no livro de batismos da freguesia de Santa Rita da Corte o registro de Antônio, filho legítimo de João José de Barcellos Coutinho, natural e batizado na freguesia de N. S. do Desterro de Capivarí dos Campos dos Goitacazes, e de Francisca Antônia de Velasco, nat. e bat. na freguesia da Candelária, n. p. de Caetano de Barcellos Machado, nat. e bat. na fregueaia de S. João de Meretí, e Luiza Pinto de Sampaio, nat. e bat. na freguesia de S. Sebastião de Taipú, n. m. de José Luiz Sayão, natural da freguesia de S. Mamede e Catarina de Velasco Távora, nat. e bat. na freguesia da Candelária.

Êste Antônio deve ter falecido logo a seguir, pois, morrendo D. Francisca em 1-1-1757, deixava dois filhos: José (Caetano de Barcellos Coutinho), com 3 anos, e Ana (Francisca de Velasco Barcellos) com 2 meses apenas.

Anos antes, em 3-2-1690, encontrei o registro do óbito de um Capitão Manuel de Barcellos Machado, natural do Rio de Janeiro e filho legítimo de Luiz Barcellos e Catarina Machado, o qual foi casado com D. Maria Bocarra, segundo pude lêr. E' de supor-se sejam Luiz de Barcellos e Catarina Machado os troncos desta importante família.

Refere Milliet de Saint Adolphe no seu «Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil», pag. 214, que Campo Grande, freguesia da Província do Rio de Janeiro, deve sua origem a Manuel de Barcellos Domingos, um dos habitantes daquêle território no século XVII. Há engano no último nome, pois é Domingues e e não Domingos. Encontrei rastos dêsse personagem nos livros mais antigos de Irajá e Campo Grande. Afóra várias referências à sua pessoa, na falta do livro de batismo n.º 1, de Campo Grande, achei o registro de casamento de dois filhos dêle, respectivamente, em Campo Grande e Guaratiba, que são:

11-11-1696 — Licenciado Marcelo da Silva Machado, natural desta freguesia, filho legítimo do Cap. Manuel de Barcellos Domingues e Catarina da Silva, já defunta, com Bárbara Barreto de Britto, idem, f. l. de Antônio Ferreira Travassos e Isabel Barboza, já defuntos.

13-6-1728 — Pedro de Oliveira, natural e batizado em Campo Grande, filho legítimo de Pedro de Oliveira e Catarina da Silva, com Antônia de Barcellos Machado, f. n. do Cap. Manuel de Barcellos Domingues e Esperança da Fonseca, mulher solteira, nat. e bat. nesta.

Tais registros me levam a crêr que era parente, talvez irmão, dos primeiros Barcellos Machado. Como sempre fiz, «nesta freguesia» deve sempre entender-se como a freguesia em que foi o registro achado.

Em Campo Grande, porém, aparece um outro Manuel de Barcellos Machado, que, a princípio, se poderia supor fosse filho do José de Barcellos Machado e Bárbara de Madureira, mas não era. Por certo, porém, que da mesma familia.

Casou-se êle na Sé do Rio de Janeiro, mas o respectivo assento de casamento foi transcrito no livro próprio de Campo Grande, em data de 12-8-1712. Manuel de Barcelos Machado, natural do Rio de Janeiro, filho legítimo de Antônio da Fonseca Barcellos e Ursula de Britto, com D. Maria Pimenta de Mello, natural e batizada na freguesia de Irajá, filha legítima de Antônio Pereira Galvão e Teresa de Mello. Os primeiros filhos do casal nasceram e se batizaram em Campo Grande, na seguinte ordem: Antônio (30-1-1713), Ursula (3-11-1715), Manuel (25-11-1718) e João (23-10-1719). E outros em Merití.

Em 27-11-1734, se casou Ursula, ou Ursula de Britto e Mello, com Jacinto Lobo Frazão, de Merití, filho legitimo de Feliciano Lobo Frazão e Brigida da Silva, estando presentes José de Andrade Souto-Maior, morador em Gericinó, e o Alferes Antônio da Fonseca Barcellos, provavelmente seu irmão mais velho, Antônio.

Na mesma freguesia de Campo Grande aparece, em . . . 15-2-1746, o casamento de seu irmão Manuel de Barcellos Machado com Francisca de Marins, natural e batizado na freguesia de São Tiago de Inhaúma, filha legítima de Crispim da Cunha e Maria Barboza. Vemos aquí ressurgir o apelido Marins, na familia Tenreiro da Cunha, a que se achava ligado.

Em 8-7-1740, aparece em Guaratiba, o casamento de um dos filhos nascidos e batizados em Merití, na pessoa de Clara Barreto de Britto, que se consorciou com Braz da Silva Ran-

gel, de Campo Grande e filho legítimo de Antônio da Silva Rangel e Tereza de Jesus.

Para mostrar a complicação de nomes que havia antigamente, menciono que Manuel de Barcelos Machado, filho de Antônio da Fonseca Barcelos e Ursula de Britto, teve um irmão chamado Antônio Ferreira Travassos, que se casou em 24-2-1716 com Francisca Pimenta de Mello, filha legítima de Antônio Pereira Galvão e Teresa de Mello, e outro de nome José de Barcellos de Britto, que se casou em 29-8-1717 com Catarina Machado, filha legítima de Teodozio Moniz Barreto e Antônia Machado.

Nos livros de Guaratiba há muitos Pimenta de Mello, Pimenta de Carvalho, Telles de Menezes, Paes Ferreira, Sá Barboza, Fonseca Doria e Barcellos.

O Cap. José de Barcellos Machado, acima citado, então viúvo de Barbara de Madureira, veio a casar-se com Barbara Pinto, viúva do Cel. Miguel Aires Maldonado, e, por partilha dos bens de sua segunda mulher, ficou dono de fazendas em Campos, vinculando, assim, o seu nome à história local, como fundador do morgado de Capivarí e do convento de N. S. dos Anjos de Porciúncula, em Cabo Frio.

Aires Maldonado

Miguel Aires (aliás Arias) Maldonado, natural da Grã Canaria, ilha espanhola, cavaleiro fidalgo da Casa Real e da Ordem de Cristo, capitão em S. Paulo e coronel no Rio de Janeiro, teve, em S. Paulo, de sua primeira mulher, Maria de Medeiros, uma filha chamada Maria Maldonado.

Casou-se ela com D. Francisco Cabral de Távora, filho legítimo de D. Luiz Cabral de Távora e D. Antônia Góes Fróes, e faleceu na Sé do Rio de Janeiro em 20-3-1645, legando sua terça a uma filha de nome Briolanja de Távora e pedindo para ser enterrada na sepultura de sua mãe, na Igreja de N. S. do Carmo.

Havia um filho, com o nome do avô paterno, Luiz Cabral de Távora, o qual se casou com Isabel Tenreiro da Cunha, f. l. de Domingos de Azeredo Coutinho e Antônia Tenreiro da Cunha.

Na geração dêstes é que vamos achar novamente o apelido Arias Maldonado. No livro 2.º, de óbitos da Candelária, em 1-12-1683, aparece o de Maria Maldonado, filha de Luiz

Cabral de Távora e mulher de José Antunes, com o qual se casára na Sé em 7-8-1781.

Em 10-12-1732, no livro 12.º da Sé, foi registrado o óbito do Cel. Miguel Arias Maldonado, que veio morto da freguesia de S. Gonçalo, o qual foi enterrado no convento de N. S. do Carmo, no carneiro e cóva do seu bisavô Miguel Arias Maldonado e de sua mulher Bárbara Pinto.

Era natural do Rio de Janeiro, solteiro, filho legítimo de Luiz Cabral de Távora e Isabel Tenreiro da Cunha, e teve de Joana de Jesus, mulher de côr, três filhos: Padre Vital Arias Maldonado, clérigo do hábito de S. Pedro; o Capitão João Aires Maldonado e Isabel Tenreiro de Azevedo, casada com João de Almeida Telles Maia.

Teve ainda de Maria Arias, também mulher de côr, outros três filhos: Francisco Cabral de Távora, Miguel Arias Maldonado e Maria Maldonado.

Não achei o registro de batismo dêste Miguel Arias Maldonado, dado grandes estragos no livro, mas os dos seus irmãos Isabel (25-8-1659), Ana (25-3-1663), Diogo (17-8-1665) e Estevão (18-3-1670), todos da Sé.

No livro 9.º da Candelária, achei, em 11-1-1737, o óbito do Capitão João Arias Maldonado, nascido no Rio de Janeiro, filho de Miguel Arias Maldonado e casado, na freguesia de S. Gonçalo, com Inez da Cruz, parda forra. A referida freguezia de S. Gonçalo era a do recôncavo do Rio de Janeiro, vizinha à da Praia Grande, hoje Niterói.

Faleceu Miguel Arias Maldonado, o primeiro dêste nome e apelidos, na Sé do Rio de Janiro, em 18-5-1650, deixando sua terça, depois de cumpridos certos legados e dita certa quantidade de missas, à sua mulher Barbara Pinto, já que os filhos que dela houve eram mortos.

Não existe mais o livro 1.º de casamentos da Sé, que vai de 1616 a 1653 e onde estaria registrado o casamento de Miguel Maldonado com Bárbara Pinto, possivelmente por volta de 1624, pois, no livro 2.º de batismos daquela freguesia, achei dois filhos do casal: Catarina, batizada em 20-9-1626, e Bento, batizado em 2-1-1629. Êste deve ser o Bento Soares, filho de Maldonado, que tem intrigado a muitos genealogistas. Não achei outros filhos, dado o estado do livro, apagado e estragado.

João de Castilho ou de Castilho Pinto, segundo alguns autores, seria pai de Bárbara Pinto e sogro de Miguel Maldonado, mas existe aquí um engano que me apresso a esclarecer.

Maldonado, sim, é que era sogro de João de Castilho, casado com Margarida Soares Maldonado. Achei na Sé, na mes-

ma época em que se batizaram os dois filhos de Miguel e Bárbara, também os assentos de batismos de dois filhos de João e Margarida, ou sejam, Leonor em 6-4-1626 e Inez em 10-4-1630.

Maldonado era, além de sogro de João de Castilho, seu cunhado, pois que irmão de Bárbara.

Transcrevo, entre aspas, alguns pequenos trechos do testamento de Miguel Maldonado, a saber: «Declarou por seus testamenteiros a sua mulher Barbera pinta e a seu irmão Jorge ferreira e a João fagundes paris» — «Declarou que despois de seus legados cumpridos deixa o remanecente de sua terça a al sua mulher Barbera pinta e declara que na dita terça entre sua ilha que tem al da ilha que chamão do framengo e huas cazas na rua direita em que mora o Sirg. Roza» — «Revogou em hu codicilio os testamenteiros e nomeou al sua mulher e a seu genro João de castilho pinto e a Aleixo pinto» — «Declarou que de sua fazenda do monte mor se tire trezentos mil reis e se entregue a sua mulher para que delles despenda o que ele tem encomendado para descargo de sua conciência».

João de Castilho faleceu na Sé em 29-8-1672. Declarou que era natural do Rio de Janeiro e filho legítimo de Manuel de Castilho e Catarina Pinto. Casado com Margarida Soares Maldonado dela teve um filho por nome Miguel, o qual era falecido. Instituiu seus herdeiros únicos a Salvador Rodrigues do Soveral e Margarida Soares, sua mulher. Menciona em seu testamento a sua sobrinha Maria Pinto, filha de Aleixo Pinto, e também seu sobrinho Manuel de Castilho, filho de seu irmão Jorge Ferreira, que, como vimos pelo testamento de Maldonado, era irmão de Bárbara.

Bárbara Pinto de Castilho faleceu também na Sé, em 29-8-1678 e menciona uma outra irmã, de nome Catarina Pinto. Havia ainda outra irmã, Leocadia Pinto, casada com Miguel Dias, e uma de nome Candida Pinto.

João Fagundes Paris faleceu também na Sé, em 15-8-1662. Foi casado com Petronila Fagundes e deixou oito filhos. Penso, pela data, que era provedor de ausentes, João Fagundes, amigo de João de Castilho Pinto.

Também no mesmo livro da Sé, que é o 2.o e vai de 1623 a 1632, achei o registro de batismo, em 16-6-1625, de Leonor, filha de Miguel Riscado e de sua mulher Estácia Requeixa.

Este Miguel Riscado foi, como Arias Maldonado e João de Castilho, um dos sete capitães de Campos dos Goitacezes, chamados heréos. Ainda no mesmo livro aparece um filho de

Antonio Pinto, nome de outro dos heréos, mas sendo comum êste apelido, não posso dizer se se trata dele mesmo.

Mais tarde fui descobrir pessoas com alguns dos nomes supra citados.

Em 4-11-1717, achei na freguesia da Sé, falecido de bexigas, um João de Castilho Pinto, natural da vila de Paratí da Ilha Grande, filho legitimo de Salvador de Castilho Pinto e Angela Dias Machado, e no livro 1.o de casamentos da freguesia de Irajá o assento do casamento, em 5-9-1703, de Estevão Machado de Mendonça, natural da freguesia de Inhaúma, filho legitimo de Miguel Dias Riscado e Isabel de Mendonça Coutinho, com Maria de Macedo, viúva de Simão Pereira de Carvalho.

Outro João Arias Maldonado aparece em minhas notas. Era natural e batizado na freguesia de S. Gonçalo, e filho natural de Escolástica Gonçalves e pai incognito. Casou-se em 30-11-1737, na freguesia da Candelária, com Maria do Nascimento, natural e batizada na freguesia de N. S. do Bomsucesso e S. Caetano da vila nova da Rainha da vila de Caeté, filha natural de Vicente de Carvalho e Luiza de Oliveira. Em 20-2-1743, na mesma freguesia da Candelária, aparece o registro de batismo de um filha do casal, de nome Escolástica, com a menção de serem os pais pardos forros.

Nada tem a vêr com a familia Maldonado, mas me permito referir-me aqui a um testamento que se acha no anverso da mesma pagina que o de Arias Maldonado.

Trata-se do de D. Mecia Furtado, falecida em 15-5-1650, que declarou que «fora casada pela primeira vez com Diogo de Escobar, do qual teve, de legitimo matrimônio, uma filha por nome Emerencia Furtado, que casou com Pedro Martins Namorado, os quais são falecidos e deixaram filhos que são seus netos e herdeiros à sua fazenda.»

Este Pedro Martins Namorado, um dos vicentinos que, como Antônio de Marins, vieram para a conquista do Rio de Janeiro, foi juiz pedâneo em S. Vicente e primeiro juiz ordinário do Rio de Janeiro.

Faleceu também na Sé, em 15-12-1647. Achou-se um testamento, feito na sua terra, sem ser aprovado, e nele declara que o seu corpo seja enterrado na Sé, na nave de N. S. do Rosario, amortalhado no hábito de N. S. do Carmo. Nomeou seus testamenteiros Gonçalo de Souza, João Pinheiro e Laureano de Souza, seus genros.

Ao que suponho, casou-se duas vezes, pois no livro 3.o

da Sé, aparece, em 29-10-1692, o assento do casamento de Antônio Corrêa da Silva, natural desta cidade, filho legitimo de Francisco Madruga Bezerra e Isabel Fernandes, com Isabel Barreto, natural de Maricá do reconcavo desta cidade, filha legitima de Pedro Martins Namorado, já defunto, e Maria Martins.

Paulista também era certo Antônio Cubas, «que tinha ido desta cidade e trouxeram morto da Roça». O registro do óbito da Sé é de 5-8-1643 e nele consta que era casado com Paula de Aguiar e tinha um cunhado de nome Bernardo de Almeida.

No mesmo livro de óbito acima, achei, em 1630, uma referência a D. Leonor Gonçalves, mulher de Antônio Martins de Palma, o fundador da ermida hoje igreja da Candelária. Do Rio foi êle para Campos dos Goitacazes, onde deixou descendência, pois achei na Sé, em 9-10-1740, o batismo de Eugenia, f. l. de Antônio Martins de Palma e Joana Maria.

Gaudie Ley

Do casamento, em 18-4-1712, na Igreja de N. S. da Conceição, conforme o livro 4.º, fls. 32, da Sé do Rio de Janeiro, de Ana Ley, natural e batizada na mesma freguesia, com André Gaudie, natural da cidade de Jedburgh, Reino de Escocia, f. l. de João Gaudie e Inez Auberne, nasceu a família Gaudie Ley, hoje espalhada pelo Rio de Janeiro e Estados de São Paulo e Goiaz, principalmente.

Ana Ley era filha legítima de Ricardo Ley, natural de Essex (Exessem, no registro), e Isabel Barboza de Britto, natural da freguesia de S. Antônio de Sá (recôncavo do Rio de Janeiro).

Ricardo Ley, f. l. de Ricardo Ley e Ana Ley, também ingleses, faleceu, em 21-3-1715, na Sé do Rio de Janeiro, deixando os seguintes filhos: 1) Ana Ley, casada com André Gaudie; 2) Maria do Sim; 3) Antônio do Sacramento; e 4) Tomaz Ley.

Das minhas notas constam ainda, batizados na Sé, Izabel em 5-1-1702, e Antônia em 15-6-1710, provavelmente falecidos crianças.

Tomaz Ley, ao que suponho, deve ser o mesmo Tomaz Ley Barboza de Britto, que aparece na história de Campos dos Goitacazes.

Outro cidadão inglês, que por aqui andou e legou o seu nome à estação de Xerem, sub-ramal da Rio d'Ouro, foi João Cherem ou Xerem, natural de Londres e filho de Alberto e de

Margeta Xerem, casado na capela de N. S. da Penha de França, da freguesia de Irajá, em 5-5-1688, com Bárbara de Sá Sotomaior, exposta na casa do Capitão N... Deles achei os seguintes filhos, o segundo batizado em Irajá e os demais na Sé do Rio de Janeiro: Felipa (9-5-1689), José (3-10-1691), Maria (11-1-1695), Tomaz (3-2-1704), Inácio (21-7-1708), Inácia . . . (12-8-1710) e João (6-1-1712)

Freire Allemão

Esta antiga família teve sua origem na seguinte união, conforme o livro 1.º de casamentos da Candelária, fls. s/n.º:

> «Em doze de Fevereiro de mil seiscentos e noventa e dois nesta Igreja de N. S. da Candelária, na forma do Sagrado Concilio Tridentino e Constituições, a Manoel Freire Allemão, natural da vila de Alcobaça, filho legítimo de Braz Allemão e de sua mulher Brites de Castro, já defunta, com Luzia de Araujo, natural desta cidade, filha legítima de Antônio de São Paio e Araujo e de sua mulher Agueda Pereira. Assistiram-lhes o Capitão Frutuoso Baptista e D. Maria Coutinho, viúva e outras pessoas mais. a) Thomé de Freitas.

Acrescento que em 1575 foi passado brazão de armas a um Braz Allemão de Sisneiros, moço da câmara, alferes de infantaria, ordenado para guarda e vigia da cidade de Ceuta, filho de Diogo Allemão de Sisneiros, neto de Afonso de Sisneiros, bisneto de Francisco Roiz de Sisneiros e trineto de João de Sisneiros.

Esta família se estendeu até os nossos dias. No livro 4.º de Guaratiba, achei, em 25-5-1741, o casamento de Manuel Freire Allemão, natural e batizado na freguesia de N. S. do Loreto de Jacarepaguá, f. l. de José Freire Allemão e Maria Antônia da Silva, com Vitória Borges, natural e batizada em Guaratiba, f. l. do Alferes Estácio Gomes e Maria Pinheiro.

Vieira de Mendanha

Foi na fazenda do Capitão Luiz Vieira de Mendanha Sotomaior, em Campo Grande, que o Marquês do Lavradio, terceiro Vice-Rei do Brasil, mandou cultivar café em grande escala. Por alí passava a Estrada Real de Santa Cruz, que teve o seu período áureo depois da chegada de D. João VI. Regres-

sando êste a Portugal, caiu a estrada novamente no esquecimento e, com o tempo, foram as terras de Luiz Mendanha se cobrindo de mato.

Pelas minhas notas, era êle natural de Almada, Portugal, e filho legitimo de João Vieira de Carvalho e D. Guiomar de Mendanha. Foi casado com D. Luiza da Fonseca Dória, f. l. do Capitão Melchior da Fonseca Dória e D. Francisca de Bittencourt, filha, esta, de Manuel Velloso de Espina e de sua mulher D. Isabel de Bittencourt, e, por ocasião do seu falecimento na Sé, em 13-1-1704, deixou Luiz Mendanha os seguintes filhos: Melchior da Fonseca Dória, Antônio de Mendanha, Luiz Vieira de Mendanha, João Vieira, Helena, casada com João Guterre, Guiomar, casada com Nicolau Aranha e Mariana, casada com o Capitão Antônio Carvalho de Lucena. Com relação à descendência de Luiz Mendanha, posso citar as seguintes notas por mim recolhidas nos velhos livros paroquiais:

F 1) Melchior da Fonseca Dória, casado com Mariana de Vasconcellos, faleceu sem herdeiros, na Sé, em 21-5-1702. Tiveram, porém, duas filhas batizadas em Guaratiba: Antônia (26-10-1698) e Sebastiana (22-9-1700), provavelmente falecidas em tenra idade.

F 2) Antônio de Mendanha seria, segundo alguns autores, o primeiro vigário encomendado da antiga vila do Principe, em Minas Gerais, Padre Antônio de Mendanha Sotomaior, porém, em minhas notas, aparece um Capitão Antônio de Mendanha, casado com Maria da Fonseca Coutinho, a qual faleceu na freguesia da Candelária, em 11-3-1706, deixando 5 filhos menores. De um deles achei o assento de batismo na Sé, em 12-8-1688, e se chamava Inácio.

F 3) O Capitão Luiz Vieira de Mendanha se casou na Sé, em 26-2-1688, com Clara de Moraes Coutinho, f. l. de Manuel Lopes de Moraes e Lourença Coutinho. Do casal achei os seguintes filhos, todos batizados na mesma freguesia: Melchior (27-7-1690), Luiza Maria (23-12-1692), Salvador (22-6-1696), José (24-8-1698) e Luiz (25-2-1701). O seu primeiro filho, Melchior de Mendanha Sotomaior, se casou com Leonor Gomes, natural e batizada na freguesia de S. Gonçalo do recôncavo, f. l. de João Henriques Castro e Maria Henriques. O quarto, José da Fonseca Sotomaior, se casou com Maria da Cruz, natural e batizada na freguesia da Candelária, f. l. de Alexandre Freire e Helena de Azevedo, e o último, Luiz Vieira Sotomaior, com Teresa de Jesus, não se mencionando a naturalidade e filiação desta no assento de batismos dos filhos do casal.

F 4) João Vieira de Carvalho Sotomaior faleceu solteiro, na Sé, em 21-12-1722. Nasceu no Rio de Janeiro e foi batizado em Guaratiba.

F 5) Helena de Mendanha Sotomaior se casou na capela de N. S. da Conceição, sita na fazenda de seu pai, em . . . . 8-12-1681, conforme registro feito na Sé, com João Guterre Vanzil (Van Zeller?), f. l. de Rodrigo Guterre e Luiza da Costa. Natural de Oeiras, arcebispado de Lisbôa, faleceu João Guterre na freguesia da Candelária, am 15-6-1701, com sucessão.

Descobri filhos do casal: Helena e Luiz, batizados em Guaratiba, respectivamente, em 30-10-1689 e 19-4-1695.

Helena se casou em 1-1-1716, na mesma freguesia, com o Alferes Francisco Mendes Ribeiro, natural da Ilha Grande e f. l. do Alferes Domingos das Neves Ribeiro e Helena Mendes da Silva, e deixaram descendentes. Em 20-10-1760, achei o registro do batismo de Joaquina, f. l. de Sotero da Silva Vanzil e Margarida Josefa de Menezes, n. p. de Francisco Mendes Ribeiro e Helena Guterre Vanzil, n. m. de Melchior de Mendonça Dormundo e Josefa Maria Dória.

De Luiz, nada achei, mas encontrei, em 1737, um Capitão Miguel Guterre Vanzil, casado com Maria Pinheiro, e, ainda em Guaratiba, em 16-8-1712, o casamento de Luiz Telles de Menezes com Mariana da Fonseca Dória, filha, esta, de João Guterre e Helena de Mendanha, e, em 25-4-1762, o de Luiz da Fonseca Dória, filho de Luiz e Mariana, com Caetana Barboza.

Há hoje muitos Dórias no Brasil e, no Rio de Janeiro, conheci um funcionário do Banco Boavista com o sobrenome Van Zeller.

F 6) Guiomar de Mendanha Sotomaior se casou em . . . 9-2-1680, na Candelária, com Nicolau Aranha Carneiro, f. l. de Claudio Carneiro da Silva e Isabel Aranha, deixando herdeiros. Nicolau Aranha morreu em Campo Grande, em . . . . 4-12-1720. Uma de suas filhas, Guiomar de Mendanha, se casou com Manuel Cabral da Silva e foram os pais de Helena, batizada em 21-6-1745.

Filha ou sobrinha da mesma devia ser Mariana Dória que se casou em 20-9-1707, no oratório de D. Mariana de Vasconcellos, viúva de Melchior da Fonseca Dória, com João da Fonseca Coutinho, não se declarando, porém, os nomes dos respectivos pais.

F 7) Mariana de Mendanha Sotomaior, casada com o Ca-

pitão Antônio Carvalho de Lucena, faleceu na Sé, em . . . . 20-6-1709, deixando 4 filhos menores, alí batizados: Antônio (27-11-1696), Manuel (29-1-1699), Maria (1701) e Luiza . . . . (27-9-1705). Mais tarde achamos um Capitão Manuel Carvalho de Lucena e um Capitão Antônio Carvalho de Lucena, com geração. Êste último foi casado com D. Antônia de Vasconcellos e do casal achei na Sé, um filho de nome Antônio, batizado em 6-10-1736. O Capitão Antônio Carvalho de Lucena foi um dos que atenderam ao apêlo do Brigadeiro Silva Paes, em 19-11-1735, alistando-se para combater em defesa da Colonia do Sacramento.

Isabel de Mendanha Sotomaior, casada com Lucas de Freitas Azevedo, que andou pelos sertões baianos, seria outra filha de Luiz Mendanha, porém, êle não se refere à mesma, em seu testamento supra citado. Talvez fosse sobrinha, pois achei em Campo Grande, em 12-1-1693, o casamento de Francisca de Mendanha Sotomaior, f. l. de Antônio Bogado de Mendanha Sotomaior e Ana Veloso, com Antônio do Rego da Silva, f. l. do Capitão Manuel do Rego da Silva e Isabel Viçosa.

Ainda hoje existe a estrada do Mendanha, com 7 kls. de extensão e 9 ms. de largura. Começa na Rio-São Paulo e termina no fim da estrada do Engenho ou do Retiro, no largo do Mendanha, onde principia a serra do mesmo nome.

Soares de Proença

O Sargento-Mór Bernardo Soares de Proença, natural do Rio de Janeiro, era filho legitimo de Felix de Pronça de Magalhães e de D. Agueda Gomes de Pereda. Viúvo de sua primeira mulher, D. Isabel de Azeredo Coutinho, consorciou-se em 2.ªs nupcias, em 15-8-1720, na freguesia da Candelária, com D. Maria da Silva Salgado, também natural desta cidade, f. l. de Manuel da Silva Salgado e D. Catarina Carvalho.

Foi êle quem mandou abrir o caminho novissimo que havia de ligar a vila de Inhomirim com a Paraíba, passando à margem do célebre Córrego Sêco, que deu nome à fazenda adquirida por D. Pedro II ao Sargento-Mór José Vieira Afonso. A área requerida e obtida por Soares de Proença, em 1721, constava de «uma légua em quadra, detraz da Serra do Frade, correndo o sertão da dita legua pelo mesmo rumo que correr o caminho geral que se há de abrir da Paraíba a vir buscar as saídas das quebradas da dita Serra do Frade».

Foi aquele o «Caminho Novo de Minas pela freguesia de

Inhomirim», que perpetuou o nome de Bernardo Soares de Proença na história fluminense. Foi na legua de terras por detráz da Serra do Frade, que se esgueirava até o ribeirão Tamaratí, que construiu êle a sua residência.

Com a sua morte, em 1735, passou a sua propriedade a seu filho e herdeiro, Antônio de Proença Coutinho Bittencourt, o qual, segundo as minhas notas, era do primeiro matrimônio e foi batizado na freguesia da Candelária em 21-7-1715, como se vê do livro 3.º. Sua mãe, Isabel de Azeredo Coutinho, era filha legítima de Cosme de Azeredo Coutinho e Agueda de Bittencourt, neta paterna de Antônio de Azeredo Coutinho e Isabel Borges e materna de Francisco de Avila Bittencourt e Luiza de Aguiar.

Numa folha solta de um livro de óbitos da freguesia de S. Nicolau de Suruí, achei, em 21-8-1785, o de Nicolau Viégas de Proença, natural e batizado na de S. Antônio de Sá e casado com Plácida de Valadares Vieira, falecida em 26-7-1785, também em Suruí, natural e batizada na de S. João do Merití. Faleceu Nicolau com 93 anos e tinha a mesma filiação que Bernardo.

Casado na Sé do Rio de Janeiro, em 7-8-1740, com Sebastiana Teresa de Mattos, nat. e bat. na freguesia da Candelária, f. l. de João Batista Pereira e Joana de Mattos Coutinho, aparece Inácio Viégas de Proença, f. l. de Francisco Fagundes do Amaral, já defunto, e Agueda Gomes, donde supor-se que esta Agueda Gomes fosse irmã de Bernardo e adotara o sobrenome materno.

Uma outra irmã de Bernardo, Isabel de Proença, faleceu na Sé em 25-7-1720. Casou-se com Antônio de Muros, e, depois, com Luiz Cabral de Távora, sem deixar filhos.

Das minhas notas constam ainda pessoas da mesma família, provavelmente irmãos e primos dos supra citados. São eles:

Felix de Proença Magalhães, nat. e bat. na freguesia da Candelária, f. l. de André Alvares de Alvarenga e Luiza de Proença. Casou-se na Sé, em 14-11-1744, com Helena Rosa de Souza, nat. e bat. na mesma freguesia, f. l. de João Alvares de Souza e Josefa Alvares Figueira.

Isabel Soares de Proença, viúva de Antônio de Puga Moniz, f. l. de Manuel Soares Gomes de Ana de Proença. Casou-se em 2.as nupcias, em 15-12-1764, com Antônio José dos Reis Pereira.

Havia ainda um certo Dionisio Soares de Proença, que,

no ano de 1810, possuia uma sesmaria em Magé, mas em minhas anotações, nada consta sôbre a sua naturalidade e filiação.

A primeira igreja de S. Nicolau de Suruí, feita por Nicolau Baldim, possuidor e senhor da fazenda em que estava situada, foi reedificada em 1709, a saber, o corpo da igreja pelos fregueses, e a capela mór por Agueda Gomes de Perada, então senhora da mesma fazenda.

Braz de Pina

Lemos no vol. V, de 1942, pag. 140, da «Revista Genealógica Brasileira» que Braz Luiz de Pina, natural de Portugal, se transportou para o Rio de Janeiro, tendo dois filhos:

1) Braz Luiz de Pina, que se ordenou e foi vigário em Itú, Estado de S. Paulo. Depois transportou-se para Pilar, como vigário, onde faleceu.

2) Fidêncio Graciano de Pina, natural do Rio de Janeiro, que foi para Meia-Ponte, Goiaz, e se tornou o trônco da familia Pina.

Tais notas são do Padre Trindade, mas o genealogista Jarbas Jaime, mais positivo a respeito, coloca Fidencio Graciano de Pina em árvore de costado, como filho natural do Padre Braz Luiz de Pina, o que é mais certo. Senão vejamos.

Braz Luiz de Pina, Padre, não era português e sim nasceu no Rio de Janeiro. Português foi o pai deste, Braz de Pina.

Braz de Pina, natural e batizado na freguesia de N. S. dos Anjos da cidade de Lisboa, filho legítimo de Manuel da Silva e Pina e Gracia Rodrigues, casou-se, em 24-9-1731, na freguesia da Candelária, com Vicência da Silva, filha legítima de Francisco de Araújo e Maria Ribeiro da Silva.

Viúvo logo depois, consorciou-se em 2.as núpcias, em . . . 21-12-1733, na mesma freguesia, com Luiza Bernarda Caetana do Rêgo, natural e batizada em 25-10-1712, na Sé do Rio de Janeiro, filha legítima do Dr. Francisco da Costa Ramos e Maria Clara do Rego.

Dêste 2.º casamento, nasceram e se batizaram na freguesia da Candelária os seguintes filhos:

F 1)	Braz	—	29-10-1740,
F 2)	Luiza	—	4-6-1742,
F 3)	Antônio	—	7-8-1743,
F 4)	Joaquim	—	18-8-1745,
F 5)	Joana	—	27-7-1747.

Interessante notar que nesses registros aparece a profissão e a residência de Braz de Pina, isto é, homem de negócios e morador na Rua de S. Bento.

Sabe-se que a baía Guanabara, nos tempos primitivos, era muito frequentada, em certa época do ano, pelas baleias do Atlântico austral. Tal facto deu origem ao chamado «Contrato das Baleias» e a numerósas armações estabelecidas ao longo da costa, para extração do azeite e da graxa. Na baía do Rio de Janeiro, o estabelecimento foi localizado na margem oposta da cidade, em Niterói, no lugar chamado Ponta da Armação.

Braz de Pina foi um dos arrematantes do «Contrato das Baleias». Deu êle o nome a um dos antigos cais da cidade e possuía terras nos campos de Irajá, hoje chamado Braz de Pina.

Em minhas buscas nos livros de casamentos das freguesias da Candelária e Irajá só achei o assento de casamento de um dos filhos de Braz de Pina. Foi da F 2, Luiza Bernarda de Pina, que se casou, em 9-10-1763, na freguesia do seu nascimento, com Sebastião Leite Gomes de Britto, natural da Madalena de Lisboa, f. l. de Antonio Gomes de Britto, natural da freguesia dos Martires da mesma cidade, e de Josefa Caetana do Nascimento, da referida freguesia da Madalena.

Nos livros de batismos de Irajá ainda achei vestígios de Luiza Bernarda de Pina, com o batismo de um filho de nome José, em 28-6-1783. Achei também, alí, referência, em um testamento, ao Padre Braz Luiz de Pina, cuja assinatura vi embaixo de um assento de batismo, 23-10-1776, na freguesia de N. S. da Conceição e S. Pedro e S. Paulo da Paraíba, justamente no de Antônio, f. l. do Capitão Luiz Alves de Freitas Belo e Ana Quitéria Joaquina de Oliveira, avós maternos do Duque de Caxias. Era vigário encomendado.

Ao casar-se em 17-5-1803, na Matriz de N. S. do Rosário de Maia-Ponte, hoje Pirenópolis, Goiaz, Fidêncio Graciano de Pina se deu como filho de pais ignorados e batizado na freguesia de N. S. da Conceição de Irajá.

Para ser filho de Braz de Pina (que assinava Pinna), teria se casado com mais de 50 anos e já vimos que não havia nenhum filho com o nome de Fidêncio. Afim de resolver o problema, só me restava exaustiva busca nos livros da freguesia da Apresentação de Irajá e foi o que fiz. Em página já bem corroída pela tinta, aliás, a de n.º 121 verso, do livro que vai de 1763 a 1786, topei com o assento do teor seguinte:

Fidencio — Aos catorze do mez de Fevereiro de mil settecentos e sessenta e nove annos nesta Freguesia de Irajá bap-

tizei e puz os santos oleos ao innocente Fidêncio, exposto em casa de Tomaz Pinto da Silva foram padrinhos Manuel Brum e Maria Barboza solteira, do que para constar fiz este assento era ut supra a) O Vig.º João de Macedo.

Pelo que se vê, está errado o Padre Trindade ao dar Fidencio Graciano de Pina como irmão do Padre Braz Luiz de Pina. Conhecendo provavelmente o segredo do seu nascimento, isto é, que era filho natural dêsse padre, adotou o apelido Pina, repetindo-se em sua geração os nomes do seu progenitor, Braz Luiz.

Pereira Ramos e Alarcão e Luna

Percorrendo o 1.º livro da capela curada de Marapicú, desmembrada da freguesia de S. Antônio de Jacutinga, depois Maxambomba e hoje Nova-Iguassú, livro que começa em 1726 e que é do tamanho de um caderno escolar comum, achei os assentos de batismos dos seguintes filhos do Capitão-Mór Manuel Pereira Ramos de Faria e Lemos e de sua mulher Helena de Andrade Souto-Maior: Micaela (22-5-1726), Manuel (16-7-1728), Clemente (29-10-1731), Inácio (10-8-1733), Francisco (26-4-1735), Maria (18-6-1739) e José (20-6-1743).

Ambos nascidos e batizados no Rio de Janeiro, era êle filho legítimo de Tomé Alvares do Couto Moreira e de Micaela Pereira de Faria e Lemos, e ela filha legítima de Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e de Helena de Andrade Souto-Maior. Manuel e Helena se casaram em 16-8-1721, na Candelária, onde nasceu o primogênito do casal, João, em 2-7-1722.

Como mais de um autor já cuidou das pessoas acima e como é meu intuito tratar de gente mais antiga, com dados inéditos, em vista do estado precário de alguns livros paroquiais, vou passar aos antepassados fluminenses de Helena de Andrade e a pessoas com os mesmos relacionadas.

Achei, no livro 2.º de casamentos da Sé, em 26-11-1670, o assento do casamento de Domingos Pereira da Silva, f. l. de Domingos Fernandes Pereira e Maria Francisca da Silva, naturais da freguesia da Madalena da cidade de Lisboa, com Paula Rangel de Macedo, f. l. de Marcos de Azeredo Coutinho e Paula Rangel, naturais do Rio de Janeiro. Foram os pais de Clemente Pereira de Azeredo Coutinho, batizado em 1673 na Candelária e casado com Helena de Andrade Souto-Maior, f. l. do Capitão Inácio de Andrade Souto-Maior e de Ana de Alarcão e Luna. Esta última, natural de São Paulo e filha legítima de

D. João Mateus de Rendon e Maria Bueno de Ribeira, faleceu na Sé do Rio de Janeiro, em 13-10-1670, declarando deixar 3 filhos: João, José e Helena, sendo, esta, a supra citada. Inácio, falecido em 21-3-1703, na freguesia da Candelária, só fala em 2 filhos: José e Helena, tendo João provavelmente falecido.

Em 15-2-1674, achei o óbito de Helena de Souto-Maior, referindo-se ao seu filho Inácio de Andrade Souto-Maior e ao seu genro Francisco Telles Barreto, Helena esta que era a chamada «viúva da Pedra» (Engenho da Pedra) e que foi casada com Inácio de Andrada Machado. Efetivamente, Francisco Telles Barreto, falecido em 6-6-1679 na Candelária, era casado com Inez de Andrade, que era irmã de Antônia de Andrade, casada com o Sargento-Mór João Rodrigues Pestana, falecido em 10-6-1671 também na Candelária, onde morreu Antônia em 15-6-1684. Deixaram 4 filhos, um dos quais sabemos que foi Helena de Souto-Maior, que se casou em 30-4-1672 com o Lic.º Manoel Corrêa de Araujo, f. l. do Mestre de Campo Salvador Corrêa Vasques e de D. Francisca de Araujo.

Francisco Telles Barreto, supra citado, que tinha um filho chamado Luiz Telles Barreto (era Licenciado e morreu solteiro em 18-12-1702, deixando um filho natural, André Telles), era irmão de Manuel Telles Barreto, falecido, ainda na Candelária, em 5-4-1692, e casado com Mariana de Souza, de que achei um filho de nome Francisco Telles Barreto, ao qual me referirei mais adiante. Francisco e Manuel tinham um outro irmão chamado Antônio Moniz Barreto, que faleceu, no mesmo lugar, em 7-3-1707. Era então viúvo de Ursula de Oliveira e desta e de outra mulher teve filhos chamados Teodozio Moniz Barreto, Manuel Mariz, Antônia Machado e Francisco de Mariz.

Vou tratar, agora, de alguns Alarcão e Luna e Rendon, a que Pedro Taques se refere em sua «Nobiliarquia Paulistana», com dados que êle não fornece, apesar de sua conversa, em Guaratiba, com Fradique Rendon de Quevedo.

Diz êle, na pág. 261, do vol. II, que D. José Rendon de Quevedo saiu de Madrid para o Brasil em 1640 e veio para o Rio de Janeiro, onde se casou com uma viúva, D. Suzana Peixoto, senhora do Engenho chamado da Fumaça, em Irajá, que o trocou por outro que possuia, em Itacurussá, o governador Salvador Corrêa de Sá e Benevides. Do seu matrimônio, teve, nascidos na Ilha Grande de Angra dos Reis, cinco filhas: Teodora, Ana, Francisca, N... e Maria, e um filho, D. Pedro Rendon e Luna, de que diz o seguinte: «Ordenou-se clérigo de S. Pedro e o bispo do Rio de Janeiro, D. José de Barros Alar-

cão, o fez visitador das igrejas das vilas da capitania de S. Vicente e S. Paulo.»

Achei, porém no livro 1.º de casamentos da Candelária, em data que não anotei, por descuido, mas por volta de 1700, o registro do matrimônio do Licenciado Pedro Peixoto e Luna, natural e batizado na capela curada de Itacurussá do distrito da Ilha Grande e morador nas Minas, freguesia dos Raposos, filho de D. Pedro Rendon e Luna, por seu bastante procurador Lourenço Moreira, com Josefa da Cruz, natural e batizada na freguesia da Candelária, f. l. de Alexandre Freire e Helena de Azevedo. De passagem direi que D. Pedro, conforme vi em livro de Guaratiba, se assinava D. Pedro Rendon y Luna, em sua forma espanhola.

De Teodora, Ana e Francisca, diz que não se casaram e vestiram o hábito das carmelitas, e assim faleceram e foram sepultadas na casa do capítulo do convento dos carmelitas da Ilha Grande. Entretanto, achei o registro do óbito, em 26-8-1715, em Campo Grande, de Francisca de Alarcão e Quevedo, solteira, referindo-se ao seu sobrinho Antônio Lobo de Alarcão, que era filho da outra irmã, cujo nome não menciona e que foi casada com N... Lobo, de cujo matrimônio nasceu o filho único, Antonio Lobo de Alarcão, que se casou com D. Inácia Telles. Inácia Telles de Menezes era filha de Francisco Telles Barreto e de sua mulher Maria Barboza, e, do seu casamento com Antônio, só achei um filho, Carlos, batizado em 8-11-1731.

Da quinta filha, Maria de Alarcão, descobri o seguinte: filha de D. José de Alarcão e D. Suzana de Azevedo, casada com Damaso Pimenta de Oliveira, falecida em 24-3-1731 em Guaratiba. Declarou que tivera 3 filhos: dois homens, já defuntos, e uma mulher: Maria Pimenta de Alarcão. Em Campo Grande, em 15-8-1707, achei o registro do casamento de Jacinto de Sá Barboza, f. l. de Bento Barboza de Sá, já defunto, e Isabel Coutinho, moradores na freguesia de S. Salvador de Guaratiba, com Maria Pimenta de Alarcão, f. l. de Damaso Pimenta de Oliveira e Maria de Alarcão, moradores na do Desterro de Campo Grande.

De D. Francisco Rendon de Quevedo, que se casou em S. Paulo com D. Ana Bueno de Ribeira, houve, alí nascidas, quatro filhas, que foram: Madalena, Bernarda, Catarina e Francisca. Destas duas últimas, diz Pedro Taques, que nasceram, respectivamente, em 10-7-1650 e 12-10-1654, ignorando-se, se faleceram em tenra idade ou se acompanharam seu pai, quando foi para a Capitania do Rio de Janeiro. Esta segunda hipótese é que é a verdadeira.

Catarina de Alarcão faleceu na freguesia da Candelária em 3-9-1700 e, no seu óbito, ha menção de seus filhos: Domingos da Fonseca Rendon, Bárbara de Alarcão, José de Alarcão e Antonio Braz de Alarcão. Êste apelido Fonseca me levou novamente aos livros de Guaratiba e alí fui achar o registro do batismo, em 18-4-1689, de José, f. l. de Manuel de Velloso Doria e Catarina de Alarcão. Não aparecendo em nenhum o apelido Fonseca, conjecturei que Manuel Velloso Doria era irmão de Luiza da Fonseca Doria (mulher de Luiz Vieira de Mendanha), a qual era filha de Melchior da Fonseca *Doria* e Francisca de Bittencourt e, esta, filha de Manuel *Velloso* Espina e de Isabel de Bittencourt.

Quanto à Francisca de Alarcão e Quevedo, casou-se ela com Manuel Cubas da Motta, e deles achei um filho, José de Barros Alarcão, natural e batizado na freguesia de Inhaúma. Casou-se, êste, duas vezes: na Candelária, em 19-8-1704, com Ana de Azedias, f. l. de Francisco Cabral de Mello e Vitória Rodrigues, e na capela dos Coqueiros da fazenda do Capitão Francisco Telles Barreto, em 24-12-1717, com Isabel de Souza Menezes, filha do Capitão. De José e de Isabel achei os seguintes filhos: Jerônimo (5-2-1725), Jancinto (22-7-1729), Maria (10-7-1731) e Manuel (8-8-1734), o primeiro batizado em Campo Grande e os demais em Guaratiba, residindo os pais em Sepetiba.

Pedro Taques dá aos pais de Fradique Rendon os nomes de Lourenço de Siqueira Furtado de Mendonça e Bárbara da Fonseca Dória. Achei ali Lourenço de Siqueira Rendon e Bárbara da Fonseca, pais de Bárbara, batizada em 30-1-1690, mas em Campo Grande, em 3-2-1717, aparece o registro do casamento do Capitão-Mór Salvador de Siqueira Rendon, natural e batizado na Matriz de Guaratiba, f. l. de Lourenço de Siqueira Mendonça e Bárbara da Fonseca Doria, com Rosa Maria, natural e batizada na Candelária, f. l. de Pedro de Abreu Rangel e Maria Caldas, casamento que se realizou também na capela dos Coqueiros, em que se consorciou em 5-1-1701, Clara Barboza de Menezes, filha do já referido Francisco Telles Barreto e de D. Mariana Barboza, com João de Sá Sotomaior, f. l. de Francisco de Sá Sotomaior e Branca de Peralta.

Acidentalmente achei, em Inhaúma, o óbito do Mestre de Campo João Ayres de Aguirre, em 8-8-1755, e, na Candelária, em 6-12-1687, o do Capitão Domingos Ayres de Aguirre,

que era casado com Maria Faleira, tinha um cunhado chamado Pedro Gago da Camara e um filho de nome Fernão Faleiro de Aguirre. Domingos e Maria eram os pais de Isabel de Vasconcellos, que se casou em Guaratiba, no oratório de Maria de Vasconcellos, em 20-10-1704, com Antônio Moniz Tello, f. l. de Egas Moniz Tello e D. Maria Pimenta.

Por falar em Pedro Taques, achei, em 10-5-1761, o registro do seu casamento no oratório da fazenda de André Francisco Xavier, sita na freguesia de S. Gonçalo do reconcavo do Rio de Janeiro, com D. Ana Felizarda Xavier e Silva, natural da freguesia do Pilar da vila de Ouro-Preto das Minas e moradora na de S. Gonçalo, f. l. de André Francisco Xavier e D. Rosa Maria de Jesus.

O nome, naturalidade e a filiação estão certos, isto é, Pedro Taques de Almeida Paes Leme, natural da cidade de S. Paulo e filho legítimo de Bartolomeu Paes de Abreu e D. Leonor de Siqueira Taques, mas não se declara que era então viúvo. Foram testemunhas do casamento o Guarda-Mór Pedro Dias Paes Leme e Antonio da Silva Pôrto.

Aqui terminam as minhas notas sôbre estas famílias, notas estas tomadas já nas últimas pesquisas que fiz, motivo por que nada mais acrescento, a meu pesar.

* * *

Terminado êste exaustivo trabalho de pesquisas, resta-me dizer mais algumas palavras. Escrevi-o por amor à história e à genealogia, por amor aos que formaram a base da nossa nacionalidade, por amor aos meus antepassados, e, finalmente, por amor ao meu Estado natal.

Tivesse competência e dispuzesse de tempo e de boa biblioteca sôbre os assuntos talvez escrevesse trabalho de maior vulto, porém certo estou de que êste, mesmo um tanto reduzido, bem pode valer por um dos mais volumosos livros, pelo paciente e perseverante esfôrço de pesquisar, depois de seis dias úteis de trabalho, muitas vezes em verdadeiros farrapos de papel, reconstituindo, bastas vezes, a vida de certos personagens históricos a que vários autores só fazem simples referência. Creio ter adicionado dados importantes e inéditos para a história da velha provincia e nisto estarei bem compensado.

Quís fazer, de certo modo, um livro própriamente meu, em vez de copiar o que outros, embora mais competentes, escreveram, pesquisando eu, quasi sempre, em velhos livros paroquiais. Fui, por isto, muito prolixo na citação de nomes e

datas, mas pensei que outro não se abalançasse a tanto, e, daquí há anos, talvez seja muito tarde. Pesquisei em livros de batismos, casamentos e óbitos das seguintes freguesias: Sé, Candelária, São José, Santa Rita, Guaratiba, Campo Grande, Ilha do Governador, Inhaúma, Irajá, Pilar do Iguassú, Sacra Família, N. S. da Conceição da Paraíba, N. S. da Conceição do Alferes, N. S. da Conceição de Vassouras, (destas 5 últimas fiz resumos que publicarei sob o título de «Genealogia Fluminense») e ainda muitos restos de livros das freguesias de Maricá, Capivarí, Magé, S. Gonçalo, N. S. da Guia de Pacopaíba, Guapiassú, S. João de Caraí e várias outras. Assim sendo, certo estou de que o leitor amigo me excusará por qualquer lapso em que tiver involuntariamente incorrido, menos por mim e sim pela falta de certos livros antigos.

Faltaria a um grande dever se não consignasse aquí os meus mais sinceros agradecimentos a todos os que, com a sua bôa vontade, gentileza e confiança, facilitaram o meu trabalho, sem demonstrar nunca a menor impaciência pelo meu contínuo pedido de livros para as buscas. A todos eles, cujos nomes não cito para não lhes ofender a modestia, o meu muito obrigado.

Uma explicação final: êste livro foi escrito na cidade do Rio de Janeiro, onde foi feita a maior parte das pesquisas. Toda a vez que se lêr «nesta cidade» deve-se entender pelo Rio de Janeiro, e «nesta freguesia» a freguesia do registro paroquial.

Sempre quís fazer algo pela história do meu Estado natal e êste livro foi talvez a minha única oportunidade. E que mais poderia dizer senão que tive imenso prazer em poder fazê-lo. Embora escrevendo-o na ortografia fonética, achei dever conservar a grafia antiga dos apelidos de família, como os seus donos os usavam. Assim respeitei os mortos e conservei a tradição das famílias, já tendo-me custado bastante suprimir o nosso «y», tão brasileiro.

ÍNDICE

	Pag.
Origem da Família Werneck	3
Gomes Ribeiro — Ribeiro de Avellar . .	29
De Rocha a Rocha Werneck	45
Corrêa e Castro	55
O 2.° Barão de Patí do Alferes . . .	60
Descendentes de Garcia Rodrigues Paes, na Paraíba	68
Francisco Tavares, o verdadeiro Alferes da «Roça do Alferes»	76
Antepassados do Duque de Caxias . . .	93
Os primeiros povoadores de Vassouras . .	97
Origens de algumas famílias antigas . . .	105